Diário de Lisboa

ANO 64 N.º 21 511
Julho 1984
Quinta-feira

19

30$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Convenção de S. Francisco termina

Walter Mondale é candidato à Casa Branca

Mondale discursando em S. Francisco

O ex-vice-presidente Walter Mondale foi escolhido como candidato democrata às eleições para a presidência dos Estados Unidos, a realizar a seis de Novembro próximo. Mondale superou facilmente a margem de 1967 votos de delegados à Convenção de San Francisco, os necessários à sua designação: votaram nele 2014 delegados. O seu principal rival, Gary Hart, obteve 1201 e o reverendo Jesse Jackson 448. Hart, apesar da sua afirmação de apoio a Mondale, não deixou de insinuar a inevitabilidade da vitória de Mondale, dados os fortes apoios, sobretudo da AFL-CIO, que lhe foram dados. Adoptou, no entanto, uma linguagem conciliatória para com Mondale e sua companheira de lista à vice-presidência, Geraldine Ferraro.

Págs. centrais

Ao iniciar as funções de treinador-principal do futebol benfiquista o jugoslavo Tomislav Ivic recolhe os primeiros esclarecimentos que lhe são prestados pelo adjunto Toni na presença do regressado Mário Coluna

Depois de Eriksson

Benfica na "era" de Tomislav

Pág. 15

Marchais

Marchais descontente com respostas a questões sobre desemprego e economia

Comunistas não entram no Governo de Fabius

Os comunistas franceses anunciaram hoje que não continuarão a participar no governo socialista, depois de Pierre Mauroy ter abandonado o cargo de primeiro-ministro para ser substituído pelo «tecnocrata» Laurent Tabius. A decisão foi tomada pelo Comité Central, que considerou insatisfatórias as afirmações do novo primeiro-ministro em matéria de economia e emprego. O secretário-geral do PCF, Georges Marchais, avistara-se ontem demoradamente com Fabius, após o que se reunira com um dos ministros comunistas, Charles Fiterman, e o dirigente sindical Krasucki. Apesar de se retirarem do governo, os comunistas continuarão a apoiar a maioria presidencial na Assembleia. No entanto, espera-se que, a partir de agora, os comunistas se tornem uma dura trincheira de crítica cerrada à política económico-social do governo de Paris. Fontes oficiosas soviéticas afirmaram em Moscovo que o Kremlin encarava com agrado a saída dos comunistas do governo de Paris.

Págs Centrais

Timor-Leste preocupa Presidência e Governo

Eanes e Soares à procura "de ponte" para Jacarta

O Presidente da República e o Primeiro-Ministro encontram-se esta tarde, a partir das 17 horas, em Belém ára abordarem o problema de Timor-Leste. Depois de na passada terça-feira, Ramalho Eanes e Mário Soares terem ouvido, em encontros separados, a Comissão Parlamentar Eventual para os Assuntos de Timor-Leste. No encontro desta tarde será abordadaa táctica a seguir para se obterem de Jacarta algumas concessões. Entre estas, a partida daquele território, ocupado pela Indonéria, dos que lá não desejam continuar a viver, a abertura de um Consulado português em Dili, a liberdade de ensino da língua portuguesa e a garantia de assistência humanitária à generalidade da população.

Pág. 5

Eanes e Soares: encontro hoje em Belém

Hoje "Ler/Escrever"

O suplemento «Ler/Escrever» entra para a semana de férias, umas férias durante as quais o «Diário de Lisboa» conta proceder à sua remodelação. O número do «Ler/Escrever» que publicamos na edição de hoje constitui, assim, o último da sua «primeira série», fiel às características gráficas e de conteúdo com que foi criado.

"Caso" FP-25

Detidos dizem-se ameaçados de morte

Os presos do «caso FP» divulgaram ontem uma carta-comunicado na qual se afirmam ameaçados de morte se revelarem a identidade dos seus captores. Na carta, distribuída através da Comissão de Familiares e Amigos dos detidos, os reclusos acrescentam que na operação policial que conduziu à sua detenção «foram emitidas ordens de captura em branco e mandados de busca e apreensão sem moradas». Paralelamente a este comunicado, os presos apresentaram ao director dos Serviços Prisionais uma lista de reivindicações, da qual enviaram uma cópia ao juiz de Instrução Criminal e aos órgãos de Comunicação Social. Entre as revindicações apresentadas conta-se a exigência de «uma hora de recreio, o céu aberto, todos os dias»

Pág. 20

FNAC

Somos o ar condicionado

A mensagem de Bento de Jesus Caraça em face de quantos dela se têm esquecido

António de Sequeira Zilhão

TRAZEMOS ao presente, na evocação do prof. Bento de Jesus Caraça, as traves mestras do seu pensamento e a verdadeira **mensagem** que a sua palavra, os seus escritos, a sua pedagogia e, em especial, a sua actividade cívica — como democrata e resistente antifascista — deixaram, indelevelmente, aos seus discípulos e amigos e aos seus fiéis companheiros de luta, aos jovens do seu tempo e, ainda, a muitos jovens de gerações posteriores.

Entretanto importa verificar os desvios, as adaptações e as actualizações do carácter em quantos se têm afastado do espírito dessa fidelidade; e quer por omissão e retirada, quer por acção ou comissão ao enveredarem por outras orientações e supostos «realismos»...

E importa, talvez, estabelecer a relação entre os termos daquela mensagem e a consideração da mancha geral dos fenómenos político-sociais que no País se desenrolaram e processaram para além da morte de Bento Caraça no já algo distante ano de 1948.

Assim há, pois, que perspectivar, a traços muito amplos, o quadro do que ocorreu e se tem passado, para, do conhecimento e da caracterização desse circunstancialismo e, por outro lado, do conhecimento e caracterização das coordenadas mentais e éticas em que se movem Bento de Jesus Caraça, extrair ou deduzir a ideia de qual seria a sua posição hoje, muito especialmente tomada no quadro actual da política portuguesa.

Bento de Jesus Caraça sempre exprimiu e explicitou atitudes claras e desassombradas, reflexões e conceitos sempre radicados numa filosofia social e política devidamente estruturada, não perdendo de vista a complexidade e o imbricado dos problemas, a trama das contradições inevitáveis e as vicissitudes dos processos de luta pela «marcha para um estado superior da orgânica, para a supressão do antagonismo entre o individual e o colectivo...», para, enfim, um mundo e uma sociedade melhores. E aqui, como é evidente, nunca esquecendo o que particularmente dizia respeito à sua Pátria.

Salientando que «A civilização de base capitalista tornou inoperantes os princípios de liberdade individual e de igualdade, para não falar já no de fraternidade que só por sarcasmo se pode pretender que esteja incluído hoje entre as ideias dominantes da governação», Bento de Jesus Caraça lançava aos homens da sua geração a ideia da necessidade de uma tomada de posição firme, inequívoca:

«Precisamos, para não trair a nossa missão, de nos forjarmos personalidades íntegras, de analisarmos o nosso tempo e de actuar como homens dele. Como homens que sabem distinguir o fundamental do acessório; que, na resolução de um problema, não se deixam perder no emaranhado dele, nem cegar pelas nuvens de fumo que os interessados pela sua não solução a todo o momento e infatigavelmente lançam».

Ora esta verdadeira injunção — que o prof. Bento Caraça, cônscio das suas responsabilidades como intelectual, como cidadão e como antifascista, sempre traduziu pelo seu exemplo pessoal —, esta **injunção** mantém hoje, mais do que nunca, a sua valildade para as novas e presentes gerações em face dos problemas do mundo e do País. Não confundir o fundamental com o acessório; afastar as nuvens de fumo lançadas pelos interessados na não solução desses problemas...

Isto é perfeitamente actual.

E para quem conserve vívido, no espírito e na consciência, todo o referencial das características mentais e éticas de Bento de Jesus Caraça, dos valores e dos princípios essenciais por que lutou e aos quais dedicou a sua vida — torna-se inquestionável e deveras evidente não haver qualquer abusiva extrapolação mas, sim, uma legítima, útil e pertinente prolação quando se evoca a figura e a acção do saudoso professor e democrata no plano da consideração actual dos problemas fundamentais do mundo e, em especial, da sociedade e da política portuguesas.

O país, tendo jazido sob uma aparente e superficial ordem de sossego e paz continental — de paz podre, aliás —, foi dexado, ao fim de quarenta e oito anos de antidemocracia, num inegável estado de atraso, tanto no campo económico — técnica e socialmente falando —, como no da estrutura e sedimentações culturais e educativas, mormente quanto à formação cívica do povo. No que se refere ao Ultramar e à guerra colonial nele travada, tinha-se estadeado o dramático impasse político — militar anteposto, teimosamente, a uma natural e atempada evolução para uma razoável, irrecusável e progressiva descolonização sob a decisão autodeterminativa das respectivas populações — fenómenos universal, de resto, a cujo desenvolvimento Portugal não devia, nem podia, ter a pretensão de se subtrair eternamente, na singular excepção do «orgulhosamente sós» conforme à sentença de Salazar.

O acto libertador do 25 de Abril foi, indiscutivelmente, obra do MFA se bem que, em última análise, apoiado na tradição já longa de decénios de resistência antifascista, e tendo provocado a adesão e a envolvência populares que tanto contribuiram para o êxito militar do Movimento (o qual congregava um núcleo decidido de jovens e valorosos oficiais, e em que é justo não olvidar o destaque devido à persistência e ao génio estratégico do major Otelo Saraiva de Carvalho que conduziu as operações coroadas pela vitória).

Desse acto veio a sair um complexo e contraditório processo revolucionário que, ao lado de apreciáveis conquistas, despoletou toda uma série de dificuldades ligadas quer a manobras e intrigas tecidas pelos adversários provenientes do regime deposto, quer a sabotagens provenientes dos meios internacionais, quer — em grande parte — às condições materiais e psicológicas sobrecarregadas de problemas que se apresentaram como lastro herdado de uma época de repressão, asfixia e atraso, de um longo período de impreparação educativa, de egoísmo «imperial» e de ódios acumulados.

Tais dificuldades, habilmente exploradas pela reacção política, a breve trecho acentuaram-se e agravaram-se com a indecisão, a heterogeneidade e a divisão interna dos próprios homens do MFA. E, para encurtar razões, deve poder afirmar-se que, de um modo geral e com continuidade e persistência, não se soube fazer face às assinaladas dificuldades por carência de uma necessária e esclarecida energia coordenadora e actuante, específica de um disciplinado, coerente e austero espírito revolucionário adaptado à acuidade da situação e à resolução dos problemas.

Isto se afirma, como é óbvio, sem desdouro pelas boas vontades e rectas intenções que ao longo do **processo** se revelaram. Mas este — em vez de ser razoavelmente expurgado de desnecessários e contraproducentes excessos, entrechoques, desencontros e desbortamentos — veio a ser, quase diríamos pura e simplesmente em torno do regime e do seu símbolo vivo, o ditador Salazar, indicavam o reforço da carapaça fascista do Estado e do ambiente irrespirável do totalitarismo nazi-fascista que se instalava à medida que as nuvens negras duma próxima grande guerra mundial se acumulavam no horizonte. Por outro lado, os movimentos de resistência e de luta intensificavam-se ao calor da esperança que vinha das Frentes Populares que se constituíam um pouco por toda a Europa e que, nos regimes de democracia parlamentar da França e da Espanha, ascendiam ao poder em eleições livres, ganhando entre nós formas clandestinas combinadas com outras que aproveitavam todo o espaço possível da escassa legalidade que cabia ainda nas malhas dos apertados regimes ditatoriais como o de Portugal. Num tal ambiente, a liberdade era uma invenção quotidiana.

Após os números iniciais, coincidindo com a vinda de Manuel de Azevedo para cursar a Faculdade de Letras na Universidade de Coimbra, a redacção do «Sol Nascente» foi transferida para esta cidade, onde a revista passou a ser integralmente feita, embora a impressão e a remessa à censura dos textos, coordenadas pelo José Augusto da Silva Martins (que entretanto concluíra o seu curso e fora trabalhar para o Porto), continuasse na capital delicada, consistente em fazer-lhes a adaptação, quando esta se impunha, na mira de evitarmos os cortes totais da censura que tornariam a revista praticamente inviável.

Felizmente para nós a censura era ainda geralmente constituída por gente de letras grossas, vinda dos primitivos tempos da ditadura militar, com abundância de oficiais tarimbeiros, aos quais passavam despercebidas muitas implicações que não se situassem ao nível do vocabulário mais carismático de esquerda. Assim, uma palavra como «capitalismo» podia acarretar o corte duma série de páginas, todo um artigo, com os inerentes prejuízos e dificuldades. Mas o mesmo artigo já poderia passar se essa palavra fosse substituida por outra, inventada como sinónio, tal a de «lucrativismo», que o leitor, com a continuidade, se acostumaria a entender. O mesmo sucedia com o vocábulos«reaccionário», substituído por «rectrocedivista», etc., etc. Marxismo, materialismo dialéctico, pontos obrigatórios de referência em muitos desses escritos, eram palavras que nem de longe se podiam escrever.

Mas, se as transfigurassemos em «pensamento diamático» ou algo semelhante já os senhores da censura não tinham objecção... Chegou a ser publicado no «Sol Nascente», a tradução dum texto conjunto de Max e Engels onde estes nomes eram substituídos pelos primeiros, atribuído ao grande filósofo alemão Karl Friedrich.

A revista, uma vez pronta no Porto, era-nos remetida para o Manuel de Azevedo, afim de ser expedida aos assinantes e instâncias de depósito obrigatório, a partir da redacção, que era no quarto dele. E daí, depois de cintada e etiquetada, inteiramente por membros da redacção, seguia em malas de estudantes, cada uma transportada a pé por dois membros, devido ao peso, descendo a encosta íngreme, para o velho correio da Sé Nova, onde essa expedião se fazia. O Manuel de Azevedo era sempre desse número de «voluntários», de que eu também fazia parte, além do António Correia, Jorge Torres e, por vezes, outros. Automóveis e dinheiro eram coisas que não abundavam entre nós, num tempo em que só o idealismo, a generosidade, o calor da juventude e uma crença absoluta na importância do que fazíamos para um futuro melhor sobejavam.

Por essa altura, a partir de 1941, já depois de extinto pela censura, através dum simples ofício de proibição, o «Sol Nascente» (foi no Verão de 1940, quando também foram extintos o velho «O Diabo» de então, «O Trabalho», de Viseu, e uma rede de jornais da província, e foi o José Martins, do Porto, que mo comunicou, mostrando-me o ofício fúnebre, acompanhado daquele seu sorriso melancólico, mas de quem sabe que, apesar de tudo, nada acaba e tudo continua...), Manuel de Azevedo iniciou a publicaão, a partir do Porto, dos «Cadernos Azuis», colecção de cultura viva, que era ainda uma forma de continuar.

Publicação não periódica, constituída por uma série de ensaios, entrando na modalidade de livros, estava dispensada de censura, embora sujeita a apreensão. Crítico e estudioso do cinema, iniciou-a com o seu ensaio «O Cinema em Marcha», já referido no «Diário de Lisboa» de 9.7, «política de A a Z», no belo artigo que lhe foi dedicado sob o título «Uma geração que esteve na Resistência». Seguiram-se-lhe novos cadernos como «A Arte e a Vida», de António Ramos de Almeida, «Aurora e Crepúsculo de uma Idade», de Júlio Filipe (pseudónimo de Júlio de Almeida Carrapato, actualmete deputado e advogado algarvio), sendo o último uma colectânea de contos breves de Jorge Victor (cujo autor se chamava, se bem me lembro, Jorge Portugal Branco e era de Alcácer do Sal).

A vida não parou aí. Continuou o seu curso, irredutível a esquemas e incaptável em fórmulas rígidas, por esses e outros caminhos. Seguiram-se-lhe novos tempos em que o curso da história para a liberdade se acentuou. Foram os da vitória sobre o nazi-fascismo e, em Portugal perante a persistência do salazarismo, os do M.U.N.A.F. (Movimento de Unidade Nacional Anti-Fascista), de 1942-46, do M.U.D. (Movimento de Unidade Democrática), de 1945-48, M.N.D. (Movimento Nacional Democrático), de 1949-57, das J.A.P. (Juntas de Acção Patriótica), de 1960-63, e vários outros movimentos de candidaturas democráticas desses anos.

Além de, mais num campo mais especificamente cultural e aparentemente mais distanciado da polícia, os do Cine-Clube do Porto, do Círculo de Cultura Teatral, da Sociedade Editora Norte, etc... Em todos eles encontrei e colaborei com Manuel Azevedo, sempre na mesma luta apesar das dificuldades materiais da sua vida. Com aquele seu feitio irónico e brincalhão que, por vezes, se poderia confundir com algo como melancolia e desilusão, mas sob o qual sempre esteve um Homem de um só rosto e uma só fé, que nunca virou a cara aos valores da sua juventude.

Continua na pág. 6

Manuel de Azevedo

Armando Bacelar

O jornalista que foi a enterrar na tarde dum dia brumoso deste mês de Julho foi figura destacada dos movimentos cultural e político progressistas iniciados na juventude académica na segunda metade da década de trinta deste século e que depois se prolongou.

Manuel de Azevedo contou-se entre os jovens intelectuais do Porto que lançaram a publicação mensal de cultura e ideias «Sol Nascente», pelo ano de 1937, e depois se reuniram em volta dela. Seus companheiros nessa iniciativa e nesse movimento, inicialmente um tanto vago e idealista, foram Carlos F. Barroso, Dilermando Marinho, António Lobão Vital, Virgínia Moura, José Soares Lopes, Afonso de Castro Senda, Armando Martins, Afonso Ribeiro e outros.

Era uma época particularmente dura mas, ao mesmo tempo, muito estimulante da vida portuguesa. Por um lado, a então recente criação da Legião e da Mocidade Portuguesa, a corporatização da economia, o aumento da repressão policial com a reestruturação da incipiente Polícia de Informações na PVDE, o reforço da censura a todas as formas de pensamento escrito, a vaga de demissões com particular incidência nas universidades e no ensino, a drástica supressão do associativismo e do sindicalismo livres, o acentuar do colonialismo, a promoção de manifestações «espontâneas» e de culto da personalidade em torno do regime e do seu símbolo vivo, o ditador Salazar, indicavam o reforço da carapaça fascista do Estado e do ambiente irrespirável do totalitarismo nazi-fascista que se instalava à medida que as nuvens negras duma próxima grande guerra mundial se acumulavam no horizonte. Por outro lado, os movimentos de resistência e de luta intensificavam-se ao calor da esperança que vinha das Frentes Populares que se constituíam um pouco por toda a Europa e que, nos regimes de democracia parlamentar da França e da Espanha, ascendiam ao poder em eleições livres, ganhando entre nós formas clandestinas combinadas com outras que aproveitavam todo o espaço possível da escassa legalidade que cabia ainda nas malhas dos apertados regimes ditatoriais como o de Portugal. Num tal ambiente, a liberdade era uma invenção quotidiana.

Após os números iniciais, coincidindo com a vinda de Manuel de Azevedo para cursar a Faculdade de Letras na Universidade de Coimbra, a redacção do «Sol Nascente» foi transferida para esta cidade, onde a revista passou a ser integralmente feita, embora a impressão e a remessa à censura dos textos, coordenadas pelo José Augusto da Silva Martins (que entretanto concluíra o seu curso e fora trabalhar para o Porto), continuasse na capital nortenha. Os títulos e nomes que figuravam no cabeçalho da publicação também se mantiveram inalterados para que o pedido de qualquer modificação perante as autoridades da época não acarretasse e sua arbitrária supressão.

Faziam parte desta nova redacção, além do elemento de continuidade que era o próprio Manuel de Azevedo, Joaquim Namorado, Fernando Pinto Loureiro (Rodrigo Soares), Jofre do Amaral, (que por vezes, assinava Albertino Gouveia), Fernando Marta (Luís Vieira), Armando Castro, Egídio Namorado, o autor destas linhas (Carlos Relvas) e outros, todos ao tempo estudantes de Coimbra, que eram animados por um espírito ideologicamente marxista e, em literatura e arte, neo-realista.

A sede não oficial da redacção situava-se no próprio quarto exíguo de estudante que era o do Manuel de Azevedo em Coimbra, ao cimo da Couraça de Lisboa, mesmo ao lado das belas instalações do CADC (Centro Académico da Democracia Cristã), fundado pelo próprio ditador Salazar e por Cerejeira e considerado um antro da reacção.

Os originais para publicar chegavam-nos, alguns por planificação e outros espontaneamente, muitos deles subscritos por pseudónimos, para conservar aos seus autores a liberdade possível de acção política, quase toda clandestina, já que a «legal» era vedada. E tínhamos ainda, além das tarefas normais de selecção e paginação, outra bem

Uma carta de Luiz Francisco Rebello

Meu caro Piteira Santos,

Regressando de uma curta viagem a Paris, fui dolorosamente surpreendido pela notícia, para mim inesperada, da morte do Manuel de Azevedo. Não o sabia doente, e daí o choque recebido. Venho, por isso, com atraso, significar-lhe o muito pesar que essa notícia me causou – com o pedido de transmitir a toda a Redacção as minhas condolências.

Sem alardes nem hesitações, a causa da Liberdade e a defesa da Cultura democrática (a única verdadeira) encontrou sempre nele um combatente denodado, e pagou com pesados sacrifícios o preço da sua dedicação a essa causa. A sua vida e o seu companheirismo ficam como um exemplo que não pode ser esquecido.

Nesta hora triste, aceite, meu caro Piteira, o abraço pesaroso, para si e todos quantos trabalham no «Diário de Lisboa»,

Dr. Luís Francisco Rebello

Câmara Municipal de Sesimbra

CONCURSO PÚBLICO

MONUMENTO AO 25 DE ABRIL

Por deliberação desta Câmara de 14 do corrente mês de Junho, está aberto concurso para a elaboração de uma maqueta que servirá de modelo ao «Monumento À Revolução do 25 de Abril», a localizar na entrada da Vila de Sesimbra.

Os trabalhos deverão ser entregues até 90 dias após a publicação do aviso em «Diário da República», no Departamento de Desenvolvimento Cultural da Câmara Municipal, onde poderá ser consultado o processo do concurso.

Paços do Concelho de Sesimbra, 29 Junho de 1984

O Presidente da Câmara
Ezequiel Lino

Informação
CAMARA MUNICIPAL DE SESIMBRA

Oitava Conferência da Reforma Agrária

Um balanço muito sério

Lourdes Féria

Eram os cereais, o vinho, a fruta, o azeite (tudo produzido na Reforma Agrária) que prendiam os olhos dos participantes na 8.ª Conferência. Embevecidos estacionavam junto à banca dos produtos expostos. Orgulhosos miravam o que ao seu labor se devia. Vinho de Pias, azeite de Moura, melão de Avis, beringelas de Mora e a cortiça montados que as cooperativas possuem. Era uma pequena amostra, insignificante, no conjunto da produção arrancada aos terrenos agros. Era, por outro lado, a confirmação de um tese, defendida há muitos anos. Porque a Reforma Agrária não se pode apenas traduzir em coisas... é também um projecto social em que os intervenientes na reunião de Évora crêem.

É isto: «Por muito reaccionário que sejam» os governos nenhum deles conseguirá destruir o nosso pensamento e a nossa luta...» Dos 1 130 000 hectares tomados restam 473 000; das 500 UCPs e Cooperativas que se criaram sobram 355. A redução da área de terra correspondeu ao desaparecimento de mais de metade dos postos de trabalho disponíveis na altura em que a Reforma Agrária atingiu o auge das suas potencialidades.

Apesar dos impedimentos os trabalhadores agrícolas lograram construir 1300 barragens e charcos, fazer mais 30 000 hectares de regadio, alargar a área forrageira, desenvolver a pecuária, introduzir novas culturas (beterraba sacarina, tabaco, beringela, espargo, hortícolas de estufa), recuperar solos infestados de erva e pedra. Obviamente que todo este esforço mexeu com a qualidade de vida das populações rurais. A pouco e pouco foram surgindo creches, centros para a 3.ª idade, sociedades desportivas e recreativas, bibliotecas, cooperativas de comercialização, lagares oficinas, talhos, padarias, lojas, mercados. A segurança no que respeita a salários, subsídios de férias e outras regalias sociais **«Temos o que nunca tínhamos tido...»**, diz um velho trabalhador.

A UCP de **Neves Borges,** actualmente membro do Secretariado das UCPs e Cooperativas de Beja, apesar dos reveses sofridos (24 reservas) sente-se satisfeita por ter feito, este ano, umas boas sementeiras. **«Não estamos desmoralizados, de outra maneira tínhamos cruzado os braços. Agora esta lei que eles andam para aí a congeminar é que poderá vir a ser um cemitério da Reforma Agrária».**

Não foi pacífica a usurpação de terra à UCP «Margem Esquerda», de Serpa. Lutou, desde o princípio, logo que em 1976 lhe demarcaram a primeira reserva.

Não repeliu os atacantes, escudados na Lei **«Barreto»** e nas forças da GNR, porque isso seria quase impossível. Mas resistiu. E ainda há pouco tempo, à 24.ª reserva, a resistência mais uma vez se viu. **«Escondemos o gado e os tractores...»** Encontraram-nos? – pergunto. **«Infelizmente».** Na sua intervenção **Neves Borges,** um tractorista de trinta e poucos anos, afirmou do alto da tribuna que os portugueses estavam enterrados num monte de estrume. **«Temos de limpar o País, camaradas»** Riram-se os assistentes porque havia humor intrometido na sua fala. **«Não disse que este homem ou aquele eram uma merda. Quis referir-me, sim, à sua política...»**

Que mal tem este desabafo? Não houve já um Primeiro-Ministro que mandou os trabalhadores **àquela parte?**

Pecuária

A Reforma Agrária aposta na pecuária, **«componente primordial do seu sistema produtivo»** como acentuou o técnico Arquimínio Mocinho, membro da Comissão Organizadora da 8.ª Conferência. Não obstante as 241 mil cabeças «roubadas», uma enorme contrariedade, o encabeçamento é ainda o dobro do registado antes das ocupações. Isto deve-se **«à correcção e melhoramento das técnicas de maneio».**

Segundo aquele técnico é notório o aumento da produção do leite no período que vai de 1976 a 1983. De **314** litros passou-se para **1040.** A título de exemplo cita, como vanguardistas na produção leiteira, as cooperativas «1.º de Maio» de Avis, «A Luta é de Todos» de Mora e «Águas Belinha» de Coruche.

No entanto referiu, **«uma acentuada diminuição»** da área de forragem. Situação provocada pelos altos preços das razões e de outros factores necessários à sua manutenção. Sem bazófias, dando a ideia de que nem tudo caminha sobre rodas, lamentou os baixos rendimentos no campo das oleaginosas. **«Temos de reconhecer, no caso do girassol, alguma falta de cuidado com o seu cultivo e limitações pouco justificadas na sua área de incidência».**

Embora o girassol seja uma cultura que a Reforma Agrária considera de interesse estratégico, os resultados não são tão famosos como se desejaria. «Há que desenvolvê-la na base dos cuidados e técnicas culturais exigidas, da escolha de variedades mais adquadas e inclusive do seu avanço para terras irrigadas».

Outro factor de entrave a uma exultante disposição das pessoas que trabalham na Reforma Agrária, sejam assalariados agrícolas ou técnicos, foi a falta de água. **«Daí que se torne necessário não só a sua armazenagem como ainda uma correcta utilização deste líquido».** Aqui surge a pergunta: como é possível o Governo do PS/PSD manter parado o empreendimento do Alqueva que permitiria abastecer de água mais de 200 mil hectares de terra?

(Arquimínio Mocinho opera na área do Couço).

Cortiça

Quem atravessa o Alentejo defronta-se com seculares árvores, em conformidade com a estrutura do solo da charneca. Não são árvores ornamentais nem improdutivas. Dão cortiça, uma riqueza que os trabalhadores da Reforma Agrária queriam controlar. **«No ano de 1983 verificou-se um acréscimo sensível do volume da cortiça extraído sem que, contudo, tenha havido o correspondente benefício devido aos trabalhadores, que apenas vieram a receber cerca de 14% do valor dessa produção. A importância recebida representa menos de um terço dos custos efectivos da extracção».**

Há que salientar ainda os prejuízos decorrentes das proibições e obstáculos levantados à feitura de cortes, podas e limpezas dos sobreiros. Estas condicionantes da actividade florestal das UCPs e Cooperativas, expressas num conjunto de diplomas governamentais, têm sido por aquelas contestadas. **«Impõe-se a sua revogação»,** é o que diz o texto apresentado na 8.ª Conferência por António Teles, contabilista da UCP «Muralha de Aço» de Beja.

Texto que informa também sobre os investimentos realizados pelas UCPs e Cooperativas, desde o início da Reforma Agrária. Exactamente: **três milhões e 630 mil contos,** o que tendo em conta os coeficientes da desvalorização monetária equivale, em termos de valores actualizados, a **nove milhões e 950 mil contos.**

Realmente entre os agentes determinantes da consolidação da Reforma Agrária estão os **quadros.** Foi este o tema abordado por Lino de Carvalho, do Secretariado Distrital das UCPs e Cooperativas de Évora. «... **É preciso que os quadros dirigentes conheçam, no concreto, os problemas das diversas cooperativas e da situação política em geral; que leiam e estudem textos necessários à sua informação e formação; que preparem bem as reuniões**

Continua na pág. 4

Alguns produtos (milho, grão, trigo, arroz, feijão, amêndoa, azeite, melão, morangos, beringelas...) da Reforma Agrária

O estatuto das mulheres

Propõe-se, pelo menos é sua intenção, fazer um estudo sobre o papel das mulheres da Reforma Agrária. Até que enfim, alguém se lembra delas! Esse alguém é um elemento da Comissão da Condição Feminina que apresentou um projecto de Trabalho ao Secretariado Distrital das UCPs e Cooperativas de Évora. Deram-lhe luz verde, prontificando-se a fornecer-lhe alguns meios, nomeadamente transporte, alojamento e informação.

O projecto incide sobre **«o estatuto da mulher na Reforma Agrária»**, essencialmente. **«Vou tentar investigar em que medida esta conquista revolucionária contribuiu para a melhoria da condição feminina».** Elas foram activas na luta pela posse da terra, na oposição às classes dominantes. Elas são intervenientes no processo. Elas são **sujeito** – convém não esquecer.

Para além de ser um projecto económico a Reforma Agrária é também um projecto cultural. **«Na medida em que o modo de produção condiciona a vida das pessoas, vai alterar o quotidiano dos homens e das mulheres».** E certamente mudar-lhes as ideias, derrubar-lhes os preconceitos, abrir-lhes os horizontes, torná-los mais **livres.** Não será assim? **«Julgo que as mulheres têm em si grandes sementes de liberdade que algumas delas ainda nem sequer descobriram. De certa maneira revelam-se, por vezes, menos conservadoras do que os homens. Todavia é muito importante para elas ter o seu homem e a confiança dele... através disso creio que sacrificam aquilo que aparentemente é acidental, uma certa «praxis» que ao fim e ao cabo vai produzir e reproduzir a gestão da sociedade pelo homem».** Em situações limite, porém, são capazes de ruptura. E daí a perplexidade, as especulações masculinas sobre a mulher «esse continente desconhecido» e imponderável.

«Vou tentar perceber o que se passa. Quero confirmar algo que pressinto....», diz a investigadora.

Os nossos amigos holandeses

Vindos da Holanda, em 1977, travaram conhecimento com a cooperativa «Che Guevara» de Alvalade-Sado. E foi uma paixão súbita, amor à primeira vista. Estes jovens estudantes, loiríssimos do Norte da Europa, sensibilizados com o processo da Reforma Agrária prontificaram-se a ajudar. Durante quatro semanas apanharam tomate, carregaram palha, colheram erva nos arrozais. «Dormíamos nas nossas tendas e pagávamos a nossa comida...» Eis o que um deles me diz. Em alvoroço regressaram à sua cidade, **Nimega**. Porém na firme disposição de voltar.

Escreveram cartas aos amigos que arranjaram na cooperativa «Che Guevara». «Necessitam de alguma coisa? – perguntavam. Em função da resposta, no ano seguinte, trouxeram uma carrinha carregada de roupas. «Eles precisavam de coisas quentes para vestir no Inverno...» A partir daí formam um grupo, na Holanda, de apoio à Reforma Agrária que ainda hoje funciona. «Na Primavera de 1978 apresentámo-nos na União de Cooperativas de Alvalade-Sado com um grupo de trinta e tal pessoas».

Num português rudimentar, um dos fundadores do Grupo de Apoio à Reforma Agrária afirma: «Somos independentes de esquerda, talvez um pouco esquerdistas. Somos activistas da luta de solidariedade com os países do Terceiro Mundo». Com efeito descendem, e muitos deles pertenceram ao movimento dos anos 60, que nos países desenvolvidos da Europa fixou a sua atenção na problemática terceiro-mundista. Era preciso tomar posição contra o que se passava no Vietname, no Chile, na África do Sul e em certa medida na Europa do Sul, sob a pata de regimes fascistas, em que a Grécia, Espanha e Portugal eram dos exemplos mais flagrantes.

Aconteceu a Revolução dos Cravos. E uma certa juventude europeia veio vê-la de perto. Andou nas ruas, nos campos. Em parte assistiu ao seu apogeu e declínio. «Depois os ataques à Reforma Agrária, que demoliu o latifúndio, tornaram-se sérios. Houve um evidente recuo e apercebemo-nos de que também a cooperativa «Che Guevara» era alvo de agressões».

Então os seus amigos holandeses resolveram fazer uma campanha de solidariedade. Escrevem artigos em revistas, ocupam pacificamente a Embaixada portuguesa em Haia, promovem manifestações em Nimega, organizam exposições de

Manifestação, na Holanda, contra a repressão exercida sobre os trabalhadores agrícolas portugueses.

fotografias que descrevem a vida das cooperativas. E numa tentativa de arranjar aliados, entre os deputados holandeses que se preparavam para visitar Portugal, fazem-lhes chegar às mãos um «dossier» completíssimo sobre as entregas de reservas e a actuação da GNR na zona da Reforma Agrária.

Os anos vão-se seguindo e o grupo de holandeses que apoiam a Reforma Agrária não desiste. Não desalenta. Continuam a auxiliar com fundos, propaganda, edição de cadernos e livros. Em 1979 outros grupos holandeses, nomeadamente de Wageningen, Haia, Amesterdão e Utreque, aderem ao movimento de solidariedade iniciado pelo núcleo de Nimega. No ano seguinte recebem um convite para estarem presentes na 4.ª Conferência da Reforma Agrária, o que demonstra a gratidão e simpatia dos trabalhadores para com os amigos holandeses.

Abril de oitenta: um ano péssimo para as UCP's e cooperativas. Os ataques recrudesceram com o Governo de Sá Carneiro.

Muitos holandeses, integrados nas jornadas de trabalho, observam indignados as entregas de reservas com todo o aparato de que se revestem. Regressam ao seu país ainda mais motivados para a actividade solidária. De tal maneira «agitam» a opinião pública que conseguem, em Novembro de 1981, 20 mil florins, dinheiro que depositam num fundo de apoio.

Inteiraram-se, a fundo, da situação no interior das cooperativas durante as jornadas de trabalho? «Vimos que havia uma relação desigual entre o homem e a mulher. Ficámos com muitas perguntas para responder...» Em 1982 não houve jornada trabalho a conselho dos organismos sindicais. Razões políticas – objectaram. «A decisão não foi fácil para nós...» Mas continuaram promovendo iniciativas entre as quais destacamos uma excursão de jovens agricultores à Reforma Agrária e a algumas explorações do Norte e Centro de Portugal.

Pronunciaram-se sobre a entrada de Portugal no Mercado Comum que acham «inconveniente». Na Primavera de 1983 desenvolvem uma campanha com vista a reunir dinheiro para a montagem de uma creche na cooperativa de **Aguiar,** no distrito de Évora. Obtiveram quatro mil florins. Mais tarde, anulam um mini laboratório para a União de Cooperativas «Promoção Camponesa» de G ândola, contribuição que veio permitir a análise das terras.

Com grupos de outros países, nomeadamente da Alemanha, combinam novas acções de solidariedade. Dessa conjugação de esforços resulta uma **carta aberta** ao Parlamento português, em que se lavra um protesto contra as entregas de reservas desencadeadas pelo Governo de Mário Soares e Mota Pinto.

E agora, em 1984, dez anos após a Revolução dos Cravos? «Portugal parece ser uma República esquecida num canto da Europa. Dela pouco se fala... a Imprensa internacional limita-se a referir apenas as personalidades políticas ou militares». Todavia, os amigos holandeses não esqueceram os trabalhadores da Reforma Agrária. Nesta 8.ª Conferência estiveram **lá,** em Évora, entre os convidados. «Viremos sempre que for preciso... eu já cá estive 12 vezes».

Foi o que me contou Wilbert Kruysen, autor de um livrinho intitulado «Sete Anos de Grupo de Apoio à Reforma Agrária, 1977-1984».

L. F.

assembleia da república

Socialistas reclamam outra Lei de Segurança Interna

Soares «Big Brother» ou maioria sem norte no que toca à segurança interna? São estas as perguntas que ficam sem resposta no debate da Lei de Segurança Interna que ontem à tarde prosseguiu em S. Bento e que foi animado pela primeira intervenção de um deputado socialista em «defesa» da proposta que o Executivo apresentou ao parlamento.

Defesa claramente entre aspas, porque Jorge Lacão, o ponta de lança do Grupo Parlamentar socialista nesta matéria, insistiu em deixar claro que o que defende é a necessidade de uma Lei de Segurança Interna. Mas não desta – «Não há liberdade sem que sejam atribuídos os direitos fundamentais aos cidadãos e sem que tais direitos sejam verdadeiramente garantidos na prática», reconheceu.

O debate é, assim, aparentemente uma conversa de surdos. A oposição mais veemente – os comunistas – crítica o «delírio repressivo» demonstrado pelo Governo na apresentação da proposta. E Carlos Brito foi mesmo ao ponto de afirmar que «não se resiste em ver um 'big brother' Soares nesta autoridade nacional de segurança.

A maioria, pela voz de Lacão, aceita implicitamente muitas das críticas, propondo-se na especialidade traduzir em normas os princípios democráticos.

Mas, contesta-se das bancadas da oposição, se esta lei não serve porque há-de ser votada?

Perguntou Hasse Ferreira, da UEDS, ontem à tarde: «Vamos votar uma ideia geral ou apenas a confiança no Governo? Mas nem a ideia geral conhecemos e a moção de confiança não tem sentido porque já aqui foi aprovada».

E Magalhães Mota, da ASDI: «Quererá a maioria uma autorização legislativa para fazer aprovar uma nova lei em comissão especializada?».

Nas bancadas da maioria ninguém defende a lei. E o Governo, até agora, entra mudo e sai calado, depois da vergonhosa escapadela do ministro Eduardo Pereira. Ontem aguardava-se com expectativa uma prevista intervenção do responsável pela pasta da Justiça Rui Manchete. Mas quantidade de interpelações feitas a Jorge Lacão, adiaram o discurso do ministro para a próxima terça-feira.

Entretanto, afirmações conhecidas do Governo só as de Mota Pinto, à porta do seu partido (ver noutro local desta edição). Mas elas são frontalmente contrárias às declarações de Lacão no parlamento...

Este deputado socialista começou ontem por afirmar que o objectivo dos socialistas era começar pela «formulação de um adequado e operacional conceito de segurança interna», para «assegurar a compatibilidade das formas de organização e de acção de polícia, em seu nome realizáveis, com uma ordem jurídica fundada na consegração dos direitos, liberdades e garantias da pessoa humana».

E para isso, defendeu, aperfeiçoar o que não existe não chega. Porque obriga a «um esforço de integração e de coordenação das várias polícias», completado pela sua enumeração legal e hierarquização e pelo estabelecimento das condições de actividade dos agentes de segurança e pela definição concreta das medidas legais e especiais de polícia.

Estas medidas especiais, defendeu Lacão, tais como as buscas domiciliárias, as escutas telefónicas ou a intercepção de correspondência «deverão ser juriscicionalizadas e condicionadas na sua aplicação a tripificados pressupostos legais».

Noutra demarcação da proposta governamental, Lacão admitiu que a protecção civil poderá «constituir matéria para um diploma autónomo» e, ainda, que o papel das Forças Armads deve ser reequacionado.

Isto porque actualmente a segurança interna «é uma típica fundão de polícia», enquanto as missões das Forças Armads têm a ver com «a defesa militar da República», só podendo intervir em missões de segurança mediante a prévia declaração do estado de sítio ou do estado de emergência.

O resto do discurso de Jorge Lacão foi dedicado à contestação das posições assumidas pelo Partido Comunista e pelo MDP

«As campanhas do PCP e dos seus aliados, afirmou, «contra o que chamam de «nova pide» não podem ser interpretads como adesão tardia e por isso mais veemente, aos valores do pluralismo democrático. São, provavelmente, campanhas de má consciência ditadas pelo antigo temor de que quem com ferros mata com ferros morre».

Antes de Lacão tinha sido Carlos Brito, líder parlamentar dos comunists a atacar violentamente o Governo.

Depois de denunciar os propósitos do Governo com a Lei de Segurança Interna por se colocar «fora da lei constitucional» e de o acusar de estar «para as instituições democráticas como a D. Branca está para a actividade bancária», o líder comunista criticou a exposição de motivos da proposta governamental.

Terrorismo existe há muito tempo (desde 75 e não de 80, como o Executivo pretende) e o Governo manipula a criminalidade, disse Carlos Brito, para acrescentar mais adiante que: «Esta Proposta, se fosse transformada em lei não serviria a paz mas a confrontação, não traria a tranquilidade pública mas o medo e o constrangimento, não garantia os direitos e as liberdades dos portugueses mas estabeleceria a sua limitação e permitiria o seu espezinhamento pelo Governo e as forças de segurança, não asseguraria o normal funcionamento das instituições democráticas e a sua defesa, antes promoveria a sua preversão autoritária e facilitaria a acção subversiva dos inimigos da democracia e da Constituição».

O deputado comunista aceitou, no entanto, que há algo a fazer em termos de combate à criminalidade. A revisão do Código Penal, a modernização do Processo Penal e a reorganização dos tribunais.

Mas, e para já, (segundo Carlos Brito até ao fim desta sessão legislativa): garantir o funcionamento permanente dos principais juízos de instrução criminal, através de turnos fora de horário e aos fins-de-semana; assegurar a presença de advogados nos JIC's para assistir aos arguidos; e, por fim, a AR deve ainda «apreciar serenamente e sem alarmismos, sem distorções, a situaçã e funções das forças de segurança... e as medidas necessárias à sua reforma e modernização.»

Porque isto é o essencial continuar, o líder do PCP «é absolutamente manifesta a desnecessidade, a desproporção e a inadequação entre a natureza dos motivos invocados pel Governo e o seu plano de condicionamento fascizante do exercício das liberdades», que traz à memória o Art. 8.º da Constituição de 33.

O debate sobre a Lei de Segurança continuará na próxima segunda-feira, com intervenções do ministros da Justiça e do deputados socialistas Manuel Alegre. Hoje os deputados debateram impugnações ainda pendentes, de manhã, não havendo sessão à tarde nem amanhã por causa do aniversário do CDS.

J.M.V.

"A pesar das manifestações de mau humor"

Para Soares situação económica está controlada

O primeiro-ministro, Mário Soares, disse ontem em Aveiro, que «a actual situação económica portuguesa está controlada».

«Apesar do pessimismo e de algumas manifestações de mau humor, provenientes de sectores públicos que só conseguem prosperar em ambientes de caos, hoje há razões fundamentais para o Povo português ter confiança no futuro» – acarescentou.

Estas declarações foram feitas na sessão solene ontem realizada no Governo Civil de Aveiro, onde o primeiro-ministro, acompanhado do ministro do Equipamento Social, Rosado Correia, assinou o contrato de adjudicação das obras do troço Albergaria-Viseu.

Soares acrescentou que «O país soube compreender o esforço de saneamento financeiro, que tem vindo a ser levado a cabo por este governo e o esforço que lhe foi pedido».

Com a integração europeia – adiantou Soares – «é com o desenvolvimento que estamos a fazer, vamos dar um grande salto em frente.

O chefe do governo e sua comitiva (Rosado Correia e Carlos Melancia) visitaram a Câmara Municipal, o porto de Aveiro e a Universidade, onde o seu Reitor colocou uma lista de carências daquele estabelecimento de ensino e um representante da Associação de Estudantes lamentou que o ministro da Educação, «que nunca visitou a Universidade de Aveiro, se tenha alheado dos seus problemas quando do encerramento dos serviços sociais e de toda a Universidade».

Mário Soares disse que «se estivesse nas mãos dele e do seu Governo, resolveria, de imediato, todos os problemas «que lhe foram apresentados, «só que não nos podemos esquecer que os problemas desta Universidade estão englobados nos problemas gerais do país».

À noite, Mário Soares jantou com empresários, numa organização da Associação Comercial de Aveiro.

Soares afirmou que em Dezembro deste ano vai ser apresentado ao país um programa de modernização da economia portuguesa.

O Primeiro-Ministro disse que esse programa «já é eencarado na perspectiva e da ótpica do desenvolvimento e articulação com a integração de Portugal na CEE».

Mário Soares, respondendo às solicitações dos empresários de Aveiro, disse que «sem base social não se conseguem nada» e salientando: «pedia que tivessem também um sentido do possível e um sentido táctico do necessário».

O Primeiro-Ministro, depois de referir que os indicadores económicos começam a mostrar-se positivos para Portugal, sublinhou ser necessário «aguardar o segundo passo que é o desenvolvimento cauteloso do aparelho produtivo português em todos os seus aspectos»

Ulisses Pereira, Presidente da Associação Comercial de Aveiro, apelou que «a regionalização se faça depois de alargado debate e de esclarecimento público». «O que o país precisa é de uma efectiva e real descentralização pois não basta abrir e criar novos departamentos e repartições» – disse Ulisses Pereira.

O industrial Lugénio Marques considerou que «a recente lei do «lay off» não resolve os problemas da indústria privada mas sim os das empresas do sector público».

Encontro com o bispo de Aveiro

No final da audiência, que durou cerca de 45 minutos, D. Manuel de Almeida Trindade disse à NP que «muito se falou e o problema do aborto é evidente que foi ventilado».

Recusando-se a revelar o conteúdo da entrevista, D. Manuel Trindade, disse: «deixo para o Primeiro-Ministro revelar o que aqui se passou, mas durante 45 minutos muito se disse...»

Ainda em Aveiro Mário Soares anunciou que o palheiro que foi o político e escritor José Estevão, uma das tradicionais construções da Costa Nova de Aveiro, vai ser considerado património nacional.

Na mesma altura, Soares manifestou a disposição de propôr ao ministro da Justiça a construção de bustos de Barbosa de Magalhães e de Manuel de Andrade, «figuras muitas vezes esquecidas e que se torna necessário recordar». Barbosa de Magalhães foi várias vezes ministro ao longo da Primeira República e Manuel Andrade foi professor de Direito Civil de Mota Pinto e Almeida Santos. No palheiro que pertendeu a José Estevão reuniram-se figuras conhecidas da política e da cultura da sua época, como Eça de Queiroz e Antero de Quental.

Mota Pinto desmente Angelo Correia

Lei de Segurança Interna é vítima de críticas injustas

O vice-Primeiro-Ministro considerou ontem à entrada para a reunião da Comissão Política do PSD que a Lei de Segurança Interna tem sido «vítima de críticas injustas». Mota Pinto adiantou ainda aos jornalistas que a actual versão da lei poderá conhecer melhoramentos na especialidade, «mas que não a alterem no essencial».

Esta posição do líder social-democrata, para quem o que está em causa é a «solidez da coligação governamental», contraria as palavras de Ângelo Correia durante a sua intervenção no programa telivisivo «Primeira Página». Aquele deputado do PSD considerou, nomeadamente, que a lei devia ser profundamente revista por pecar por «defeito e por excesso». Aqui relembramos algumas das suas palavras: «Peca por defeito porque não atinge o problema essencial na definição do estado de sítio e do estado de emergência e ainda porque não aponta soluções claras e correctas para a coordenação das forças de segurança».

No entanto, e pesem embora as reticências formuladas por muitos deputados do PSD – além de Ângelo Correia, Silva Marques, Jaime Ramos – a Comissão Política do PSD decidiu que a proposta de lei de segurança interna «deve merecer inequivocamente a aprovação na generalidade por parte do grupo parlamentar». O comunicado, tal como as palavras de Mota Pinto, deixam a porta aberta a alterações que, no entanto, se devem cirncunscrever «dentro do respeito pelo seu (da lei) objectivo e pelas suas disposições essenciais» e não alcançar a amplitude que Ângelo Correia sustentou na Televisão ao defender «profundas alterações».

Poderá esta diferença de posições ser suplantada e levar a algum lado? Mota Pinto respondeu a esta pergunta ao esclarecer que «quem, dentro do PSD, não vir as coisas com esta clareza (alterações, sim, mas não profundas) e embrulhe, enrole ou acrescente aspectos que lancem confusão sobre esta linearidade não está sintonizado com a maioria do povo português e muito menos com o eleitorado do PSD».

O vice-Primeiro-Ministro também abordou um aspecto que tem estado em particular evidência: o de saber se, no seio do Governo e na maioria que o apoia, a solidariedade existe. Para o dirigente social-democrata a questão põe-se nos seguintes termos: «Quem elaborou e não elaborou, todos são solidários com a proposta e não pode haver a mínima dúvida em relação ao PSD».

PS da Madeira está contra

Em reunião, a Comissão Política do PS da Madeira insurgiu-se ontem contra a Lei de Segurança Interna e Protecção Civil. Os socialistas madeirenses declaram que «a lei tal como se encontra» não merece o seu acordo.

O comunicado acrescenta que foi atribuída uma orientação ao grupo parlamentar na Assembleia Regional «no sentido de apresentar uma proposta de resolução clarificadora das razões da sua posição», dando conhecimento da mesma ao deputado do PS eleito pela região autónoma da Madeira à Assembleia da República e ao respectivo grupo parlamentar.

Um balanço muito sério

Continuação da pág 3

em que vão participar, não se limitando a meia dúzia de generalidades...»

Aliás, justo será frisar que as Conferências da Reforma Agrária reflectem bastante da **organização** dos trabalhadores. E testam, de certa maneira, a sua capacidade de análise da situação. Garante-nos a Comissão Organizadora que foram feitas mais de 200 reuniões preparatórias em que estiveram envolvidos cerca de 8000 trabalhadores, não só das UCPs e Cooperativas como do sector privado, pequenos agricultores e técnicos.

Repressão – nunca é de mais insistir sobre o que desta matéria a Reforma Agrária tem para contar. Assim, acusa os governos, nas suas diversas coligações, de lhe ter tirado **657.300** hectares de terra, distribuído **195** UCPs e Cooperativas e 52.000 postos de trabalho. Atribui-lhes as responsabilidades pelos espancamentos de 2000 trabalhadores, pela mortee de Caravela e Casquinha, dois mártires desta luta pela posse da terra. Novas batalhas se avizinham com a **lei** que o actual Governo pretende impor à Reforma Agrária. Que plano de defesa foi estabelecido? As conclusões apontam para paralisações de trabalho, concentrações junto da Assembleia da República, jornadas de solidariedade, distribuição de documentos, colóquios, semanas de esclarecimento.

E, claro, para a demissão do Governo – um dos objectivos principais. Estava lá, na 8.ª Conferência, escrito nos panos que sobressaíam no pavilhão do Rossio de Évora. Em letras garrafais: **Rua!**

Eanes e Soares discutem Timor: Portugal espera concessões da Indonésia

Uma das mais controversas questões da política portuguesa dos últimos anos, a de Timor-Lete, é hoje objecto de uma reunião muito importante que vão ter em Belém o Presidente Eanes e o Primeiro-Ministro, Mário Soares. Alguns dias depois de o Papa, de congressistas norte-americanos e de deputados da Alemanha Federal terem demonstrado publicamente profunda preocupação quanto a um pobre povo que consideram ameaçado, as mais destacadas figuras do estado português vão dedicar algumas horas à concertação de posições sobre o dramático problema.

Ramalho Eanes e Mário Sores têm a sua reunião de hoje, marcoda para as 17 horas, depois de na terça-feira haverem escutado atentamente a Comissão Parlamentar Eventual para os Assuntos de Timor-Leste, contituída por representantes de todos os partidos que têm mais de um deputado.

Presidente da República, Primeiro-Ministro e Assembleia da República procuram assim estar em sintonia e coordenar esforços para que Portugal não fique à margem, alheio aos sofrimentos do povo de Timor-Leste, que desde 1975 já teve mais de 100 mil mortos por causas não naturais.

Em Julho de 1975, há nove longos anos, Portugal divulgou um calendário para a descolonização de Timor-Leste, calendário que previa a formação de um governo constitucional pelos três partidos então existentes no território e a eleição em 1976 de uma Assembleia que decidiria sobre o futuro da antiga colónia.

A independência seria, em princípio, no ano de 1978. Mas, entretanto, a Indonésia começava pela primeira vez a admitir publicamente que poderia vir a tomar uma titude de força em relação a Timor-Leste (aproveitando para tal a circunstância de em Portugal se viver em grande agitação política, numa altura em que Vasco Gonçalves ainda era chefe do Governo).

Em Agosto desse ano de 75, a União Democrática de Timor (UDT) tentou um golpe de Estado. O comandante da Polícia portuguesa estacionada na ilha aderiu àquele movimento, Lisboa condenou a intentona e a maioria dos militares timorenses ao serviço do Exército português juntou-se à Fretilin, outro dos partidos entretanto surgidos.

Era a guerra civil: em Setembro, a Fretilin apoderou-se de Dili, a capital de Timor-Leste, e o governador do território retirou-se para a pequena ilha de Ataúro, de onde, em fins de Dezembro, partiria para a Europa. No dia 28 de Novembro de 1975 a Fretilin proclamou unilateralmente uma República de Timor-Leste que quase só viria a ser reconhecida pelas outras antigas colónias de Portugal recém-independentes, como Moçambique e Angola.

Lisboa não aceitou o facto consumado. O presidente dos Estados Unidos, Gerard Ford, esteve em Jacarta a cinco de Dezembro, com o secretário de Estado, Henry Kissinger, e dois dias depois já as forças armadas indonésias tinham entrado em Timor-Leste, por terra, mar e ar.

Portugal, incapaz de fazer qualquer outra coisa, dada a distância a que se desenrolavam os acontecimentos cortou de imediato relações diplomáticas com a Indonésia.

A 22 de Dezembro, em Nova Iorque, o Conselho de Segurança das Nações Unidas condenou a invasão, exigiu a retirada indonésia e acentuou o direito do povo de Timor-Leste à autodeterminação e à independência.

Em Julho de 1976 a Indonésia anunciou ter integrado Timor-Leste, como mais uma das suas províncias, mas no território continuaram até hoje alguns milhares de homens de armas na mão, resistindo pela força à integração e reivindicando uma existência autónoma.

Em Maio de 1982, reunido em Lisboa, o Tribunal dos Povos considerou Timor-Leste um caso de «genocídio físico, cultural e religioso» e alegou que perto de um terço dos seus cerca de 700 mil habitantes havia já sido vítima da guerra e da fome.

Em 21 de Maio de 1983 decorreram na região militar de Nakroma conversações preliminares entre os guerrilheiros da Fretilin e as forças indonésias presentes em Timor-Leste, mas essas conversações não levaram a nada e o cessar-fogo então estabelecido não durou mais de cinco meses.

Entrado o ano de 1984, a Imprensa internacional noticiou – com base em fontes católicas e diplomáticas de Jacarta – que a situação alimentar se agravara grandemente em Timor-Leste, na sequência das mais recentes operações militares da Indonésia contra os guerrilheiros mauberes.

A indonésia teria então cerca de 12 000 militares na antiga colónia portuguesa da Oceânia, para combater uma resistência que Jacarta nunca reconheceu ser constituída por mais de algumas centenas de homens (mas que observadores independentes referem contar com a simpatia de uma grande parte da população).

Em Fevereiro último, em Genebra, perante a Comissão das Nações Unidas para os Direitos do Homem, o antigo administrador apostólico da diocese de Dili, monsenhor Martinho da Costa Lopes, disse que a situação em Timor-Leste continuava a ser verdadeiramente trágica.

Em 13 de Março deste ano, o antigo primeiro-ministro português Adelino da Palma Carlos, antigos presidentes da Assembleia Constituinte e da República, deputados e escritores escreveram ao presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, pedindo-lhe uma posição clara e inequívoca quanto a Timor-Leste.

Em 30 de Março reuniu-se em Lisboa o Conselho de Estado e o Presidente Eanes solicitou ao Governo uma proposta da estratégia a assumir por Portugal quanto a Timor-Leste.

Os membros do Conselho de Estado ouviram então uma exposição de Mário Soares, ponderaram a documentação facultada e opinaram sobre o assunto, que entretanto já estava a merecer a atenção de muitos congresistas norte-americanos, depois de passados alguns anos durante os quais a comunidade internacional esteve largos períodos sem ouvir falar em Timor-Leste.

Nessa mesma data, notícias de Jacarta diziam que a Indonésia responderia afirmativamente a uma iniciativa de Portugal para conversações sobre Timor-Leste, dado Portugal ainda ser hoje, à luz do direito internacional, a potência teoricamente administrante do território.

O embaixador indonésio nas Nações Unidas teria já autorizado colaboradores seus a contactarem membros da representação diplomática portuguesa em Nova Iorque.

O próprio titular da diplomacia portuguesa, Jaime Gama, que nas últimas horas preparou cuidadosamente com Soares a audiência de hoje à tarde em Belém, admitiria a necessidade de contactos com a Indonésia, no âmbito do mandato que a ONU conferiu ao secretário-geral, Perez de Cuellar, para que a comunidade internacional solucione o problema de Timor.

A reunião que neste momento se concretiza é a sequência lógica dos trabalhos do Conselho de Estado (em 30 de Março) e decorre numa altura em que para muitos políticos a situação especial de Timor-Leste em relação à Indonésia já é irreversível, apenas importando conseguir obter de Jacarta certas concessões.

Elas incluiriam a partida daquele território de muitos dos que lá não desejem continuar a viver, a abertura de um consulado português em Dili, a liberdade de ensino da língua portuguesa e a garantia de assistência humanitária à generalidade da população.

Em resumo, da reunião muito importante de hoje ao fim do dia não deverá sair nada que contribua para que o povo maubere se torne independente, mas antes uma estratégia pela qual o Estado português dê um certo apoio humanitário a esse povo longínquo e defenda os próprios interesses de Portugal no sueste asiático.

Jorge Heitor, Anop/DL

Fanor Herrera

Revolução da Nicarágua celebrada em Lisboa

O embaixador da Nicarágua em Lisboa, Fanor Herrera, participa esta noite pelas 21.30, no Teatro Maria Matos, numa sessão de solidariedade com a Nicarágua, assinalando o quinto aniversário do triunfo da revolução sandinista. A sessão, organizada pela Comissão Nacional Portuguesa da Conferência de Solidariedade com a Nicarágua e a América Central, será presidida pelo professor doutor Henrique de Barros.

Na parte política, haverá mais três intervenções: a do embaixador nicaraguense, em representação da Frente Sandinista de Libertação Nacional, e as do engenheiro Aquilino Ribeiro Machado e do dirigente sindical José Luís Judas.

Segue-se um momento cultural, com a intervenção do cantor Carlos Mendes e do conjunto «Triângulo do Mar».

Um filme sobre a realidade social nicaraguense e uma exposição de artesasnato integram-se ainda neste acto comemorativo.

A entidade organizadora desta sessão lança ao mesmo tempo uma campanha de solidariedade com a Nicarágua, apelando a todos os portugueses para que enviem material escolar (lápis, esferográficas, borrachas, cadernos, etc.) para aquele país ou então verbas para aquisição dos bens de que Manágua necessita e tem de importar, o que é dificultado pela falta de divisas com que os sandinistas se defrontam.

Na «Voz do Operário

Onem à noite decorreu na Voz do Operário uma outra sessão de solidariedade com a Nicarágua, promovida pelo Grupo de Solidariedade com a América Latina (GSAL). Na sessão participou o embaixador nicaraguense, Fanor Herrera, e estiveram presentes o embaixador de Cuba e um representante da Embaixada do México, além de personalidades portuguesas, como o deputado Lopes Cardoso e o tenente-coronel Pezarat Correia.

Perante uma assistência de cerca de 500 pessoas, actuaram, na parte artística da sessão, o cantor Fausto e o seu grupo, Francisco Fanhais, José Fanha e o grupo Voz de Cabo Verde.

Registe-se, por último, que hoje, ao fim da tarde, a Embaixada da Nicarágua em Lisboa oferece uma recepção comemorativa do dia da Revolução.

Revelado no número especial da revista do IPSD

Sá Carneiro propôs a Spínola em 1972 que se candidatasse à Presidência

Sá Carneiro propôs em 1972 a António de Spínola que se candidatasse à Presidência da República – revela o próprio marechal em depoimento inserto no número especial da revista do IPSD, dedicado ao falecido estadista. Este número especial da revista do Instituto Progrresso Social e Democracia Francisco Sá Carneiro, comemorativo dos 50 anos do antigo primeiro-ministro e presidente do PSD, que se cumpririam hoje, será brevemente distribuído. A publicação apresenta, ainda, depoimentos de Mário Soares, Mota Pinto, Freitas do Amaral, Helena Roseta, Giscard D'Estaing e Hans Dietrich Genscher sobre a figura de Sá Carneiro.

Spínola afirma reconhecer que «foi um tremendo erro não se terem desenvolvido esforços – de 1971 a 1974 – para constituir uma nova força social e moral eminentemente portuguesa e reformista». Essa força – segundo o marechal – deveria englobar «militares que comungavam dos mesmos ideais que me animavam e homens liberais como Pinto Leite, Sá Carneiro e tantos outros, que se batiam pela integração de Portugal no contexto das nações democráticas do mundo livre».

Com a referida força – adianta – «a transformação social seria mais severa, mas rápida e não causaria os traumatismos gravosos da descolonização.

«Por isso – conclui – aceito a crítica dos que me condenam por não ter acedido à proposta de Sá Carneiro para me candidatar à Presidência da República em 1972, porquanto teria sido a altura ideal para se fazerem vingar ideais de reforma e liberdade, em consonância com superiores interesses nacionais».

Em editorial, o presidente do IPSD, Pinto Balsemão, refere que o número especial da revista se destina a «revelar novas facetas da personalidade tão rica de Sá Carneiro e a reforçar aspectos já conhecidos, mas ainda não suficientemente aprofundados das suas opiniões e da sua acção».

No seu depoimento, Mário Soares afirma que não lhe é «fácil falar de Sá Carneiro como estadista, em primeiro lugar porque seguiu sempre a sua acção em marcada divergência, como líder, que foi, da oposição ao seu governo».

Soares afirma ainda que conhece Sá Carneiro «mal e de fora», adiantando que «muito do que terá projectado e mesmo realizado não foi porventura suficientemente explicado e conhecido do País».

O Primeiro-Ministro considera que Sá Carneiro «foi por vezes incompreendido, atacado outras e mesmo vilipendiado, além de ser seguido até à idolatria pela grande maioria dos seus partidários».

Mota Pinto refere no seu depoimento que Sá Carneiro defendia a reforma do sistema com «unidade e harmonia de poderes» e por isso lançou «a tese da necessidade de dotar o Estado de uma maioria parlamentar, um Governo e um presidente».

Por isso – acrescenta – «também nós rejeitamos a teoria dos contrapoderes, fonte de instabilidade e paralisadora do Estado».

«Personalidade demasiado forte para extinguir-se com o seu desaparecimento físico, o projecto de Estado que Sá Carneiro quis e não conseguiu realizar ficou adiado» – salienta Mota Pinto.

Freitas do Amaral propõe no seu depoimento que «os serviços excepcionais que Sá Carneiro prestou à Pátria sejam para sempre solenemente assinalados com a Grã Cruz da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito».

O ex-presidente da República francesa Giscard D'Estaing afirma no seu depoimento que apreciou em Sá Carneiro «o homem de profunda convicção, o animador, o líder, o militante democrata e o homem europeu».

«Sá Carneiro despareceu muito antes de poder dar todo o seu contributo a Portugal, à Europa da liberdade e do progresso. Todo o mundo necessita de homens da sua têmpera» – sublinha.

O presidente do Partido Liberal alemão-federal (FDP), Hans Dietrich Genscher, afirma que, sob a liderância de Sá Carneiro, Portugal «tornou-se num membro respeitado e estimado pela comunidade das democracias ocidentais».

Helena Roseta afirma que Sá Carneiro «era um homem exigente e ambicioso, mas não de poder», apontando, entre outros exemplos, a sua renúncia ao mandato de deputado.

No número especial da revista colaboram Magalhães Mota, Tomás Oliveira Dias, Raquel Ribeiro, Pedro Roseta, Margarida Salema, Correia de Jesus, Luís Fontoura, José Augusto Seabra, Sande Lemos, Vasco de Melo, Adelino da Palma Carlos e Natália Correia, com um poema dedicado a Sá Carneiro.

NÃO HÁ NADA MELHOR

Mota Pinto presidente em Coimbra

Dia do Exército custará um milhão de escudos

O ministro da Defesa, Mota Pinto, presidirá às comemorações do Dia do Exército, no dia 25 de Julho, em Coimbra.

Em conferência de Imprensa realizada no aquartelamento de Santana, em Coimbra, o brigadeiro Gonçalves Passos e outras patentes militares apresentaram formalmente o programa das comemorações aos órgãos de Comunicação Social.

Gonçalves Passos salientou a propósito que as comemorações e respectiva preparação obedeceram a elevados padrões de eficiência e simplicidade.

«Não obstante o actual regime de contenção de despesas que é generalizado ao país – as comemorações do Dia do Exército vão custar um milhão de escudos – as cerimónias e restantes actigidades alusivas da efeméride constituem um marco dignificante da actividade do Exército e um investimento na melhoria da sua imagem», frisou o brigadeiro Gonçalves Passos.

Salientou que as comemorações são fundamentalmente constituídas por cerimónias militares a terem lugar no estádio municipal de Coimbra, por uma exposição documental sobre as actividades do Exército e um concerto pela banda da Região Militar do Centro.

Nas cerimónias militares e consequentes demonstrações práticas, participarão cerca de 1500 homens e 62 viaturas, pertencentes a todas as unidades militares do continente e regiões autónomas.

Durante as referidas cerimónias, as altas patentes militares presentes entregarão diversas condecorações a oficiais, sargentos e praças que se notabilizaram em actos de bravura e na manutenção da disciplina militar.

CDS foi fundado há 10 anos

O CDS, que ocupa desde a Constituinte a bancada mais à direita do Parlamento, foi fundado há dez anos, reclamando-se do centrismo, da democracia cristã e da aliança com os partidos conservadores da Europa.

No dia 19 de Julho de 1974, 29 pessoas, entre as quais 11 advogados, quatro engenheiros, dois economistas e licenciados em farmácia, medicina, história e matemática, fundavam o partido do Centro Democrático Social.

Adelino Amaro da Costa, Basílio Horta, Freitas do Amaral, Morais Leitão, João Porto, Paulo Marques, Xavier Pintado e Sá Machado eram algumas dessas pessoas.

Durante os primeiros tempos, o CDS atravessou dificuldades que passaram, nomeadamente, por assaltos às suas sedes.

A própria publicação do programa do partido foi a princípio «recusada pelo 'Século' e pelo 'Diário de Notícias', mesmo na condição de publicidade paga» – recorda uma brochura do CDS.

A primeira Comissão Política, eleita em Fevereiro de 75, integrava Freitas do Amaral, Amaro da Costa e Silvério Martins, como presidente, vice-presidente e secretário-geral, respectivamente.

Incluía também Norton de Matos, Basílio Horta, Emídio Pinheiro, Oliveira Dias, Ribeiro e Castro, Luís Moreno, Rui Pena, Sá Machado, Basílio Horta, Leal Loureiro, João Porto, Azevedo Coutinho, José Lima, João Oliveira, Alves da Silva e Fernando Subtil (vogais).

O CDS legalizou-se em 13 de Janeiro de 75, reuniu o seu primeiro congresso em 25 do mesmo mês e, em Agosto, realizou na Póvoa de Varzim um dos seus primeiros comícios.

Em Abril de 76 votou contra a Constituição, depois apoiou a candidatura de Eanes às Presidenciais e mais tarde reuniu o segundo congresso

O terceiro congresso (1978) reuniu-se sob o lema «Liberdade e justiça, democracia cristã para Portugal e para a Europa» e o quarto (1981) sob o lema «Pela democracia cristã, com a AD, renovar Portugal».

O quinto congresso decorreu em Fevereiro de 1983, em Lisboa (já depois da demissão e afastamento voluntário de Freitas do Amaral), que veio a culminar com a vitória de Francisco Lucas Pires, eleito presidente da Comissão Política do partido, e com a eleição de Basílio Horta para o cargo de presidente do Congresso, de Adriano Moreira como presidente do Conselho Nacional e de Alfredo Azevedo Soares para presidente da Comissão Directiva do CDS.

Nas eleições para a Constituinte o CDS obteve 7.6 por cento dos votos e 16 deputados, nas de 76 teve 16 por cente dos votos e 41 deputados mas o número de deputados subiu para 46, quando, a partir de 79, o CDS concorreu integrado na AD.

O CDS esteve na oposição desde 74 a 78. Nos últimos cinco anos participou em cinco governos (o segundo de Soares e os quatro governos da AD)

Quanto a coligações, o CDS fez a sua primeira associação com o PDC (liderado por Sanches Osório), mas esta coligação desfez-se ainda antes da Constituinte devido à ilegalização do PDC.

Em Maio de 77, o CDS formou com o PSD a «Convergência Democrática», a que o PS recusou aderir, e que terminou em Dezembro desse ano.

Em Janeiro de 78, o CDS assinou com o PS um acordo de Governo e 10 dos seus elementos integraram o segundo governo presidido por Mário Soares

No ano seguinte, o CDS assinou com o PSD e o PPM o acordo de constituição da Aliança Democrática, que ganhou as eleições intercalares de 79 e formou desde então quatro governos.

No final de campanha eleitoral para as Presidenciais de 1980 perde, no acidente de Camarate, Amaro da Costa, um dos seus dirigentes mais carismáticos.

Partido de oposição ao governo PS-PSD, elegeu 30 deputados nas eleições de 25 de Abril de 1983. O CDS apresentou, em documento intitulado «CDS: um programa para uma nova década», em Junho, uma proposta de governo-sombra onde se sublinha que a «lógica dominante» para os próximos dez anos deverá ser a de liberdade política, económica e social.

Mensagem de Bento Jesus Caraça

Continuação da pág. 2

plesmente, **cortado.** (No que certas forças e elementos do âmbito civil e de componente partidária tiveram uma larga e importante influência, não obstante ter sido justamente o 25 de Abril — acto do Movimento dos Capitães — que lhes abriu as portas e suscitou a possibilidade da sua actuação política...)

Em matéria de alguma ingenuidade, de divisões e lutas sectárias, em detrimento da necessidade de preparar a consolidação de um novo regime de base democrática, já noutras coordenadas históricas algo de similar terá acontecido com a implantação da República, não se atendendo então aos avisos, às oportunas palavras premonitórias de Basílio Teles, por exemplo, quanto aos problemas de raiz que nessa época se punham (como, em certos aspectos, ainda hoje...) derivados do atraso do pís e do seu povo, designadamente do ponto de vista económico e educativo.

Agora, em todo o caso, relativamente ao 25 de Abril, **conquanto** não tenham sido tomadas na devida conta a experiência do passado, as vicissitudes da 1.ª República, as prevenções e a doutrinação cívica de um Raul Proença, ou de um António Sérgio, ou mesmo de um Bento de Jesus Caraça, **embora** as chamadas forças políticas de Esquerda e de directriz socialista não se tenham afirmado, sempre, — como lhes competia — consequentes e em termos de genuidade, numa coesão e unidade fundamental, em harmonia com o voto popular e em coerência, aliás, com os respectivos princípios ideológicos e os respectivos programas partidários — face ao adversário e avaliada a grandeza da obra a empreender, na reconstrução democrática da sociedade portuguesa — **apesar de tudo isso,** enfim, **ainda foi possível dotar o País de um quadro jurídico institucional e de objectivos bem definidos:** a Constituição da República Portuguesa que entrou formalmente em vigor em Abril de 1976.

Mas o facto é que o ordenamento jurídico de normas básicas, votado pela Assembleia Constituinte e destinado a reger a vida do Estado e da sociedade nacional, não tem sido objecto de uma aplicação inteiramente consequente, em observância progressiva de todos os seus essenciais aspectos.

Têm sido deveras incompletos não só o acatamento como o cumprimento de aplicação estrutural dos preceitos, regras, princípios e directivas de base constitucional. Pelo que imediata e logicamente se deve considerar como de marcada ilicitude ética, para não dizer **estultícia,** o vir atribuir-se a alegados estrangulamentos e bloqueamentos, produzidos pela ideologia constitucional, qualquer causa ou qualquer responsabilidade nos males que afligem e emperram a economia nacional e que se traduzem na miséria de largos espaços da população, que se exprimem, enfim — como é inegável — nas difíceis e agravadas condições de vida do povo português (com salários em atraso, despedimentos e desemprego crescente, galopante inflação, endividamento externo, pobreza e mendicidade).

Toda a crise, aliás, se adianta, se avoluma, se agiganta (e de que maneira... já na década de 80, com os governos da chamada AD e do sucessivo o bloco central da coligação PS/PSD) depois de cortado e eliminado o malfadado processo revolucionário que se seguiu ao 25 de Abril. Processo que, em vez de, em devido tempo, ter sido saneado, corrigido, acertado e reordenado, foi simplesmente afastado e vilipendiado.

Insidiosamente — e de companhia com uma orquestrada campanha anti-Constituição de 1976 — tem-se pretendido fazer incidir toda a responsabilização, pela crise que o país atravessa, sobre o escasso período de pouco mais de um ano em que se viveu sob euforia revolucionária, aliás entrecortada de contradições e de lamentáveis desencontros. Mas até se esquece a circunstância de a situação económica e financeira do país não ter sido considerada sobremodo gravosa (não obstante toda a perturbação revolucionária), segundo a opinião ou parecer pronunciado no Estio ou no Outono de 1975, pelos peritos norte-americanos, salvo erro da Universidade ou do Instituto Tecnológico de Massachusetts, que por essa altura passaram por Portugal.

É de entender — o que se mostra fora de dúvida — que o prof. Bento de Jesus Caraça defenderia hoje a necessidade da observância e da progressiva aplicação integral — o que não se tem verificado —, bem como a irreversibilidade da Constituição da República que o 25 de Abril veio formalizar, no equilíbrio de todos os seus aspectos e provisões basilares, de natureza económica, política e cultural. Daria, pois, a sua adesão; melhor, o seu apoio e a sua colaboração à indispensável defesa e aplicação da ordem constitucional. Já teria possivelmente discordado daquele certo grau de diminuição normativa que a revisão de 1982 lhe introduziu. E isto se afirma sem embargo, como é evidente, da oportunidade de se promoverem, aqui e ali, no texto da CRP, determinados aperfeiçoamentos técnico-jurídicos, mas — sempre — sob o respeito dos princípios e estatuições fundamentais que caracterizam a mesma ordem constitucional. Sem esquecer — como sempre predicou o prof. Bento Caraça — que é indispensável distinguir, portanto não confundir o essencial com o acessório.

Por isso se deve tomar como actual e perene a mensagem do prof. Bento Caraça em que se salienta a interacção dos conceitos de cultura e civismo e a profunda convicção por ele sentida e transmitida da necessidade de um caminho, de uma trajectória de objectivação da democracia efectiva, através de esforços convergentes de unidade e de estragégia política que possibilitem tal objectivação.

Nunca, pois, admitiria Bento de Jesus Caraça o recuo sistemático de posições, as transigências e tergivesações por parte dos representantes de forças políticas que, de harmonia com os respectivos programas doutrinários, oportunamente se assumiram na aprovação de um modelo constitucional de economia mista, planeada e tendencialmente conduzida no caminho para o socialismo democrático.

Forças políticas a que caberia — cabe... — o dever de se entenderem numa esperada convergência em face dos problemas concretos que importam à defesa esclarecida das conquistas de Abril, designadamente quanto às garantias inalienáveis de liberdade cívica, aos direitos dos trabalhadores e à dinâmica equilibrada daquele caminho.

Da atitude constitucionalista que seria a de Bento de Jesus Caraça devemos todos — os que bem o conhecemos — estar bem certos. Basta que se tenha em atenção, que não se olvide, o seu entranhado amor da Liberdade e da Justiça, bem como as linhas mestras da sua análise objectiva e realista do desenvolvimento histórico da humanidade.

Mal vão aqueles que o parecem olvidar, agora que tanto se mostra imperioso e urgente fazer unir forças verdadeiramente democráticas para barrar a contra-ofensiva e a regressão de Direita que ameaçam subverter totalmente o suporte jurídico e a base prospectiva constantes do ordenamento constitucional da Democracia portuguesa.

EM 26 e 27 de Junho de 1978 — quando da comemoração do 30.º aniversário da morte de Bento de Jesus Caraça, designadamente no acto de descerramento da lápide evocativa na casa em que residiu e faleceu, e, logo, na manifestação e na romagem que se seguiram ao referido acto — foram ouvidas e proclamadas solenes palavras de ordem:

Bento de Jesus Caraça — herói da Resistência; Bento de Jesus Caraça — exemplo para a juventude; Honrar a Resistência, transmitir o testemunho; Escola, ciência, cultura — ao serviço do povo; Fascismo não voltará; Consolidar a democracia política, económica e social; Defender a Constituição, construir a Democracia.

Na circunstância, isto é, nessa comemoração solene, nesse acto votivo e respectivas sequências, participaram — adesiva, discursiva e publicamente — o líder do PS, então como hoje Primeiro-Ministro em exercício de funções; assim como possivelmente, outros tantos socialistas e sociais-democratas, hoje deputados e ministros alçados às cadeiras da representação parlamentar ou dos poderes executivos ou governamentais.

Em nome de invocadas e duras realidades conjunturais (as da crise e das grandes dificuldades e problemas a vencer), têm-se verificado determinadas e posteriores evoluções de posição doutrinária. Aliás, pouco compreensíveis, não convincentes...

Porque uma coisa é parar, suspender, sopesar ou regular a marcha, numa política de emergência que se imponha; outra coisa porém — muito diferente — é renegar princípios, intentar a quebra da ordem Constitucional e andar decidida e restaurativamente para trás. A menos que tenhamos de dar como verdade adquirida, em histórica reverificação, que um **socialista deputado** ou um **socialista ministro** pode deixar de ser um **deputado socialista** ou um **ministro socialista.**

Isto não é um simples jogo de palavras, porque tem sido, por vezes, uma verdade comprovada... A subida a posições ou funções de Poder pode fazer esquecer a fidelidade ideológica.

— O que seria — será? —, mais uma vez, um facto profundamente triste, desenganador, descaracterizador.

— Onde ficaria — ficará? —, então, a desejável base mínima de eticidade política?

— Porventura haveria — haverá? — lugar para o paradoxo de um socialismo sem anticapitalismo?

— Estaria — estará? — afinal, reservado aos «socialistas» ou aos «sociais-democratas» o papel, a missão de serem os gestores políticos do capitalismo em dificuldades?

— Seria — será? — isso o que «realisticamente» se designa por encarar as coisas e os factos da política segundo uma «perspectiva de Estado»?

— Seria — será? — essa a caminhada para um socialismo do novo estilo, o «socialismo do século XXI?

— Onde ficaria então — ficará a fidelidade a um passado de luta e às convicções correlacionadas ao ponto de vista e ao interesse fulcral das massas do trabalho nacional?

Estas perguntas e as correspondentes respostas que, implicitamente, se podem tirar dos termos em que são formuladas, bem parece estar relacionadas com a consideração da mensagem que se ergue do pensamento e da acção de Bento de Jesus Caraça (1), ao presenciarmos o edificante espectáculo representado por procedimentos e atitudes de quem hoje — ao invés do que se esperava — se revela em esquecimento, em obliteração do sentido e do espírito da mesma mensagem.

Lembremos, a propósito, os passos conclusivos de **A Cultura integral do Indivíduo — problema Central do nosso tempo:**

«Houve quem dissesse um dia que as gerações dos homens são como as das folhas, passam umas, vêm outras.

Está na nossa mão o desmentir o significado pessimista desta frase.

Só figuram de folhas caídas, para uma geração, aquelas gerações anteriores cujo ideal de vida se concentrou egoisticamnte em si, e que não cuidaram de construir para o futuro, pela resolução, em bases largas, dos problemas que lhes estavam postos, numa elevada compreensão do seu significado humano.

Esta concentração egoista tem um nome — **traição**; e se hoje trairmos será esse o nosso destino — ser arredados com o pé, como se arreda um montão de folhas mortas.

E não queiramos que amanhã tenham de praticar para connosco esse gesto, impiedoso mas justiceiro, exactamente o mesmo que hoje nos vemos obrigados a fazer para com aquilo que, do passado, é obstáculo no nosso caminho».

(1) Para um apreciável e suficiente contacto com o pensamento do ilustre Professor, convém ler e ter em atenção a antologia editada por J.M.C. e distribuída pela Livraria Sá da Costa, sob o título BENTO DE JESUS CARAÇA — Conferências e outros escritos, 1.ª ed. em 1970 e 2.ª ed. em 1978.

REGIÃO DE TURISMO DE SETÚBAL
COSTA AZUL
DIA DA GASTRONOMIA

AOS FILATELISTAS

Torna-se público que no próximo domingo, 22 de Julho, no pavilhão desta região de turismo, na Feira de Santiago, em Setúbal, se encontram à disposição dos filatelistas sobrescritos selados nos quais será aposto carimbo próprio alusivo ao evento.

Para 840 mil trabalhadores

Aumento salarial médio atingiu este ano 25 por cento

Em 85 processos de contratação colectiva, concluídos no primeiro semestre deste ano, o aumento salarial médio, considerado apenas a tabela salarial e excluindo outras cláusulas de expressão pecuniária, atingiu os 25 por cento.

Os dados, agora revelados num balanço efectuado pela CGTP, adiantam que o número de trabalhadores abrangidos por estes aumentos ronda os 840 mil. Deste total, a maioria labora em empresas públicas, adiantou ao «DL» um informador da central sindical.

Indústrias metalúrgicas, metalomecânicas e material eléctrico, restaurantes e hotéis, comunicações e indústria de papel foram os sectores onde se registaram os índices de aumentos mais elevados, incidindo os menores na construção e obras públicas, e nos sectores das pedreiras-norte, produtos minerais não metálicos (vidreiros, cimenteiras, etc.) bem como nos serviços (tinturaria e lavandaria, vigilância, limpeza, etc.).

A outro nível, a CGTP regista como importante resultado da luta dos trabalhadores a redução do horário de trabalho no CCT das Pedreiras Norte – de 45 para 42 horas; e no ACT do Casino e Silvicaima – com uma diminuição de três horas no horário do pessoal que labora nos turnos.

De qualquer forma, revela a Intersindical Nacional, há ainda 51 processos de contratação colectiva, abrangendo cerca de um milhão e 200 mil trabalhadores, cuja resolução ou está pendente do Ministério do Trabalho ou se encontra em negociação há vários meses.

Nove destes processos – Função Pública, Construção Civil, Têxteis e Vestuário, Material Eléctrico, Gráfica e Transformação de Papel, sector automóvel, EDP e panificação do Centro/Sul – representam cerca de 60 por cento do total dos trabalhadores envolvidos, pelo que será nestes sectores em que é previsível uma agudização dos conflitos laborais, acentua a CGTP

Várias razões são aduzidas pela central sindical para explicar o impasse em que se encontram muitos destes processos de contratação. A principal, é a «utilização pelo patronato e empregadores públicos de organizações divisionistas para impôr a aplicação de aumentos salariais insignificantes e até a retirada de direitos e regalias». Mas a «recusa patronal de actualização salarial a pretexto da **crise**» ou a actuação do Ministério do Trabalho caracterizada pela «cobertura pura e simples ao boicote patronal» são outras razões que, de acordo com a CGTP, têm inviabilizado os acordos.

Salários em atraso

Inexistência de soluções governamentais preocupa Secretaria do Trabalho

A Secretaria de Estado do Trabalho «está preocupada com a falta de decisão do Governo em avançar com soluções com vista a enfrentar o problema dos salários em atraso» – informa a NP, citando fonte oficiosa.

Tal problema – acrescenta – agravou-se entre Janeiro e Maio deste ano.

Sublinha que a preocupação da Secretaria de Estado do Trabalho «é tanto maior quanto a Organização Internacional do Trabalho nomeou já uma comissão para analisar, em Outubro, a queixa apresentada naquele organismo pela CGTP-IN sobre esta matéria».

A referida Secretaria de Estado procedeu no princípio do ano, a um levantamento «rigoroso e exaustivo da situação», na base do qual elaborou propostas concretas para resolução do problema, tendo o Ministério do Trabalho tomado idêntica iniciativa.

Os dados já disponíveis, relativos ao primeiro trimestre, «apontam para um ligeiro agravamento da situação, que deverá tomar maior volume com o início do período de férias».

A mesma fonte disse que relativamente aos números de Janeiro 1984, «verifica-se no final de Maio **um aumento de empresas com salários em atraso (de 316 a 350), ascendendo as remunerações mensais em atraso (só salários) a, respectivamente, 2655 mil e três milhões de contos.**

Observou que «se assinala, contudo, uma diminuição dos trabalhadores afectados: de 50 552 para 45 067».

Setúbal: «a situação mais grave»

A mesma fonte segundo a NP referiu que no final do primeiro trimestre «a soma das diversas dívidas aos trabalhadores ascendia a 10 055 mil contos, enquanto em Janeiro eram de 14 175 mil».

Declarou que tais quantias «referem-se ao número de empresas e trabalhadores já referidos e ao conjunto das dívidas constituídas por salários, diferenças salariais, retroactivos e outras prestações, férias, subsídios de férias e de Natal, Fundo de Desemprego e Previdência».

Salientou que em 31 de Maio, 8461 mil contos diziam respeito à Previdência e quase dois milhões ao Fundo do Desemprego.

Revelou, ainda, que **a situação mais grave continua a ser a do distrito de Setúbal, onde, embora entre Janeiro e Maio o número de trabalhadores afectados tenha diminuído de 16 909 para 10 755, o das empresas subiu de 39 para 54 e os salários em atraso de 963 mil para um milhão e 26 mil contos.**

Adiantou que, entretanto, no distrito de Lisboa, «a situação agravou-se substancialmente no referido período de tempo, tendo passado de 32 para 74 as empresas com salários em atraso, enquanto o número de trabalhadores afectados aumentou de 6888 para 11 635 e as remunerações em atraso de 337 958 para 774 126 contos».

Disse que «também o distrito de Santarém viu a sua situação agravada, tendo passado de 22 para 28 empresas com salários em atraso, de 2310 para 3490 o número de trabalhadores afectados e de 104 095 para 131 769 contos as remunerações em atraso.

Acrescentou que os distritos do Porto e de Braga registaram «ligeira melhoria», os de Leiria e Faro «também tiveram comportamentos positivos» enquanto nos restantes distritos «a situação se manteve estacionária».

A mesma fonte declarou que o sector mais afectado é o da indústria naval» embora se tenha verificado uma melhoria substancial.

Assim entre Janeiro e Maio, o número de empresas com salários em atraso diminuiu de oito para seis, número de trabalhadores afectados de 15 535 para 7804 e as remunerções em atraso de cinco milhões e 683 para três milhões e 656 mil contos.

Em segundo lugar situa-se a indústria metalúrgica e metalomecânica, que subiu de 52 para 60 empresas com salários em atraso, de 7930 para 8273 trabalhadores afectados e de 2123 para 2924 mil contos.

Segue-se a indústria têxtil, onde se passou das 24 para 31 empresas, dos 7966 para 9071 trabalhadores e dos 2362 mil para os 2545 mil contos.

O mesmo informador disse ainda que com mais de 500 mil contos de salários (e só salários) em atraso se encontram os sectores da cerâmica e cimentos (36 empresas), construção civil (44) e indústria química (18), todos com evolução negativa entre Janeiro e Maio.

Ponta Delgada

Trabalhadores do aeroporto paralisam amanhã

A administração da ANA-EP reafirmou a sua posição no diferendo que a opõe aos trabalhadores do aeroporto de Ponta Delgada sobre o trabalho nocturno.

A ANA afirma «não ceder às exigências injustificadas» dos dirigentes do Sindicato dos Trabalhadores de Aviação e Aeroportos (SITAVA).

A decisão de não ceder «às reivindicações do SITAVA vem ao encontro dos interesses «da região, das transportadoras aéreas e dos seus passageiros» – diz a ANA que acrescenta que o conselho de gerência «aguarda serenamente» que a sua posição seja «reconhecida» pelos trabalhadores.

Refere igualmente estarem esgotados os meios de diálogo por uma prática sindical que reputa alheia aos verdadeiros interesses dos trabalhadores.

Os dirigentes do SITAVA – acusa a administração da ANA – recusaram-se «a qualquer entendimento que não passe pela aceitação pura e simples dos seus pontos de vista».

Os trabalhadores do aeroporto de Ponta Delgada têm marcada para amanhã uma greve destinada a obrigar a administração da ANA – EP a aceitar as suas reivindicações sobre as normas de encerramento nocturno da estrutura.

Quatro zonas de Lisboa sem água

A falta de abastecimento de água em quatro zonas de Lisboa não afecta qualquer instituição hospitalar ou serviço público sensível – disse uma fonte da EPAL.

O abastecimento de água é afectado entre as 8 horas de hoje e as 8 horas de sexta-feira nas zonas de Campolide, Campo de Ourique, Alto do Restelo e Alto da Ajuda.

O mesmo informador disse que em algumas das áreas afectadas o corte de água foi total.

Sindicatos contra Soares

Um porta-voz do Primeiro-Ministro citado pela ANOP disse «ser completamente falso» que alguém directa ou indirectamente ligado à União dos Sindicatos de Aveiro (USA) tenha solicitado uma audiência a Mário Saores.

Um comunicado emitido durante a tarde por aquele organismo sindical, ontem à tarde revelava que o Primeiro-Ministro se tinha recusado a receber uma delegação dos sindicatos do distrito. O documento acrescentava que os representantes sindicais tentaram, sem êxito, chegar junto do chefe do Governo a fim de lhe dar nota das conclusões do seu primeiro Congresso recentemente realizado.

O mesmo informador do Primeiro-Ministro acrescentou «lamentar a distorção da verdade e dos factos» por parte da USA, acrescentando lamentar também» que uma simples manifestação de seis pessoas empunhando um cartaz mereça da União dos Sindicatos de Aveiro qualquer credibilidade».

ensino

Transportes escolares

Municípios erguem-se contra decisão governamental

As câmaras do agrupamento dos concelhos do Vale de Lima decidiram ontem em Ponte de Lima enviar um memorando à Associação Nacional de Municípios sobre o problema dos transportes escolares.

Na reunião ontem realizada deliberaram divulgar entretanto os seus pontos de vista sobre esta matéria: as câmaras do referido agrupamento recusam soluções irrealistas, «porventura forjadas à revelia das autarquias, ou da maioria dos seus órgãos representativos, quem sabe se partidariamente manipulados»; só aceitarão as competências propostas com as correspondentes contrapartidas financeiras e dispondo de efectivos meios de poder organizacional e negocial em matéria de transportes. Tal implica a urgente regulamentação não só do Art.º 47 do Decreto-Lei 42/83, mas também do Decreto-Lei 77/84, referente à concessão de carreiras regulares concelhias.

Os municípios consideram ainda que o esquema vigente dos transportes escolares não foi elaborado sob a sua responsabilidade, nem sequer com a sua colaboração e está profundamente viciado, pelo que não é legítimo que se lhes peça que o aceitem «e não aceitarão». Impõe-se, pois, um mínimo de três anos como período de transição, indispensável ao imperioso saneamento do sistema, bem como à adaptação dos municípios às implicações das competências sobre a matéria em causa. Durante o período transitório, deverão os custos ser suportados pela administração central e geridos pelas câmaras.

Cópias do texto contendo as deliberações foram enviadas à Secretaria de Estado da Administração Autárquica, à Comissão de Coordenação da Região Norte, presidente do Conselho Directivo da Associação Nacional de Municípios e à delegação da Comunicação Social do Porto.

Seia, a excepção

O presidente da Câmara Municipal de Seia, o deputado pelo PS, Jorge Correia, disse à ANOP que a edilidade realiza no próximo ano lectivo o programa de transportes escolares.

A decisão constitui uma excepção à atitude colectiva assumida por grande parte dos municípios do distrito da Guarda que em recente reunião em Gouveia afirmaram estar na disposição de não realizar a tarefa por carência de verbas.

O presdente da Câmra da Guarfa manifestou, no entanto, a sua estranheza pelo facto de as verbas para transportes escolares prescritas nos duodécimos atribuídos aos municípios «contemplare Lisboa quando o seu município não tem transportes secolares».

Segundo a ANOP, Jorge Correia afirmou que a Câmara Municipal de Seia vai despender cerca de 22 milhões de escudos em transportes escolares, enquanto que as dotações em duodécimos totalizam aproximadamente seis milhões de escudos.

Acrescentou estar esperançado que o Ministério da Educação esteja aberto ao diálogo com as autarquias para solucionar a questão das dotações e esquema de realização de transportes escolares.

FESTAS

DO BARREIRO/84

DE

11 A 19 DE AGOSTO

Hélder da Silva Nobre Madeira, presidente da Câmara Municipal do Barreiro, faz público que no dia 24 de Julho pelas 16 horas, nesta Câmara, se vai proceder à arrematação por hasta pública do direito de ocupação dos terrenos para os seguintes divertimentos, para adultos e cuja base de licitação é a seguinte:

Pista de automóveis ... 440 000$00
Carrocel ..... 120 000$00

A atribuição será feita ao candidato que apresentar proposta mais favorável desde que não inferior ao valor de base de licitação e efectue o pagamento imediato de 100 por cento do valor da arrematação em dinheiro ou cheque visado.

Para constar e não ser alegada ignorância se publica o presente anúncio e outros de igual teor que vão ser afixados os lugares públicos do costume.

Departamento de Informação e Relações Públicas

informação
CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO

ALGÉS

ANDAR VENDE-SE

2 ASSOALHADAS C/QUINTAL

Resposta ao Jornal n.º 11 702

ENFERMEIRA REABILITAÇÃO

OFERECE-SE

PARA TRABALHAR SÓ TARDES.
RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 28 603

DEPOIS DE UM BOM JANTAR

de ontem para hoje

Operária tentou suicidar-se por não ter pão para os filhos

UMA operária têxtil de 33 anos, Ana Maria de Magalhães, tentou suicidar-se na sua residência em Lordelo, Guimarães, disparando dois tiros na região abdominal. Ana Maria deixou em cima da mesa da cozinha um bilhete dirigido aos seus três filhos: «Perdoai-me meus filhos, mas fui até onde me pude aguentar... Adeus, muitos beijinhos e que sejam muito felizes». A GNR foi alertada tendo transportado a vítima para o Hospital de S. João, no Porto, onde ficou internada em estado grave. Ana Maria de Magalhães é casada mas foi há meses abandonada pelo marido e vivia sozinha com os filhos.

«Guia dos Monumentos do Funchal»

Um «Guia dos Monumentos do Funchal» foi ontem editado pela Secretaria Nacional do Turismo e Cultura da Madeira. O roteiro, destinado aos turistas que visitam aquela região autónoma, dispõe de uma planta onde está indicada a localização de doze monumentos existentes no Funchal. Trata-se da Quinta Magnólia, Museus da Quinta das Cruzes, Municipal e Arte Sacra, Capela de Santa Catarina e do Corpo Santo, Convento de Santa Clara, Igreja do Colégio, Sé Catedral, Forte de São Tiago, monumento a João Gonçalves Zarco e Museu Vicentes.

Passou cheque «careca» ao Estado

O Tribunal da Guarda condenou ontem João Ferrão a um ano de cadeia pelo facto de ter passado um cheque sem cobertura de 2691 contos a um organismo do Estado. O réu foi ainda condenado ao pagamento de quinze contos de custas judiciais e a mais cinco mil escudos de indemnização ao Estado.

Penhoradas duas máquinas de escrever

O Tribunal de Execuções Fiscais penhorou ontem duas máquinas de escrever da Comissão de Conciliação e Julgamento de Lisboa, por falta de pagamento de juros de mora de antigas dívidas no valor de dezoito contos. Funcionários da Execução Fiscal compareceram na Rua Palmira, onde está instalada a referida Comissão, dependente do Ministério do Trabalho, e propunham-se levar as máquinas. O chefe de secretaria da Comissão responsabilizou-se, no entanto, como «fiel depositário» das máquinas que ficaram assim seladas e impossibilitadas de ser usadas pelos funcionários.

Queda fatal em Mem Martins

Um garoto de treze anos morreu ontem Mem Martins (Sintra) ao cair do quarto andar de um prédio em construção. Vítor Manuel Rodrigues Aparício sofreu esmagamento da nuca tendo chegado já sem vida ao Hospital de S. José.

Emigração clandestina em Macau

Durante o primeiro semestre deste ano as autoridades de Macau repatriaram para a China Popular 3252 emigrantes clandestinos. Segundo o comandante das Forças de Segurança daquele território sob administração portuguesa, coronel Amaral de Freitas, «os engajadores estiveram particularmente activos em Junho, tendo-se registado nesse mês um aumento de 54 por cento dos casos de emigração clandestina em relação a Maio».

Colhido pelo comboio em Vila Meã

Na estação de Vila Meã, Amarante, um homem de 62 anos, Manuel Álvares Pereira, foi colhido pelos rodados de um comboio do qual desceu em andamento. Manuel Pereira, que acompanhava um filho de 19 anos, pensou que já tinha chegado ao apeadeiro, pois desconhecia o local.

Desvendada a origem de dois incêndios

Um jovem de dezasseis anos é apontado pela Polícia Judiciária como responsável pelo incêndio que, em Abril deste ano destruiu parcialmente um automóvel que estava estacionado no Bairro de Alfama, em Lisboa. O jovem terá agido por vingança para com o proprietário do veículo. A PJ esclareceu ainda um outro caso de fogo, este não criminoso, ocorrido em Maio último num barracão da Brandoa que servia de armazém a uma empresa de construção civil. O sinistro, que originou prejuízos avaliados em cerca de 1100 contos, terá sido provocado por uma vela deixada inadvertidamente acesa pelo guarda do armazém, Joaquim Loja Relvas, de 40 anos. De início Joaquim Relvas tentou inculpar alguns indivíduos que o teriam ameaçado pelo facto de se haver recusado a aviar, numa farmácia, medicamentos à base de estupefacientes.

Roubados 6000 contos de jóias

Desconhecidos assaltaram uma residência situada na Rua João de Deus, à Estrela, em Lisboa, roubando jóias e pratas avaliadas em seis mil contos pela sua proprietária. O assalto foi levado a cabo através de uma janela previamente arrombada

Tabaco de contrabando em Quarteira

Tabaco de contrabando avaliado em 3200 contos foi apreendido ao largo da Quarteira pelo navio patrulha da Armada «Rovuma». O tabaco estava a bordo de uma embarcação, supostamente com o nome de «Kao», a qual está neste momento ancorada no cais da Marinha, em Portimão, à ordem das autoridades judiciais.

Um dia "rendeu" 432 processos

Inspecção Económica voltou ao ataque

A instauração de 432 processos foi o balanço de uma operação, a nível nacional, desencadeada na terça-feira pela Inspecção Económica – anunciou a respectiva Direcção-Geral.

Dos processos instaurados, decorrentes de visitas efectuadas a 1552 estabelecimentos, 29 foram-no por crime de especulação em produtos hortícolas, frutas, ovos, pescado e pão, 10 por crimes contra a saúde pública, exposição e venda de produtos impóprios para consumo e os restantes 393 por infracções várias de menor gravidade.

Aquela Direcção-Geral revelou ainda que foram detidos cinco indivíduos – que vão ser enviados a tribunal – por delitos de matança clandestina, produtos impróprios e especulação.

Foram igualmente apreendidas grandes quantidades de carne, pescado vinho e ovos, que se encontravam ilegalmente no circuito de comercialização, no valor total de cerca de 250 mil escudos.

Segundo a Inspecção Económica, a operação desencadeada terça-feira teve em atenção a época que se atravessa em que há bens susceptíveis de deterioração rápida pela acção do calor e, também, a prevenção de possíveis aumentos injustificados de preços.

A operação, que teve início às 9 e terminou cerca das 19 horas, registou a colaboração de 211 elementos da Inspecção Económica, 67 da PSP, 108 da GNR e cinco da Guarda Fiscal, distribuídos por 110 brigadas.

Na Almirante Reis

Outra ourivesaria assaltada pelo tecto

A Ourivesaria Lima na Avenida Almirante Reis, 9, em Lisboa, foi esta noite assaltada por indivíduos que se introduziram pelo tecto, como se tem verificado ultimamente com outros estabelecimentos do mesmo ramo.

Os assaltantes entraram primeiro nas instalações da Conservatória do Registo Predial situada no primeiro andar e ali procederam à abertura de um orifício no chão que lhes permitiu o acesso à ourivesaria.

Depois foi a colheita habitual dos artigos expostos a que o comerciante atribiu em estimativa provisória valor superior a mil contos.

A Judiciária tomou conta da ocorrência, nada divulgando sobre o resultado das suas primeiras diligências.

Televisores de contrabando roubados na alfândega do Porto

A Polícia Judiciária está a investigar um roubo de televisores a cores retirados da Alfândega do Porto onde se encontravam à ordem das autoridades aduaneiras. Os larápios, para que as caixas de onde retiraram os televisores não ficassem leves, encheram-nas de areia.

Os televisores (573 aparelhos a cores que foram apreendidos em fins de 1981), vinham da Alemanha e destinavam-se a uma firma de Lisboa, não possuindo porém guias de transporte. Na altura foi instaurado processo moroso e difícil. Agora, passado todo este tempo e porque o assunto estava mais ou menos, tornou-se resolvido tornou-se dar destino aos televisores. Só que a maioria das caixas apenas tinha areia.

Diz-se dentista e polícia e já prostituiu várias raparigas

As autoridades policiais procuram referenciar um indivíduo de 23 anos, Alberto Faria Júnior, natural de Angola, que se apresenta como dentista e subinspector da Polícia Judiciária. Mas o seu objectivo principal consiste em seduzir raparigas que depois explora iniciando-as na prostituição.

Sempre vestido segundo o último grito da moda, Alberto Faria actua sobretudo na província conseguindo trazer as suas vítimas para Lisboa, com a promessa de que lhes arranjará um bom emprego.

O último caso conhecido foi o de uma rapariga de dezassete anos, Daniela, residente em Braga, que ele conseguiu trazer para a capital, com a promessa de que lhe arranjaria colocação num hipotético café propriedade da sua mãe. O resultado foi que a jovem acabou num bar do Intendente, onde durante cinco meses se prostituiu, pagando com o dinheiro ganho todas as despesas dela e de Alberto Faria, entre comida, vestuário e o quarto onde ambos viveram.

Perto de Viana do Castelo

Taxista assaltado e atado a uma árvore

Dois jovens aparentando cerca de 25 anos, cada um deles transportando um saco de lona azul, apoderaram-se do táxi em que viajavam do Porto para Viana do Castelo, roubando ainda dinheiro e vários objectos ao motorista, Manuel Fernandes Monteiro que deixaram amarrado a um pinheiro perto do lugar de Santoinho.

Manuel Monteiro, de 41 anos, casado e com quatro filhos menores, conseguiu desembaçar-se mais tarde das cordas e à boleia dirigiu-se ao posto da PSP de Viana do Castelo onde disse ter sido despojado de três contos em dinheiro, um relógio, uma aliança em ouro e um anel em brilhantes, tudo no valor de cem contos.

O taxista, residente em Santa Marinha, Vila Nova de Famalicão, trabalha há dezoito anos na praça do Porto e nunca tinha sido assaltado. O carro ainda não apareceu.

Projecto MEREC (Guarda) recebe financiamento americano

Vários organismos norte-americanos concederam uma verba de 18 mil contos para financiamento de projectos relacionados com o «projecto MEREC – Gestão Eficiente dos Recursos de Energia da Guarda», revelou ontem o coordenador do referido projecto.

Luís Borges acrescentou que o plano de trabalho definitivo para a actividade do projecto MEREC finalizou na segunda semana de Julho, e que a referida verba foi posta à disposição da câmara municipal da Guarda, entidade responsável pelo projecto.

Foi igualmente anunciado que técnicos norte-americanos do Tennessee Valley Authority TVA), Avrom Bendavid – Val e da Agency for International Development (AID) se deslocaram à cidade da Guarda para fazerem a avaliação do trabalho realizado pelo gabinete do referido projecto.

Luís Borges disse ainda que a fase seguinte do projecto, correspondente à sua implementação, termina em Setembro de 1985, tendo-se optado por uma colaboração mista que envolve técnicos pertencentes a instituições da cidade e a outros departamentos do Estado, com responsabilidades pela elaboração dos projectos.

A lista seleccionada dos projectos a elaborar refere-se aos sectores de água e saneamento básico, gestão de lixos, abastecimento de energia, produção agrícola, planeamento municipal e construção civil.

BULGÁRIA

- 2 semanas, pensão completa, visitas
- Visitando **Sofia,** Plovidv, Stara Zagora, Velingrad e 6 dias no **Mar Negro** (Varna)
- Partidas: 2, 9 e 27 de **Agosto**
- 74 000$00 a 82 000$00
- Uma noite em **Zurique** sem aumento de preço
- **Desconto Familiar** (cônjuges e filhos)
- Peça programas detalhados. Outros destinos.

AGITURISMO

Agiturismo
Rua da Glória, 43
(aos Restauradores)
1200 Lisboa
Telef. 373110/1
Alv. Op. 414

Arquitectos

O Ar Condicionado é indispensável à sua vida profissional e ao seu conforto pessoal
Instalamos ar condicionado no seu escritório ou em sua casa
com qualidade e rapidez
Fornecemos orçamentos sem encargos
Pagamento após instalação e com desconto de 10% para pagamentos a pronto

Somos Tepclima

R. Arco do Carvalhão, 235-C — 1300 LISBOA
Consulte-nos pelos telefones: 655502 • 654105 • 658728 • 658385 • 658401

Habitação é um dos grandes problemas...

Moscavide quer melhores casas mantendo a densidade populacional

Moscavide não deverá ter aumentada a área de construção, nos termos de uma proposta da APU aprovada pela Assembleia de Freguesia, na sua última reunião.

Com aquela decisão, pretendem os eleitos da freguesia impedir o «aumento da densidade populacional e de trânsito, preservando deste modo o mais amplo espaço livre possível para criação de zonas verdes, de recreio para as crianças, de estacionamento, etc.».

Um outro objectivo segundo se assinala na proposta aprovada é o de «preservar e valorizar os edifícios existentes, cujas características arquitectónicas o justifiquem e que marquem uma determinada época, classificando-os de interesse histórico da freguesia».

Por fim, os autarcas de Moscavide pretendem com o referido documento «impedir a degradação acelerada de alguns edifícios de uso habitacional».

A habitação aparece, de resto, como pano de fundo dos problemas vividos em Moscavide. Uma outra proposta também aprovada por unanimidade considera «as condições sub-humanas em que vivem os moradores das zonas degradadas da Quinta da Vitória e do Casal dos Marcos».

O problema, neste caso, é que não tiveram resposta satisfatória as diligências até agora desenvolvidas pela cooperativa de habitação Cooplar no sentido de obter crédito para construir casas para os cidadãos que vivem naquela área degradada.

Os termos da proposta da Assembleia de Freguesia estão desse modo justificados. No documento exige-se do Poder Cetral o necessário e urgente lançamento de programas de construção de habitação social». E também se declara, a autarquia, disposta a apoiar a cooperativa em tudo quanto respeita ao desbloqueamento dos créditos tão necessários.

E não é tudo, no que se refere a problemas habitacionais da área de Moscavide. O problema das rendas seria analisado na mesma reunião da Assembleia de Freguesia e resultaria num requerimento à Assembleia da República para que reveja o actual projecto de aumento das rendas de casa no sentido de o tornar mais consentâneo com a realidade nacional.

«Não é com aumento das rendas de casa que se resolve o problema da habitação e suas carências» – declara-se nesse terceiro documento aprovado.

«Moscavide, com uma área de 121 hectares e 24 271 habitantes, é uma das freguesias cujo índice habitacional é dos mais elevados no nosso país e a maior no concelho de Loures» – recorda, a propósito, a APU local.

O resultado estará sintetizado na expressão encontrada para descrever a Moscavide actual: «autêntico caixote de cimento armado».

Vereadores abandonaram reunião

Inquérito à Câmara de Oeiras pedido pelo presidente

O presidente da Câmara Municipal de Oeiras pediu um inquérito à autarquia na sequência de uma reunião da vereação que não chegou ao fim por abandono da sala dos vereadores da APU e do PS.

Em debate estava um artigo publicado pelo jornal «O diário» que imputava ao presidente da autarquia responsabilidades em alegadas ilegalidades cometidas na passagem de licenças de construção.

O tema veio à discussão pela voz de um autrca da APU e o presidente da autarquia, Carlos Ramos, reagiu afirmando que está a ser a ser «alvo de uma campanha fortemente organizada a partir de funcionários da edilidade» e com o apoio de vereadores.

Os vereadores do PS e da APU rejeitaram a acusação e exigiram desculpas ameaçando abandonar a sala mas o presidente considerou-se «profundamente ofendido» e respondeu-lhes: «se querem sair, saiam».

Na sequência do episódio o presidente da autarquia pediu aos serviços um inquérito à Câmara.

Antes, um vereador da APU considerou que poderá ter havido um certo sensacionalismo na notícia de «O diário», mas imputou ao presidente a responsabilidade de ter gerado a situação.

Por seu lado, um outro vereador da APU acusou o presidente de incapacidade para gerir os serviços da autarquia.

Uma das dificuldades é o dinheiro

Inventário do património algarvio talvez arranque ainda este ano

Um projecto de «Inventário do património arquitectónico e arqueológico» do Algarve poderá ainda arrancar este ano com o apoio de várias entidades, nomeadamente, a Assembleia Distrital de Faro.

O trabalho foi solicitado pela referida Assembleia Distrital à delegação do Algarve da Secretária de Estado da Cultura e tem um prazo previsto de execução de quatro anos, estimando-se o seu custo em cerca de 20 mil contos.

Helena Santos, técnica superior daquela Secretaria de Estado e autora do projecto disse que este tem por objectivo «criar condições à existência de um sistema que permita um conhecimento global do património cultural algarvio».

Referiu que esse sistema, tem em vista «não só a recuperação, defesa e divulgação» do património cultural algarvio, como também «a estruturação de um planeamento organizado com vista à definição de uma política regional de salvaguarda do património».

Helena Santos disse que o património do Algarve é extremamente rico de características peculiares e merece uma atenção urgente com vista ao salvamento de muitos casos pontuais de degradação e quase que em estado de ruína».

«São vários os casos necessitando de intervenção urgente» – sublinhou Helena Santos realçando, a propósito da salvaguarda do patrimóio arquitectónico do Algarve, a fragilidade dos materiais de construção tradicionalmente usados na região, bem como os estragos causados pelos terramotos e outras intempéries.

Aludindo ao projecto de «Inventário do património arquitectónico e arqueológico» do Algarve que se encontra à apreciação do Instituto Português de Património, afirmou que se encontra esquematizado em quatro fases.

A primeira, a desenvolver ainda este ano prende-se com a viabilização financeira do próprio projecto, consistindo a segunda na análise e definição de prioridades e contactos com entidades escolares e individualidades ligadas ao sector cultural.

A terceira fase visa a implementação dos trabalhos e a quarta e última a decorrer em 1988, tem por principal objectivo a divulgação do projecto através da edição de publicações, uma global e outras sectoriais.

Segundo Helena Santos, paralelamente ao desenvolvimento do trabalho, que pressupõe a nível concelhio da colaboração das respectivas câmaras, pode-se proceder a intervenções de recuperação em casos pontuais.

Encerramentos ameaçam serviços

Centro mostra-se alarmado com ameaças aos comboios

Os serviços ferroviários na zona centro de Portugal serão seriamente afectados se a CP concretizar a política de neutralização de apeadeiros, estações e, até, de troços de via – disseram, à Anop autarcas da região.

Em obediência a directrizes condicionantes de um grande empréstimo do Banco Mundial, o troço da linha da Beira Alta entre Pampilhosa e Figueira da Foz é um dos condenados a encerramento.

O anúncio desse propósito causou alvoroço entre os utentes habituais desse ramal e das Câmaras Municipais dos concelhos por ele atravessados: Mealhada, Cantanhede, Montemor-o-Velho e Figueira da Foz.

O pensamento dominante entre os autarcas desses quatro concelhos é que essa via férrea, de 50 quilómetros, está demasiado degradada para se tornar convidativa para grande número de utentes, mas que pode ser rentabilizada mediante beneficiações.

O percurso da via, que outrora demorava 50 minutos, alarga-se agora a hora e meia, o que é francamente dissuasório.

Não falta quem defenda que a linha deveria ser mesmo electrificada. Pelo menos, este é o ponto de vista de Joaquim da Costa Andrade, técnico reformado da CP e vereador da Câmara Municipal da Mealhada.

O edil alaertou, na última reunião camarária, para a hipótese de longas interrupções da linha do Norte, causadas por graves acidentes, entre Alfarelos e Pampilhosa. Nesses casos, as circulações far-se-iam entre Alfarelos-Figueira da Foz-Cantanhede-Pampilhosa e vice-versa.

Comboios antiquados ameaçam a sobrevivência de linhas e estações

Entrega a privados?

Para obviar ao encerramento de estações, o vereador opinou que a exploração das mesmas poderia ser entregue à iniciativa privada.

O sistema, disse, foi aplicado com bons resultados, há dezena e meia de anos, na linha da Lousã e no ramal de Vendas Novas e utiliza-se no estrangeiro, onde podem colher-se ensinamentos sobre formas de não prejudicar o público.

Pinto Correia, presidente do município de Montemor-o-Velho, insurge-se contra a hipótese do encerramento do Ramal da Figueira porque a linha serve a parte norte do seu concelho, especialmente a freguesia de Arazede, de onde os comboios transportam para as fábricas e escolas da Figueira da Foz muitos operários e estudantes».

Para o presidente da Câmara Municipal da Figueira da Foz «não é curial que determinadas actividades económicas sejam inviabilizadas por acções estranhas às mesmas».

A indústria e a agricultura, que se pretende fomentar na região, andam, como as câmaras municipais, receosas de que o propósito de encerramento daquela linha férrea se concretize.

«Estou convencido – disse, à Anop, Aguiar de Carvalho – que não irá haver encerramento antes de um diálogo prévio com as autarquias e um sério estudo de alternativas a essa solução»

O presidente do executivo municipal figueirense indicou estarem a ser feitas diligências para que isso não aconteça, pelo menos antes de encontradas soluções boas para a problemática que se iria gerar.

Estâncias termais

Enquanto isto, populações do interior vão sendo mentalizadas para mais um golpe que reforçará a sua interioridade e fragilidade económica.

Estações que servem estâncias termais como o Luso e a Curia e vilas como Mealhada e Mortágua terão aumentado o custo das tarifas para que as pessoas se vão habituando a ir ao Entroncamento ferroviário de Pampilhosa despachar mercadorias.

Tudo indica que Pampilhosa irá transformar-se num entreposto terminal e centralizar todos os despachos mercantis da região.

Nesse sentido foi já entregue à Câmara Municipal de Mealhada um projecto de construção de uma terceira via entre Coimbra e Pampilhosa, destinado a escoar as circulações nesse troço ferroviário.

Um mapa de expropriações a efectuar para alargamento da via nesse espaço de 15 quilómetros indica que o que faz falta à CP não será certamente, o dinheiro, conforme foi afirmado pelo vereador António Messias, na Câmara de Mealhada.

O edil referiu que, em obras da estação da Pampilhosa, os engenheiros «se revezavam, uns a mandar fazer e outros a deitar abaixo a obra feita».

Referiu que na estação de Santana Ferreira, se esfectuaram obras para acolher uma entidade política que não chegou a aparecer e que tal estação foi encerrada de seguida. A destruição de muita e preciosa azulejaria noutras estações foi também denunciada pelo vereador.

ARTIGO DE FUNDO

MÁRIO CASTRIM

A edificante história vem descrita no «Diário da República» de 20 de Junho deste ano e conta-se em duas palavras.
O ministro Seabra, de visita ao concelho de Tondela, encontrou no caminho um menino e uma menina, de 13 e 11 anos. Fazia um frio de rachar.
O ministro veio a saber que as duas crianças iam a caminho da escola, distante sete quilómetros de sua casa. Todos os dias faziam a pé à ida e à vinda, quinze quilómetros, em cerca de 4 horas.
Resolveu o ministro prestar público louvor a esses dois alunos, bem como aos respectivos pais, pela coragem e abnegação que demonstram no cumprimento de um dever legal e cívico. *Mais determina que aos dois alunos* sejam oferecidos os livros e material didáctico necessários à sua vida escolar.
O louvor sublinha ainda que, no duro trajecto, as duas crianças «correm sérios riscos de saúde e até de vida».
Gostaríamos de saber se o ministro deu boleia aos miúdos, no seu confortável, ministeriado Mercedes ou se providenciou para a diária segurança deles. Penso que os dois escolares precisam mais de um transporte público do que de um público louvor.
Com este louvor, a sua saúde deixará de correr perigo? E a sua vida ficará segura? Que farão eles com este louvor?
Certamnente não vão ganhar uma escola na sua freguesia, certamente não encurtam as distâncias, certamente não se defenderão melhor do frio e da chuva. O ministro louva. A Deus peçam o resto...
A mim me parece, aliás, que as coisas devem ficar tal como estão. Duas crianças que arriscam a saúde e a vida para frequentarem a escola: então isto não é admirável? Então isto não está de acordo com as nossas gloriosas tradições de Quinhentos? A Alma Lusitana tempera-se na rudeza, na luta difícil, na tarimba de suma-a-pau. Além de que, neste aspecto de desprezo pelo direitos da criança, Portugal deve ser caso único em toda a Europa, contando mesmo com a Turquia. Defendamos a nossa singularidade, a nossa especificidade nacional, viva o heroismo da Raça!
Numa coisa o ministro se equivoca: as duas crianças não fazem aquilo por sujeição. Averiguei que elas sonham competir na maratona, dentro de alguns anos – e não há sonho sem sacrifício. Até lá, é certo, podem perder a saúde. Podem perder a vida...
Aí é que se enganam. Não podem. O ministro já lhes assegurou o fornecimento dos livros escolares. Armados deste jeito, que mal lhes pode acontecer?...

DO QUE FUMAR CALMAMENTE

Nicarágua

Cinco anos de Revolução Sandinista

Celebra-se hoje na Nicarágua – e um pouco por todo o Mundo – a data em que, há cinco anos, os sandinistas entraram em Manágua e instauraram um regime revolucionário pluralista, onde representantes da burguesia local e dos trabalhadores se propunham transformar um país estruturalmente atrasado e destruído pela guerra.

Desde então, o projecto de «pluralismo político e económico» continua a orientar-se nove comandantes que dirigem a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), três em representação de cada uma das tendências que constituem a organização.

Se a frente sandinista se consolidou, e hoje a estratégia seguida parece ser assumida colectivamente por toda a direcção, o mesmo não se pode dizer do bloco socio-político que se formou na última etapa do assalto ao poder. Interna e externamente, o Governo de Manágua tem de enfrentar uma oposição político-militar que joga simultaneamente na legalidade e na acção sibersiva.

Interiormente, os partidos e organizações sociais agrupadas na «coordenadora democrática» que, juntamente com a Igreja oficial, o sector oposicionista mais forte, exigiram durante anos a realização de eleições, colocam agora dúvidas sobre a sua participação no acto eleitoral previsto para Novembro próximo.

Externamente, a partir das Honduras e da Costa Rica, dois agrupamentos contra-revolucionários, ambos financiados pela CIA, respectivamente a «Frente Democrática Nacional» (FDN) e a «Aliança Revolucionária Democrática (ARDE) têm travado uma guerra sem tréguas contra os sandinistas, a mandado de Washington.

A Administração Reagan apostou, desde a sua entrada em funções, nos finais de 1981, na erradicação daquilo que considera ser o «vírus comunista» na América Central. Granada mostrou o verdadeiro projecto americano para a Nicarágua. É essa aliás a razão da crescente presença militar americana na região, em particular nas Honduras.

O Grupo de Contadora, formado em Janeiro de 1983 pelos países democráticos latino-americanos mais directamente interessados pelo evoluir da situação na América Central (Colômbia, México, Panamá e Venezuela) têm procurado insistentemente uma solução global e negociada para a região, em que se inclui também o fim da guerra civil de El Salvador.

Apesar de se encontrar numa situação de guerra, e de o virtual bloqueio americano criar dificuldades crescentes ao quotidano dos nicaraguenses, o país tem conseguido taxas de crescimento do PIB assinaláveis (+10 por cento em 1980, +8,5 em 1981, -1,4 em 1982 e +6,6 em 1983), embora, em valores absolutos, ainda não se tenham alcançado os números dos anos anteriores ao auge da guerra contra o regime de Somoza (2,691 mil milhões de dólares, em 1977 e 2,316 mil milhões de dólares em 1983).

O modelo de desenvolvimento sandinista assente numa economia mista, é talvez a maior originalidade da revolução. Após a tomada do poder, os sandinistas, ao contrário do que é comum em revoluções de orientação socialista, não se lançaram em qualquer programa de nacionalizações. Limitaram-se a expropriar os mais de 40 por cento da economia que eram propriedade de Somoza, o ditador derrubado, procurando um entendimento com o sector privado, que controla 54 por cento das actividades industriais e agrícolas.

Assim, na Nicarágua, coexistem três tipos de propriedades: a estatal, a privada individual e a cooperativa. A distribuição de créditos governamentais ilustra a ausência de discriminação em relação aos sectores privados que, na agricultura e na indústria beneficiam, respectivamente, de 68 por cento e 34 por cento das verbas.

A continuação do sucesso da recuperação económica dependerá, sem dúvida, da criação de uma situação de estabilidade política que traga a ambicionada paz para a região da América Central.

A Polícia de São Paulo diz que não tem provas contra ele

Chefe mafioso pode regressar ao Brasil

O italiano Tommaso Buscetta, acusado de ser um dos chefes máximos da Mafia latino-americana, pode regressar ao Brasil quando quiser e viver em liberdade – declarou o comissário da Polícia Federal brasileira.

O comissário Roberto Grava esclareceu que não existe qualquer ordem de captura contra Buscetta, que se encontra presentemente em Itália e acrescentou que não conseguiu reunir provas suficientes contra ele.

Tommaso Buscetta foi expulso do Brasil pela primeira vez em 1972, acusado de tráfico internacional de drogas, e, depois de perder toda a sua família em Palermo (Itália) num ajuste de contas, entrou de novo no Brasil há oito anos, com documentação falsa.

Segundo o comissário Grava, a única acusação contra o mafioso, conhecido também como «Dom Massimo», é a de ter entrado de forma ilegal no Brasil, infracção pela qual pode responder perante a justiça estando em liberdade.

«Dom Massimo», de 55 anos, foi detido pela última vez no Brasil em 21 de Outubro do ano passado e, durante a sua estadia nos cárceres de São Paulo, foi um homem respeitado, tanto pela Polícia como pelos condenados.

Esta notícia, que não é telenovela, embora pareça, acrescenta:

Para o comissário Grava, a Polícia Federal brasileira não falhou, apesar de ter cometido alguns equívocos.

«O erro maior – disse – foi deter Buscetta e os membros do seu grupo, quando ainda não existiam provas concretas contra eles».

Quando o mafioso italiano recuperou os sentidos depois de ter tentado, aparentemente, suicidar-se com estricinina, há 10 dias, explicou que antes preferia morrer no Brasil do que entregar-se à «vendetta» (vingança) italiana da Mafia siciliana.

Segundo as autoridades, Tommaso Buscetta regressou ao Rio de Janeiro logo depois de ter sido expulso do Brasil, em 1976, para se instalar definitivamente, com o objectivo de ser o centro da «conexão atlântica» do tráfico de cocaína procedente da Bolívia e destinada principalmente a Miami.

O chefe da divisão de São Paulo, comissário Paulo Gustavo Magalhães, acrescentou que, por sua parte, os objectivos da Polícia estavam cumpridos, já que a sua missão á «desfazer bandos de delinquentes e não encontrara grandes quantidades de tóxicos».

O chefe da Mafia na América Latina, Tommaso Buscetta, foi extraditado para Itália a pedido da justiça daquele país por decisão do Supremo Tribunal Federal do Brasil a 14 de Julho passado.

Mondale à presidê

Walter Mondale foi no mocrata às eleições preside nas.

O ex-vice-presidente do seguiu obter a nomeação d presidenciais, ultrapassando sários, tal como se esperav

Mondale será acompan Casa Branca pela congressi de Nova Iorque, a primeira m vice-presidência dos Estado

Segundos depois de Mondale ter conseguido a nomeação pelos democratas, Bary Hart, o seu mais forte competidor, subiu ao podium na Convenção de San Francisco e declarou:

«Há alturas para lutar e outras para unir.»

Hart propôs depois que a nomeação de Mondale fosse declarada por unanimidade, moção que foi aceite pelos delegados.

Mondale, cuja nomeação era já esperada, conseguiu assim o apoio dos seus rivais, Gary Hart e Jesse Jackson, para a sua campanha contra o republicano Ronald Reagan, no poder.

«Amanhã aceitarei a vossa nomeação» – disse Mondale aos delegados, depois da votação, referindo-se ao discurso de aceitação que proferirá hoje, último dia na convenção democrata.

«Vamos dar ao senador Gary Hart e ao reverendo Jesse Jackson uma enorme ovação pelo seu magnífico contributo para este país e para o nosso partido político» – acrescentou Mondale, por entre os aplausos dos delegados.

Israel

"Likud" admi derrota eleito

Fontes do governo Likud do primeiro-ministro israelita, Yitzhak Shamir, admitiram uma provável derrota frente aos trabalhistas de Shimon Peres, a cinco dias das eleições parlamentares, aparecem destacados em todas as sondagens.

Uma manifestação da oposição trabalhista congregou cerca de 15 mil elementos dos Kibbutzin, dois mil e quinhentos veículos e dezenas de militares na reserva, informou a Imprensa israelita.

Uma possível aparição do ex-primeiro-ministro Menahem Begin tem sido ultimamente noticiada pela Rádio e Televisão, crendo-se que o antecessor de Shamir o possa vir a apoiar nas eleições.

Os matutinos «Hatzofe», da Frente Religiosa Nacional, e «Al Hamishmar», do Partido Operário Mapam, destacam que Begin recusou todas as petições de Shamir para falar em público durante a campanha eleitoral.

Amigos de Begin duvidam que o ex-primeiro-ministro saia de sua casa na próxima segunda-feira, a fim de votar a favor do Likud, para cuja campanha doou uma quantia em dólares da sua própria pensão.

Entretanto chegou a Jerusalém, vinda de Berlim, uma delegação do partido «Os Verdes», que visitará o país a convite da nova «Lista Progressista para a Paz, e que é encabeçada pelo advogado árabe, Mohamed

e candidato democrata ência dos EUA

nomeado candidato de- sidenciais norte-america-

dos Estados Unidos con- o democrata às eleições ndo os 1967 votos neces- rava.

anhado na corrida para a ssista Geraldine Ferraro, mulher a candidatar-se à ados Unidos.

O antigo vice-presidente de James Carter conseguiu a nomeação, quando os votos do Estado de Nova Jersey lhe deram mais do que os 1967 de que necessitava. No total, conseguiu 2191 votos.

Walter Mondale, ao discursar na Convenção (Telefoto UPI/NP/«DL»)

Hart ficou em segundo lugar, com 1200 votos e Jackson em terceiro, com 465.

Mondale, filho de um pastor metodista e de ascendência norueguesa, defendeu durante a sua campanha par a nomeação a realizacão de conversações anuais entre os Estados Unidos e a União Soviética.

«Desde 1974 que não há conversações sérias privadas entre a União Soviética e os Estados Unidos e estes têm sido os anos mais perigosos na História do Mundo» – afirmou.

Mondale indicou que, se for eleito, tentará negociar com os soviéticos um congelamento verificável de armas nucleares. Tentará ainda que o Congresso ratifique o Tratado SALT II, assinado com a URSS durante a presidência de Carter.

Na sua opinião, os Estados Unidos têm de manter a confiança nos seus aliados na NATO e reforçar as forças convencionais na Europa.

Durante a campanha, afirmou repetidamente que este reforço é necessário para que a NATO possa repelir um ataque do Pacto de Varsóvia sem se tornar a primeira parte a utilizar armas nucleares.

Também ao Médio Oriente, Mondale é um apoiante de longa data de Israel e gosta de fazer sobressair o seu papel na conclusão dos acordos de Camp David.

A firma que a visita que efectuou a Jerusalém em 1978, como vice-presidente, para o 30.° aniversário da independência israelita, foi um facto importante para reduzir a tensão nas relações entre os Estados Unidos e Israel e abrir o caminho para os acordos.

Mondale é a favor de uma «relação cooperante, estratégica» com Israel e os grupos judaicos consideraram-no um campeão da defesa de Israel, enquanto esteve no Senado.

A 6 de Novembro, Mondale defrontará Reagan, candidato pelo Partido Republicano a um segundo mandato. Sondagens recentes colocam o candidato democrata cerca de 19 por cento atrás do seu rival na preferência dos eleitores.

Comunistas franceses saem do Governo

O Partido Comunista Francês decidiu hoje não fazer parte do novo governo chefiado pelo primeiro-ministro Laurent Fabius, anunciou o antigo ministro de Estado e dos Transportes e número dois do partido, Charles Fiterman.

O anúncio seguiu-se a uma reunião mantida entre Fiterman, o secretário-geral do Partido, Georges Marchais, e o líder sindical Henri Krasucki, também membro do PC francês.

A decisão põe fim a meses de especulação sobre o futuro dos comunistas, que têm sido parceiros dos socialistas no governo, desde que estes venceram as eleições gerais em 1981.

Os comunistas tinham quatro pastas no Governo de Pierre Mauroy que pediu abruptamente a sua demissão na terça-feira à noite.

Fiterman disse que o Partido Comunista continuará a apoiar o governo na Assembleia Nacional.

Marchais, que manteve conversações com Fabius depois de umas curtas férias na Roménia, disse aos jornalistas que o seu partido não tinha ficado satisfeito com a resposta dada por Laurent Fabius sobre pontos essenciais respeitantes à economia e ao desemprego.

«O Comité Central decidiu esta manhã enviar ao senhor Fabius uma carta sobre esses pontos essenciais», acrescentou Marchais.

Os comunistas franceses continuarão, no entanto, a apoiar a maioria de esquerda na Assembleia Nacional.

A notícia da recusa dos comunistas de participarem no novo governo francês ocorre numa altura em que se aguarda a todo o momento a composição do novo gabinete liderado por Laurent Fabius.

Os comunistas detinham quatro pastas no anterior governo de Pierre Mauroy, sendo Charles Fiterman a personalidade comunista mais importante no elenco governativo, pois que, para além de ministro dos Transportes, tinha a categoria de ministro de Estado.

A saída dos ministros comunistas do governo de Paris faz prever um endurecimento da oposição do partido de Georges Marchais à política económica e social do próximo gabinete, presidido por Laurent Fabius.

O secretário-geral do PCF, que manteve quarta-feira uma demorada entrevista com o novo primeiro-ministro socialista, disse à saída que tinha ficado «insatisfeito» com as «respostas» de Fabius as perguntas acerca da política económica e social do governo.

O Comité Central do PCF, que se reuniu mais tarde, registou uma divisão de opiniões entre partidários da permanência dos comunistas no governo e defensores da tese de uma coligação sem incidência governamental. Estes últimos fizeram prevalecer os seus pontos de vista, já que Charles Fitterman, ex-ministro dos Transportes do governo de Pierre Mauroy, anunciou que «o Partido Comunista continuará a fazer parte da maioria presidencial».

Durante três anos, os comunistas franceses estiveram representados no governo de Paris por três ministros: Charles Fitterman, nos transportes, Marcel Rigout, na Formação Profissional, Jack Ralite, no emprego e um secretário de Estado, Anicet Le Pors, na Função Pública e Reformas Administrativas.

O Partido Socialista dispõe, sozinho, da maioria absoluta na Assembleia Nacional Francesa, e a decisão de integrar comunistas no governo de Pierre Mauroy, em Julho de 1981, obedeceu a uma opção política do presidente François Mitterrand, então fortemente constestada pela oposição francesa e alguns governos aliados.

A notícia da saída dos comunistas do governo francês foi recebida com satisfação pelos dirigentes soviéticos, indicou uma fonte oficiosa do Kremlin, citado pela ANOP.

Moscovo criticou severamente, nos últimos tempos, aspectos da política seguida pelo governo de Paris e pelo próprio François Mitterrand.

Há meses, e por ocasião da visita de Georges Marchais à União Soviética, a Imprensa soviética tinha escrito que o PCF estava a «desprestigiar-se perante as massas» com a sua participação no governo de Mauroy.

Por último, a popularidade do presidente François Mitterrand baixou de 44 para 35 por cento entre Junho e Julho, segundo uma sondagem publicada no «Paris-Match».

A sondagem efectuada pela revista parisiense entre 29 de Julho e 5 de Julho, ou seja, depois das eleições para o Parlamento Europeu e antes do anúnico de um referendo sobre a revogação da Lei sobre o Ensino Particular, abrangeu um universo de 901 francveses com mais de 18 anos.

Por seu lado, a popularidade do então primeiro-ministro Pierre Mauroy sofreu um novo retrocesso de três pontos, para se situar nos 29 por cento de opiniões favoráveis, com 59 por cento de desfavoráveis.

nite bral

Miary e pelo general judeu, Mati Peled.

Shimon Peres disse que preferia ficar na oposição em vez de formar um governo com a ajuda dessa lista árabe-judaica, a única que, juntamente com a Frente Comunista, aceita a criação de um Estado palestino na Cisjordânia e Gaza ocupadas.

Barco apresado

A Marinha de Guerra israelita apresou um barco de bandeira libanesa e os seus oitos tripulantes ficaram detidos para invstigação.

O porta-voz militar de Israel informou que o barco, de 750 toneladas e pavilhão libanês, foi apresado frente à costa libanesa, durante uma missão de rotina de patrulhas navais israelitas.

Quatro comandos palestinos, num bote de borracha, foram enviados desde esse barco na noite de 21 para 22 de Junho, a fim de atacar objectivos israelitas na costa mediterrânica, informou a emissora oficial de Jerusalém.

Quatro dos marinheiros presos são de nacionalidade síria, dois egípcios e outros dois libaneses.

O barco, que serve para o transporte de mercadorias, foi alugado na cidade libanesa de Tripoli por militantes de Al-Fatah, a maior das oito facções palestinas da OLP, informou a Rádio israelita.

Greves britânicas impedem circulação no Canal da Mancha

Os conflitos laborais aprofundaram-se na Grã-Bretanha não havendo sinais de que cheguem ao fim as greves que paralisam a indústria mineira e o comércio internacional de e para os portos britânicos.

No porto francês de Calais, uma duzia de motoristas bloquearam o tráfego dos Ferries para automóveis para protestarem contra os atrasos causados pela greve dos estivadores britânicos.

Os sindicatos britânicos protestaram contra a acção, da iniciativa de motoristas britânicos, porque a sua greve se destinava apenas a evitar o transporte de mercadorias e não a livre circulação de pessoas.

«Se eles não retirarem imediatamente acabarão por sofrer com os seus próprios métodos», disse Jum Slater, dirigente do Sindicato Nacional dos Marinheiros, «não lhes permitiremos que entre a bordo de um «ferry» até que toda a gente tenha deixado Calais logo que a greve acabe».

Do outro lado do canal, no mais movimentado porto britânico da Mancha, Dover, 200 camiões fazem bicha à espera que os «ferries» voltem a sulcar as águas. Em Calais e Cherburgo alinham-se 300 camiões desde domingo, dia em que os estivadores paralisaram a actividade de 61 portos britânicos.

A greve foi motivada pela utilização pelo governo de trabalhadores não sindicalizados num porto do Norte paralisado por piquetes dos mineiros em greve

O dirigente dos mineiros, Arthur Scargill, e o presidente da Direcção Nacional do Carvão, Ian Mac Gregor, reuniram-se ontem pela sétima vez

Iraquianos atingem "um grande barco"

Aviões iraquianos atacaram hoje um objectivo naval muito grande a Sudeste da ilha-terminal iraniana de Kharg, anunciou a agência INA.

O ataque foi desferido na Zona Norte do Golfo Pérsico e depois do ataque certeiro e contundente os aparelhos iraquianos regressaram intactos às suas bases, ainda segundo a agência.

Enquanto isto o Comité da Organização da Conferência Islâmica, composto por 44 países, abriu quarta-feira uma sessão de dois dias em Jidá, Arábia Saudita, e deve prosseguir hoje os trabalhos.

A reunião do Comité da Conferência Islâmica iniciou os trabalhos com uma discussão sobre o envio de uma delegação a Bagdad e a Teerão para persuadir os líderes dos dois países beligerantes a encetarem negociações — revelou a agência noticiosa do Kuwait.

Na Suazilândia

Membros do CNA torturados e entregues depois a Petrória

O Congresso Nacional Africano (CNA) acusou a Suazilândia de deter e torturar militantes da organização e de os entregar depois à África do Sul.

Num apelo divulgado em Dar-es-Salaam, o CNA pede a organizações internacionais e nações africanas para pressionarem o governo suazi a libertar os detidos e permitir-lhes refugiarem-se noutro país.

O secretário-geral do CNA, que luta contra o regime de «apartheid» na África do Sul, condenou o governo suazi pelas detenções e torturas de membros do movimento e disse que alguns ficaram paralisados ou mentalmente atingidos pela «selvajaria brutal» exercida sobre eles.

«O governo suazi tem de aceitar a total responsabilidade por tudo o que aconteceu e tem de parar imediatamente a brutalidade sobre membros e refugiados do CNA», considerou Alfred Nzo.

Renamo

A Resistência Nacional Moçambicana reivindicou ontem ter morto mais de 300 soldados governamentais e ter destruído cerca de 50 veículos militares e dois comboios, anuncia a NP.

Em comunicado da Renamo ontem distribuído em Lisboa, a organização afirma ter levado a cabo 19 acções nos dez primeiros dias de Julho nas províncias de Maputo, Gaza, Inhambane, Sofala, Zambézia, Nampula e Cabo Delgado.

Prisão e morte

Um homem preso durante tumultos na cidade negra sul-africana de Tumahole no domingo morreu numa cadeia da polícia, anunciou ontem o advogado da família.

A advogada Priscilla Jana afirmou que o jovem de 24 anos, Johannes N'Galo, foi preso cerca de quatro horas depois dos distúrbios, tendo morrido após 14 horas de prisão.

Afirmou que a família de N'Galo fora informada da morte pela polícia e que mais tarde fora chamada para identificar o corpo.

N'Galo não esteve envolvido nos tumultos, afirmou.

A polícia efectuou uma autópsia na terça-feira, mas não informou a família sobre a causa do seu falecimento, acrescentou Jana.

Missa com "vivas" a Franco

Cerca de dois mil activistas de direita participaram ontem numa missa em Madrid e gritaram «vivas» a Franco para celebrar o 48 aniversário da Guerra Civil Espanhola.

A missa, que decorreu na igreja de San Jerónimo, na capital espanhola, foi dedicada à memória do generalíssimo Francisco Franco, o vencedor da Guerra Civil que governou a Espanha durante 40 anos, e de José António Primo de Trivera, o fundador da falange espanhola.

Muitos membros isosos da Falange participaram na missa com camisas azuis e boinas vermelhas, o antigo uniforme da organização fascista.

Vinte mortos à "far-west"

Começou a disparar sobre "tudo o que se movia"

Vinte pessoas morreram, ontem, quando um homem, munido de três armas, entrou num restaurante de refeições rápidas, em San Ysidro, perto de San Diego, Califórnia, e começou a disparar sobre «tudo que se movia».

«Matei mil. E matarei mais mil» – gritou o homem, identificado como James Huberty, de 41 anos, de San Diego, que viria a ser abatido por atiradores especiais da Polícia.

O massacre, considerado o pior acto individual deste tipo na história norte-americana, não poupou crianças, entre as quais uma bebé de quatro meses.

O comandante da Polícia, Larry Gore, afirmou que nunca tinha visto nada semelhante

Durante o cerco que a Polícia montou ao local, as autoridades tentaram dialogar com Huberty para evitar mortes, no que colaborou a mulher do assassino que, contudo, nunca chegou a contactar com o marido

UM CHARUTO OU UMA CIGARRILHA

Samora Machel em Pequim

"Foi na China que a FRELIMO aprendeu a arte da guerrilha"

Pequim (por Fernando Lima, da AIM) — «Cooperação eterna com a R.P. da China», defendeu ontem o presidente Samora Machel ao discursar num banquete oferecido em sua honra no Grande Palácio do Povo.

Samora, tendo a seu lado o seu homólogo chinês, Li Xianian, pronunciou um vibrante discurso, pontuado pela afectuosidade que norteia o relacionamento entre os dois povos.

O presidente moçambicano começou por lembrar que foi na China que os guerrilheiros da FRELIMO «aprenderam a dominar a arte da guerra de guerrilha» e que foi com armas chinesas que os moçambicanos se libertaram do colonialismo português.

O apoio prestado durante a luta de libertação nacional continuou após a independência, tendo Samora Machel prestado homenagem aos especialistas chineses que trabalham em Moçambique «devido ao seu contributo para o desenvolvimento do país e o seu espírito de trabalho árduo».

O presidente moçambicano, que visita a China pela quarta vez, afirmou que esta deslocação se destina a «aprender como eliminar a fome e a nudez contando com as próprias forças e o desenvolvimento dos recursos locais».

«Queremos cooperação eterna com a R.P. da China, disse Samora ao concluir o capítulo referente ao relacionamento bilateral.

Passando em revista temas da África Austral e da cena política internacional, Samora Machel afirmou que o acordo de Nkomati resulta num pacto de boa vizinhança e não agressão «entre dois países com fronteiras comuns».

O chefe de Estado moçambicano considerou como um dos factores importantes no desenvolvimento do processo dos acordos de Nkomati, «a ofensiva diplomática empreendida por Moçambique junto dos países cúmplices do regime do 'apartheid'».

Samora não poupou o regime do «apartheid» que considerou como «um crime contra a humanidade».

«Somos pela justiça e igualdade e por uma pátria para todos os sul-africanos», disse Samora, depois de reafirmar o apoio «político, moral e diplomático ao povo sul-africano dirigido pelo ANC».

Noutro assunto crucial na África Austral, Samora defendeu a aplicação da resolução 435 para a Namíbia, reafirmando de igual modo o apoio de Moçambique à SWAPO «legítimo representante do povo namíbio».

Samora Machel prestou homenagem às lutas levadas a cabo pelos povos do Sara, Timor Leste e Palestina, tendo manifestado igual apoio às iniciativas de paz levadas a cabo pelo governo sandinista da Nicarágua e pelo grupo de Contadora para a América Central.

S. R.

CÂMARA MUNICIPAL DE PORTEL

ANÚNCIO

CONCURSO PARA CONTRATO DE ARRENDAMENTO DE QUIOSQUE E ESPLANADA NA CERCA DE S. PAULO EM PORTEL

JOSÉ MANUEL GODINHO FIALHO, Presidente da Câmara Municipal de Portel:

Faz público que, em reunião de 10 de Julho de 1984 foi deliberado por unanimidade abrir concurso para contrato de arrendamento de Quiosque e Esplanada na Cerca de S. Paulo em Portel.

CAUÇÃO PROVISÓRIA ..... 20 000$00

A apresentação das propostas far-se-á na Secretaria da Câmara Municipal de Portel, durante as horas de expediente até às 15 horas do dia 30 de Julho, e serão abertas na primeira reunião desta Câmara que se realizar posteriormente a este concurso.

O programa de concurso e caderno de encargos poderão ser examinados e fornecidos na Secretaria da Câmara Municipal de Portel, todos os dias úteis, nas horas de expediente.

Paços do Concelho de Portel, 10 de Julho de 1984

O Presidente da Câmara
JOSÉ MANUEL GODINHO FIALHO

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 4.º JUÍZO

ANÚNCIO

O Doutor ALÍPIO DUARTE CALHEIROS, JUIZ DE DIREITO DO 4.º JUÍZO CIVEL – 3.ª SECÇÃO DA COMARCA DE LISBOA

MANDA se cite o réu JOAQUIM EDUARDO DA MOTA ORTIGA CARVALHO, que teve a sua última residência na Rua da Arrábida n.º 39-3.º em Lisboa, para comparecer pessoalmente ou fazer-se representar por procurador com poderes especiais para transigir, neste Juízo no dia 10 de Outubro, pelas 11 horas, a fim de ter lugar a tentativa de conciliação, determinada pela alínea a) do artigo 972 do Código Processo Civil, designada nos autos de Acção de Despejo que lhe move a autora Teresa Rodrigues Pires, residente na Rua do Arco a Alcântara, n.º 47, porta 11, 1.º Lisboa, e ainda para no prazo de 5 Dias a contar da tentativa de conciliação e no caso de esta se frustrar, contestar, querendo, a referida acção, pelos fundamentos da petição inicial cujo duplicado está junto aos autos para lhe ser entregue, sob pena de ser condenado no pedido.

Lisboa, 10 de Julho de 1984

O JUIZ DE DIREITO,
Alípio Duarte Calheiros

A ESCRITURÁRIA,
Maria Otília Mendes

«D.L.» – 19/7/84 – 2.º Pub.

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA — 1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO

1.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 30 de Julho de 1984, pelas 15 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp n.º 5 — 4.º, vão à praça os móveis abaixo descritos, penhorados a Ulysses Filmes, Ld.ª, com sede na Rua Marquesa de Alorna 21-A, em Lisboa, no processo executivo n.º 1901/77, instaurado por dívida à Caixa de Previdência.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — Uma máquina de revelar filmes cor imagem e som da marca André Debrie Type D8CL mod. 19 cuves Format 35/16 MM n.º 27 em bom estado de conservação, a que foi atribuído o valor de 2 000 000$00.

Verba n.º 2 — Uma máquina de revelar filmes preto e branco imagem e som da marca André Debrie Type D8CL mod. 15 cuves Format 35/16 MM n.º 008, em bom estado de conservação a que foi atribuído o valor de 1 500 000$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 4 de Julho de 1984

O JUIZ DE DIREITO

(Manuel Laís Marzáita Malheiros)

O LIQUIDADOR TRIBUTÁRIO

(Carlos Manuel Almeida Alveins)

D.L. 19/7/84 — 2.ª PUB.

Caminhos de Ferro Portugueses — Informaçao

INFORMAÇÃO AO PÚBLICO

LINHA DE SINTRA

Trabalhos de conservação da catenária

No âmbito das acções regulares de conservação das infra-estruturas da Linha de Sintra, está a CP a proceder a trabalhos na catenária, que decorrerão até 10 de Setembro próximo.

Embora se tenha planificado um esquema destas intervenções técnicas de molde a perturbar o menos possível o tráfego ferroviário naquela zona, a verdade é que somos forçados — por motivos operacionais — a suprimir algumas circulações, nos períodos das 10.00 às 12.00 horas nos dias úteis e das 10 às 12.00 e das 15.00 às 17.00 horas aos sábados e domingos.

Ao mesmo tempo que solicitamos a compreensão dos senhores passageiros — pois os trabalhos em curso destinam-se a garantir a qualidade técnica da circulação — chamamos a atenção do público para a alteração de algumas rotinas na circulação ferroviária naquela área.

Para mais completo esclarecimento solicitamos o contacto com as estações da Linha de Sintra.

INTER-RAIL

Caminhos de Ferro Portugueses

para jovens até aos 26 anos

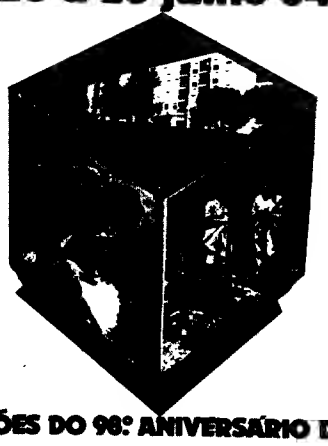
30 DIAS E 20 PAÍSES DA EUROPA

quilometragem ilimitada

Comboio a opção inteligente

LOURES 98 ANOS

20 a 28 julho 84



COMEMORAÇÕES DO 98º ANIVERSÁRIO DO CONCELHO

FEIRA CONVÍVIOS CONCERTOS

COROS TEATRO COLÓQUIOS

FOLCLORE BANDAS DESPORTO

EXPOSIÇÕES ARTES PLÁSTICAS

ARTESANATO FEIRA DO LIVRO

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

Portugal e Noruega discutem têxteis, bacalhau e a EFTA

A Noruega pretende aumentar as importações de têxteis portugueses e melhorar as relações comerciais que mantém com Portugal – disse ontem o ministro do Comércio norueguês, Esbjorn Haugstvedt à sua chegada a Lisboa, onde se desloca em visita oficial.

Em declarações a NP, ele informou pretender discutir com membros do Governo entre outros assuntos, a possibilidade de aumentar as exportações de peixe norueguesas e as importações de têxteis de Portugal.

Portugal não tem qualquer contencioso com a Noruega e as relações comerciais entre os dois países são boas» – considerou, por outro lado, o ministro do Comércio português, que sublinhou ser a balança comerc ial positiva para Portugal.

«Os têxteis, que representam um terço das exportações portuguesas, são em relação à Noruega 50 por cento das importações daquele país a Portugal e daí que tenhamos que manter uma posição firme quanto à diminuição das restrições que nos são imposts» – disse, ainda, Álvaro Barreto.

O ministro norueguês, que se manterá em Portugal até domingo, encontrou-se hoje de manhã com António Marta, presidente da Comissão para a Integração Europeia, e à tarde reunirá com Álvaro Barreto, Carlos Melância e com Ernâni Lopes.

Saldo favorável a Portugal

Nos últimos dez anos e à excepção do ano de 1974, a balança comercial tem sido sempre favorável a Portugal, com uma melhoria crescente tendo em 1983 o saldo atingido os 3,4 milhões de contos.

Nos primeiros cinco meses de 1984 o saldo da balança comercial entre Portugal e a Noruega era de 1,4 milhões de contos, contra os 742 mil contos verificados em igual período de 1983.

O principal produto importado por Portugal da Noruega é o bacalhau, com cerca de 1,7 milhões de contos em 1983 e correspondendo a 36 por cento das compras portuguesas, embora a sua importância no total importado tenha diminuído nos últimos anos.

Os produtos de alumínio ocupam o segundo lugar nas importações portuguesas, tendo o ano passado atingido mais de um milhão de contos, correspondendo a 22,7 por cento do total das compras portuguesas à Noruega.

Os produtos de papel e os produtos têxteis têm também importância relativa nas importações portuguesas à Noruega com, respectivamente, 280 e 272 mil contos.

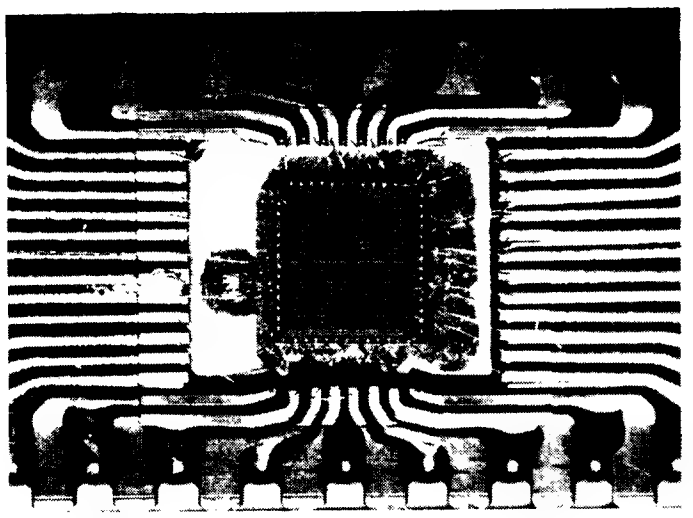
Quanto às exportações destaque para os têxteis que atingiram em 1983 os 5,6 milhões de contos, correspondendo a 50 por cento no valor total das nossas vendas à Noruega.

Em segundo lugar aparece o calçado, com 1,1 milhões de contos em 1983, e em terceiro o tomate, com 219 mil contos.

De salientar que os vinhos têm vindo a registar quebras nos volumes exportados.

O saldo positivo de 3,4 milhões de contos em 1983 deve-se aos 8,4 milhões de contos de exportações e aos 5 milhões de contos de importações.

Nos cinco primeiros meses deste ano o saldo de 1,4 milhões de contos correspondeu a 4,7 milhões de contos de exportações e à importações de 3,3 milhões de contos.



Um dos circuitos integrados de cerâmica com 40 terminais, para aplicação em telecomunicações, que vão ser produzidos em Portugal a partir dos investimentos anunciados, ontem, pela ITT.

Fábrica de circuitos integrados traz 400 mil contos da ITT

A Standard Eléctrica vai investir 400 mil contos em Portugal na instalação imediata de uma linha de fabricação de circuitos integrados que será uma das mais avançadas em todo o mundo, sob o ponto de vista tecnológico.

A notícia foi ontem dada aos jornalistas por responsáveis da Standard Eléctrica - ITT, em Portugal. Segundo eles, tal investimento permitirá a Portugal acompanhar o desenvolvimento científico para a fabricação no domínio da microelectrónica pelo menos durante dez anos.

Englobando sofisticado equipamento de produção e ensaio, este investimento destina-se igualmente à instalação de um «clean room», ou seja, uma sala com controlo de temperatura, humidade e nível de contaminação capaz de satisfazer os requisitos técnicos ambientais das tecnologias presentes, e das que se encontram ainda em desenvolvimento, no domínio dos semicondutores.

A divisão de semicondutores da ITT é exclusivamente vocacionada para os mercados externos e com este investimento aumenta as suas exportações, a muito curto prazo, em mais de um milhão de contos anuais.

De entre os produtos a fabricar destacam-se os circuitos integrados para o «Sistema 12», sistema de comutação digital já largamente utilizado em todo o mundo, além de uma vasta gama de sofisticados circuitos integrados (VLSI's e VHSIC's).

Exportações para Angola

Ao abrigo de um contrato recentemente firmado com uma empresa angolana a Standard Eléctrica fará embarcar para a RPA, dentro de dias, a primeira parte de uma encomenda de 20 mil «kits» para televisão destinados ao mercado local, num valor que ultrapassa os 2 milhões de dólares.

Esta exportação, que deverá repetir-se anualmente ao mesmo nível, resulta da cooperação entre a empresa multinacional e Angola, não só no âmbito comercial como na prestação de cursos de formação, estágios, intercâmbio de quadros e permuta de informações técnicas.

Este contrato permitirá ainda proceder à reestruturação das linhas de montagem da referida empresa para uma transferência tecnológica adequada e pelo estabelecimento dos necessários serviços de assistência técnica local.

Apoio à África Austral

O secretário de Estado da Cooperação de Portugal, Gaspar da Silva, defendeu em Londres a cooperação multilateral na resolução dos problemas de desenvolvimento da África Austral.

«Não obstante as disponibilidades de Portugal em meios técnicos e humanos, a actual conjuntura financeira tem-nos impedido de dar uma resposta tão vasta e tão pronta quanto a nossa vontade política desejaria», disse o secretário de Estado português da Cooperação.

Portugal, recordou, está a participar, conjuntamente com Moçambique, França e Canadá, na recuperação da linha de caminho-de-ferro Nacala-Entre-Lagos, em Moçambique, e, em associação com a USAID (Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional), na elaboração de um estudo solicitado pela SADCC sobre a comparação dos níveis de ensino nos países da África Austral.

Gaspar da Silva também referiu que Portugal vai apoiar a unidade técnica e administrativa do sector da energia da SADCC, a cargo de Angola, e que estão a decorrer contactos com vista à criação, por intermédio de uma entidade portuguesa, de uma fábrica de alfaias agrícolas em Malanje.

Giovanni Agnelli, presidente da Fiat Italiana (à direita na foto) foi ontem recebido no Kremlim pelo primeiro-ministro soviético Tikhonov (à esquerda). Mais um passo para ampliar o comércio Leste-Oeste, na Europa, que está a conhecer um novo élan

Comércio Leste-Oeste em franca recuperação

O comércio entre os países ocidentais e do Leste europeu está em França recuperação depois da quebra registada em 1981 e 82, revela um estudo ontem publicado pelo Instituto Vienês de Investigação Económica (WIFO).

O relatório incluído no boletim mensal do Wifo indica que as exportações dos países ocidentais para os países do Leste europeu, registaram, em 1983, uma diminuição de 2,5 por cento em volume, em relação a 1982 mas os preços aumentaram em 4 por cento durante o mesmo período, o que supõe um aumento de 1,5 por cento do valor global das exportações.

A maior redução afectou as vendas dos Estados Unidos e do Japão, mas a Europa Ocidental conseguiu aumentar as exportações para o Leste Europeu com 3,5 por cento em volume, o que representa um aumento de 7 a 8 por cento do valor real, calculado em dólares.

A França, Itália e RFA são os principais beneficiários deste incremento, que resulta em boa parte, da venda à URSS de materiais e equipamentos para a construção do gasoduto euro-siberiano.

As compras dos países da OCDE aos países de Leste registaram em 1983 uma diminuição de 1,5 por cento em volume, e um aumento de 7,5 por cento em valor devido, essencialmente à subida dos preços dos produtos energéticos.

A balança comercial entre os dois blocos saldou-se em 1983 com um défice de 4 mil milhões de dólares para os países da OCDE, similar ao de 1982. Para 1984 o WIFO prevê um novo crescimento do comércio Leste -Oeste, de 5 a 6 por cento.

Açores exporta gado para o Continente

Os Açores colocaram de Janeiro a meados de Julho nos mercados do Continente e Madeira 2300 cabeças de gado bovino – revelou uma fonte da Empresa de Transportes Marítimos (CTM).

O porta-voz da companhia, que transporta o gado açoriano para o Continente e Madeira adiantou à ANOP que aquele número é semelhante ao volume de vendas no exterior, concretizadas em períodos homólogos de anos anteriores.

Referiu, contudo, estar presentemente a verificar-se uma «certa dificuldade de colocação» do gado vivo dos Açores, em relação a épocas de Verão

A CEE não reduziu o fosso entre regiões ricas e pobres

O fosso entre as regiões ricas e pobres da CEE não sofreu alterações desde a sua fundação, em 1957, segundo o diário alemão-federal «Die Welt» citando, ontem, estatísticas comunitárias.

«Embora o nível de vida tenha aumentado em todos os países da CEE, desde a sua criação, a proporção de cinco para um entre ricos e pobres não se alterou» — sublinha o jornal conservador de Bona.

Apoiando-se em estatísticas regionais da Comunidade Europeia, revela que o nível de vida entre as províncias de Gronigen (Norte da Holanda) e a Trácia (Grécia) é, respectivamente, de 206 e 39 pontos.

Na RFA, enquanto Hamburgo regista 193 pontos, a escassos sessenta quilómetros de distância, em Luenedurg, o nível de vida atinge apenas 78 pontos.

Entre os dez países da CEE, o Luxemburgo é o que detém o melhor nível de vida médio (117 pontos), seguido da RFA (114), Dinamarca (111), França (110, Bélgica e Holanda (106).

A Grã-Bretanha regista um bem-estar económico (93 pontos) inferior à média europeia, seguindo-se-lhe a Itália (88), a Irlandado Norte (62) e a Grécia (56).

Quando Portugal entrar para a CEE, Trás-os-Montes será a região mais atrasada. Entre ela e Hamburgo existe uma diferença de desenvolvimento de um para 12.

Oposição à integração

A propósito da CEE, o Movimento dos Pequenos e Médios Comerciantes e Industriais (MPMCI'S) considerou a adesão de Portugal à Comunidade como «o caminho do suicídio».

Em comunicado, o MPMCI'S apela às associações patronais e estruturas representativas para se unirem a fim de discutir «sem peias de nenhuma espécie e que procurem, em conjunto, «outros caminhos que não passem pelo suicídio».

«Não temos agricultura competitiva, a nossa indústria é, salvo algumas excepções, absolutamente incapaz de lutar contra os colossos da Europa e o nosso comércio vive horas de amargura» prossegue.

Segundo este movimento, os camponeses portugueses vão sofrer «amargamente» a adesão à CEE, acrescentando que igualmente a maioria das indústrias vai ser «esmagada irremediavelmente».

VITÓRIA CLUBE DE LISBOA

CONVOCATÓRIA

Nos termos dos estatutos, convoco a Assembleia Geral do Vitória Clube de Lisboa a reunir em sessão ordinária, na sua sede social, sita na Rua Silveira Peixoto, P.A.C., no dia 23 de Julho de 1984, pelas 20.30 horas com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

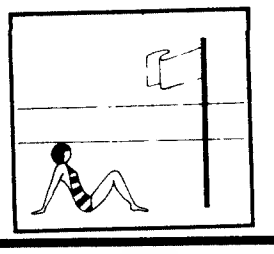
1.° **Discutir e votar o Relatório e Contas da Direcção, exercício 84/85, e o parecer do Conselho Fiscal.**
2.° **Elaboração da lista dos Corpos Gerentes 1983/84**
3.° **Tomar conhecimento de uma comunicação do presidente da Mesa.**

Se à hora marcada não houver número legal de sócios para deliberar, reunirá esta assembleia em 2.ª convocação e de acordo com o parágrafo n.° 7 do art.° 26 dos estatutos, uma hora depois com o número de sócios presentes, sendo válidas todas as decisões tomadas.

Lisboa 17 de Julho de 1984

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
José da Costa Gonçalves

CUMPRA
os sinais das bandeiras



REAL FEITORIA

DESPORTO

FISA de mão pesada

Suspensa a equipa de Ken Tyrrel multas a Mansell e Ickx

O público português ficou impossibilitado de ver em Outubro no Estoril a equipa Tyrrel de Fórmula 1, que foi suspensa até final da temporada pela Federação Internacional de Automobilismo (FISA).

A decisão foi motivada pela utilização pela escuderia de Ken Tyrrel de combustível e lastro ilegais.

A deliberação tomada ontem pelo executivo da FISA, em Paris, tem efeitos imediatos, já não permitindo à Tyrrel apresentar-se domingo diante do seu público no Grande Prémio da Inglaterra.

O executivo da FISA determinou ainda que sejam anuladas todas as classificações da Tyrrel desde o princípio da época.

Ken Tyrrel declarou-se «chocado com a dureza» da decisão e indicou que vai fazer um apelo ao Tribunal da Federação Internacional do Automóvel.

A decisão contra a equipa de Ken Tyrrel, na qual Jackie Stewart conseguiu três títulos mundiais, baseou-se na análise do conteúdo de um tanque de água após o Grande Prémio de Detroit.

O líquido contido no tanque mostrou «vestígios de hidrocarbonetos e álcool», além de que o recipiente continha ainda pequenas bolas de chumbo».

Os Tyrrel, este ano pilotados por Martin Brundle (segundo em Detroit) e Stefan Bellof, continuavam a utilizar o Ford Cosworth tradicional, sendo dos poucos Fórmula 1 não turbo.

Habitualmente, paravam poucas voltas antes do termo das corridas e, na opinião da FISA, essa operação destinava-se a eliminar sinais da fraude.

A comissão da FISA confirmou várias irregularidades, a nível de combustível, lastro não fixo (as bolas de chumbo) e não cumprimento de normas de segurança na fixação dos tubos de escape.

A partilha de receitas entre os membros da Associação de Construtores de Fórmula 1 (FOCA), de que a Tyrrel é membro fundador, baseia-se nos pontos ganhos e nas posições obtidas nas corridas durante a época.

Se a FOCA aplicar à Tyrrel as decisões da FISA isso poderá significar o fim da escuderia de Ken Tyrrel, a «raposa» da Fórmula 1, já que a equipa vem atravessando problemas financeiros graves, sendo-lhe difícil encontrar patrocinadores.

Outras decisões tomadas pela FISA foram: multar o britânico Nigel Mansell em seis mil dólares (cerca de 900 mil escudos) por condução perigosa responsável por um acidente no início do Grande Prémio de Detroit. A licença de Mansell ser-lhe-á retirada em caso de reincidência; retirar a licença de director de corrida ao belga Jacky Ickx e multá-lo em seis mil dólares por não consultar os oficiais da FISA antes de dar por findo, sensivelmente a meio, o Grande Prémio do Mónaco, em Junho, quando chovia torrencialmente; substituir o Campeonato da Europa de Fórmula 2 por uma nova fórmula baseada em motores de três litros, como os Ford Cosworth; acabar com o Europeu de Fórmula 3 e intensificar os campeonatos nacionais da categoria.

Hóquei em patins: Campeonato do Mundo

Livramento planeia trabalho e escolhe treze hoquistas

Com vista ao Campeonato do Mundo a realizar em Novara (Itália) de 14 a 22 de Setembro, o seleccionador nacional António Livramento, entregou na Federação Portuguesa de Patinagem o programa de preparação e a lista dos treze elementos pré-seleccionados. O início da preparação está marcado para 12 de Agosto e serão feitos vinte sessões de treino e, no dia 4 de Setembro, serão definitivamente escolhidos os 10 hoquistas que partirão para Itália, com escala por França onde realizarão três encontros com a selecção francesa. A lista dos 13 ora indicados é a seguinte:

Ramalhete (Sporting), Franquelim (Juventude de Viana) e Domingos (FC do Porto), guarda-redes; José Carlos (Cascais), Vítor Rosado (Benfica), Realista (Sporting) e Alves (FC do Porto), defesas e médios; Vítor Hugo (FC do Porto), Leste (Pordenone), Rocha (Benfica), Trindade (Sporting), Vítor Bruno (Ford Bassano) e Luís Nunes (Sporting), avançados.

Leste regressa

Parece definitivamente confirmado o regresso ao Benfica do excelente avançado Leste que esteve um ano em Itália. Certo também o ingresso do ex-benfiquista José Carlos (que na passada temporada representou o Dramático de Cascais) no Sporting. Quanto a idas para Itália além do portista Fanã e do sportinguista Luís Nunes, também o benfiquista Vítor Rosado se prepara para ir buscar algumas liras. Entretanto, Vítor Bruno (FC do Porto) concluiu o contrato que o ligava ao Ford Brassano e será certo o retorno ao clube das Antas.

Volta à França

Primeiro triunfo espanhol

Angel Arroyo conseguiu ontem a primeira vitória espanhola na edição deste ano da Volta à França, em bicicleta, ao ganhar isolado a décima nona etapa.

Os 186 quilómetros desta tirada alpina, ligando La Plagna e Morzine foram percorridos por Arroyo em seis horas, 16 minutos e 25 segundos, à média de 29,647 quilómetros horários.

O corredor espanhol, que subiu do oitavo ao sétimo lugar, ganhou um minuto e 14 segundos aos seus mais directos perseguidores, entre eles o camisola amarela Laurent Fignon.

Fignon, que defendeu inteligentemente a sua posição de líder, reconheceu, contudo, no final que Arroyo estava muito forte e que lhe fora impossível segui-lo quando arrancou.

O triunfo espanhol viria a ficar um pouco ensombrado com a queda que provocou fractura duma clavicula a Pedro Delgado e a sua descida na classificação geral do quinto para o oitavo lugar.

A etapa foi «morna» até a derradeira subida, quando Arroyo, parecendo mais fresco que os adversários, lançou o seu ataque. Bernard Hinault tentou superar Fignon e pareceu ir consegui-lo, até porque o camisola amarela, numa manifestação de companheirismo, resolveu ficar um pouco para trás e ajudar o seu colega de equipa Greg Lemond, em dificuldades. Na descida de quatro quilómetros para a meta, os sete ciclistas que cortaram a meta a seguir ao vencedor acabaram todavia por se juntar. A alegria espanhola não foi total: a grande vítima da etapa, entre os primeiros, acabou por ser Pedro Delgado, a quem uma queda numa descida fez atrasar e perder cerca de quatro minutos para o primeiro. Delgado perdeu a 5.ª posição na geral que ocupava e desceu para oitavo.

A vigésima etapa, a disputar hoje, ainda nos Alpes, liga Morzine a Crans Montana, na Suiça, e tem 140 quilómetros.

Carlos Marta, em 69.º, foi o melhor português na 19.ª etapa da Volta à França, em bicicleta, ao cortar a meta a 19.28 minutos do vencedor. Marta, creditado de seis horas 35.53 minutos, foi o primeiro de um grupo que incluia também Marco Chagas e Eduardo Correia. Mais para trás, mas já entre os últimos, chegaram Manuel Zeferino e José Xavier.

Vejamos à ordem de chegada:

19.º etapa – 1.º Angel Arroyo (Esp.), 6.16,25; 2.º Sean Kelly (Irl.), 6.17,39; 3.º Phil Anderson (Austral), m.t.; 4.º Bernard Hinault (Fr.), m.t.; 5.º Laurent Fignon (Fr.), m.t.; 6.º Pascal Simon (Fr.) m.t.; 7.º Pedro Munoz (Esp.) m.t.; 8.º Greg Lemond (EUA), m.t.; 9.º Robert Millar (Esc.), 6.17,46; 10.º Peter Winnen (Hol.), 6.17,48; 55.º Alain Dithurbide (Sporting), 6.24,57; 69.º Carlos Marta (Sporting), 6.35,53; 82.º Marco Chagas (Sporting), 84.º Eduardo Correia (Sporting), m.t.; 109.º Patrice Thevenard (Sporting), 6.39,28; 121.º Michel Charreard (Sporting), m.t.; 122.º Manuel Zeferino (Sporting), 6.39,38; 127.º José Xavier (Sporting), 6.44,50.

Classificação geral

1.º Laurente Fignon (Fr.), 91.55,20; 2.º Bernard Hinault (Fr.), a 8.39; 3.º Greg Lemond (EUA), a 9.52; 4.º Robert Millar (Esc.), a 10.16; 5.º Pascal Simon (Fr.), a 15.45; 6.º Sean Kelly (Irl.), a 16.21; 7.º Angel Arroyo (Esp.), a 16.58; 8.º Pedro Delgado (Esp.), a 17.37; 9.º Pedro Muñoz (Esp.), a 21.11; 10.º Niki Rutiman (Sui.), a 22.54; 83.º Alain Dithurbide (Sporting), a 1.56,14; 85.º Marco Chagas (Sporting), a 1.57,49; 96.º Manuel Zeferino (Sporting), a 2.12.30; 113.º Patrice Thevenard (Sporting), a 2.40.45; 121.º Eduardo Correia (Sporting), a 3.01,34; 123.º Michel Charreard (Sporting), a 3.05,40; 124.º José Xavier (Sporting), a 3.10,31; 125.º Carlos Marta (Sporting), a 3.11,06.

Italiano Carlo Tonon em estado de coma

O ciclista italiano Carlo Tonon encontra-se em estado de coma, na sequência da queda de que ontem foi vítima, na décima nona etapa do «Tour».

Tonon, quando descia a toda a velocidade em direcção ao porto de Joux-Plane, embateu com um turista que, calmamente, subia em bicicleta a encosta. Carlo Tonon foi chamado à última hora para participar no «Tour», em substituição de Guido Bontempi, que se encontrava doente.

O corredor italiano da equipa de Giovanni Battaglin foi transferido para o Hospital de Annecy, em helicóptero, devido à gravidade do seu estado.

O costume

Federação de Atletismo nega "caso" com Rosa Mota

A Federação Portuguesa de Atletismo negou que existam **eventuais reservas ou dificuldades postas a preparação e participação** nos Jogos Olímpicos de Rosa Mota.

Um comunicado da FPA assinado pelo seu presidente, Correia da Cunha desmente assim notícias que «não têm qualquer fundamento» sobre uma eventual exclusão da atleta. Rosa Mota, acompanhada do seu técnico, José Pedrosa, encontra-se nos Estados Unidos, em Bouder (Colorado) a realizar um estágio em altitude e juntar-se-á em Los Angeles à comitiva olímpica portuguesa em data a fixar.

A nota de Correia da Cunha acrescenta: **que o assunto é neste momento do foro do Comité Olímpico Português, e dentro do espírito de boa colaboração que se impõe manter no relacionamento como mesmo, a FPA manifestou e tornou público o seu empenho em que não sejam criadas quaisquer dificuldades nesta fase decisiva da sua preparação a todos os atletas seleccionado».**

Correia da Cunha, considerou tratar-se de **alguma especulação** em volta do caso da campeã europeia da maratona e acrescentou:

Já está tudo tratado.

Correia da Cunha manteve que a partida, **sem dar conhecimento a ninguém, de Rosa Mota, poderia ter consequências graves, se o Comité Olímpico assim o entendesse.** Mas assinalou que em conversas com os dirigentes do COP a questão ficou completamente resolvida, terminando assim: **Rosa Mota vai ter a Los Angeles, a partir daí será tudo com Vicente de Moura, chefe da comitiva olímpica.**

Canadá não seguiu o mau exemplo

O Comité Olímpico Canadiano (COC) acaba de inscrever na sua delegação para Los Angeles três atletas em situação idêntica a de José Sena e Luís Horta, excluídos da delegação olímpica portuguesa.

Os atletas canadianos Ranza Clark (800 metros), Martino Catalano (peso) e Carmen Ionesco (disco) não conseguiram os mínimos estabelecidos pelo COC mas estabeleceram, no passado fim-de-semana, as marcas exigidas pela Federação Internacional de Atletismo.

Os três atletas fazem parte das últimas 25 inscrições com que o COC decidiu aumentar a sua delegação olímpica (438 atletas) após várias provas realizadas no fim-de-semana.

Atletas afastados têm «apoio» federativo

Os atletas José Sena, Luís Horta e Rafael Marques, não incluídos na delegação olímpica portuguesa para Los Angeles devem participar em competições internacionais após os jogos, incluindo uma na União Soviética, segundo informação da FPA. Um director da Federação de Atletismo adiantou que aquele organismo vai indicar o nome dos três atletas para «meetings» a seguir aos Jogos, no sentido de os atletas não se sentirem diminuídos «psicologicamente». Entre os convites que chegaram à Federação existe um para um «meeting» na União Soviética, em Setembro, que irá congregar grande parte dos atletas que estiveram ausentes de Los Angeles.

A Federação sempre defendeu os interesses e as pretensões dos atletas e consideramos que eles foram vítimas de uma injustiça do Comité Olímpico. Por isso vamos fazer o possível por continuar a proporcionar o máximo contacto internacional para eles poderem ter a máxima rentabilidade, adiantou o mesmo elemento.

A rábula dos mínimos

A controvérsia dura há dois anos

A controvérsia iniciada há dois anos com a indicação pelo Comité Olímpico Português, de mínimos mais exigentes que os da Federação Internacional de Atletismo, culminou com o abandono do estágio de 18 atletas.

O Comité Olímpico Português (COP) apresentou em 11 das 24 provas do calendário olímpico masculino, mínimos mais exigentes que a Federação Internacional restringindo a presença de um maior número de atletas. José Sena e Luís Horta foram os dois atletas prejudicados com essa decisão do COP, que se mostrou inflexível apesar das várias tentativas de «conciliação» apresentadas pela Federação Portuguesa de Atletismo.

A Federação Internacional, conhecedora do nível atlético e da profundidade da modalidade nos países seus filiados adoptou os mínimos olímpicos na certeza de poder proporcionar uma abertura a um maior número de elementos. A elaboração desses mínimos por parte da FIAA baseou-se nos «rankings» internacionais e no nível dos últimos jogos e daí a sua justificação para uma abertura em algumas provas, embora entre todas elas exista um paralelismo de acordo com a pontuação da tabela internacional ou portuguesa. Posteriormente o COP adoptou outros mínimos mais exigentes e em alguns casos desproporcionados com a realidade do atletismo português – forte no sector do meio-fundo mas medíocre nos concursos.

Para melhor compreensão das disparidades existentes recordamos alguns casos; indicando tempos e marcas (mínimos) estabelecidos pela Federação Internacional e determinados pelo Comité Olímpico Internacional:

	FIAA	COP
200 metros	20,94	21,00
400 metros	46.34	46.24
1500 metros	3.39.00	3.38.00
5000 metros	13.35.00	13.34.00
10 000 metros	28.25.00	28.10.00
400 M/B	50.54	50.34
3000 obst.	8.30.00	8.28.00
comprimento	7.80	7,90
Triplo salto	16,45	16,50
Peso	19,40	19,50
Disco	61,00	63,00
Martelo	71,00	72,00
Dardo	82.00	82,00

Recorde-se que na prova dos 10 quilómetros José Sena fez o tempo de 28.17,83 e Luís Horta 28.18,13, portanto muito acima do estabelecido pela Federação Internacional de Atletismo.

DESPORTO

Esta manhã, na Luz

"Sessão de boas vindas"

Fernando Martins a dar as «boas vindas»

Com a presença do novo técnico **Tomislav Ivic** os futebolistas do Benfica fizeram esta manhã a sua apresentação no Estádio da Luz. Além da contratação de um novo técnico, os benfiquistas, para colmatar as saídas de Chalana, Stromberg e Filipovic, procederam à aquisição de alguns valores de primeiro plano do futebol português como são os casos de Vando, Nivaldo, Nunes, Silvino, Neno, além de outros ainda promissores.

A grande curiosidade dos benfiquistas está em saber-se se Tomislav irá dar continuidade ao excelente trabalho desenvolvido por Eriksson ou se as suas concepções serão sucedidas com o êxito que se espera. Quanto aos novos valores recrutados duvida-se que Chalana e Stromberg tenham na dupla Vando-/Nivaldo razão para os esquecer. Quanto a nós, e mal-grado reconhecermos o inquestionável valor daqueles elementos vindos de terras minhotas, somos de opinião que Chalana só poderia ser substituído por Platini e Stromberg por outro de igual capacidade físico-atlética. Quanto a Nunes talvez possa vir a ser o futuro substituto de Humberto Coelho, mas ainda é cedo para com rigor lhe testar a bitola.

Washington é hipótese Rui Águas quase certo

O presidente do Benfica, Fernando Martins, continua a negociar com o Fluminense a transferência de Washington para o clube da Luz, segundo informação de Júlio Borges, dirigente do departamento de futebol dos campeões nacionais. Segundo aquele dirigente, Fernando Martins tem «todos os poderes da direcção para fechar o contrato», não tendo qualquer fundamento notícias que referem que devido ao pouco dinheiro oferecido pelo Benfica as negociações tinham sido encerradas.

Quanto a Rui Águas também prosseguem as negociações entre o Benfica e o Portimonense dado que tudo está já devidamente acordado entre o filho do ex-internacional benfiquista José Águas e o clube da Luz.

Sócrates "agita" Itália

Ao considerar Zico superior a Maradona

O futebolista brasileiro Sócrates afirmou ontem, em Roma, que o seu compatriota Zico, que milita na Udinese, **não tem rival e é melhor que Maradona.**

Sócrates, recentemente transferido para a Fiorentina, agitou o ambiente futebolístico italiano com esta declaração, uma vez que o primeiro jogo para a Taça de Itália de 1985 porá frente-a-frente precisamente as equipas do Nápoles, onde joga Maradona, e do Fiorentina. **Maradona é um dos melhores jogadores do mundo mas não o melhor. O melhor é Zico. Conheço-o e por isso posso dizer que não tem rivais,** salientou Sócrates.

O futebolista brasileiro ironizou dizendo: **se não me engano o primeiro jogo da Fiorentina na Taça de Itália será contra o Nápoles de Maradona. Bem, será altura de começar a ganhar alguma coisa.**

Kemps no Tottenham: sim ou não?

O futebolista argentino Mário Kempes tem participado nos treinos do Tottenham, actual detentor da Taça UEFA, mas não vai assinar qualquer contrato afirmou o treinador do clube inglês.

«Kempes está de passagem para o encontro particular que vai disputar em Nova Iorque domingo, e tem estado alguns dias a treinar connosco» – afirmou o treinador do Tottenham (adversário do Braga, na Taça UEFA), Peter Shreeves.

«Tem sido muito útil para ambas as partes este conhecimento mútuo. Contudo, **se estive interessado em Kempes, já tinha manifestado o meu desejo de comprar o jogador**» – acrescentou o treinador do Tottenham. Kempes, melhor marcador no Mundial de 1978, ganho pela Argentina, terminou o seu contrato com o Valência de Espanha.

A presença do futebolista argentino em Londres tem causado alguma especulação sobre o interesse do Tottenham em assinar contrato com ele, em substituição do jogador escocês, Seteve Archibald, que deve ser transferido para o Barcelona.

Arbitragem no futebol: a grande confusão

O confuso momento da arbitragem futebolística, com uma torrente de ataques despedidos aos responsáveis pelas classificações dos juízes no termo da época, tem trazido à luz da Comunicação Social os mais díspares e duros comentários, especialmente vindos de árbitros com o gabarito de Graça Oliva e António Rodrigues, o primeiro já possuidor das insígnias da FIFA (juiz internacional de 1.º plano) e o seu colega escalabitano igualmente um dos melhores valores entre a classe a que pertence. a controvérsia já está a surgir, começando por Porfírio Alves, outro elemento do Conselho Nacional de Arbitragem que, especialmente acutilante para Graça Oliva, nos remete o seguinte depoimento:

Em depoimento ao «Diário de Lisboa», de 9 de Julho de 1984, o árbitro sr. Graça Oliva tem daclarações falsas e injuriosas para com o CA da FPF ou, pelo menos, para com alguns dos seus dirigentes, as quais já foram objecto de tratamento adequado no local próprio, isto é, em reunião plenária daquele Conselho.

Referiu então aquele árbitro o meu nome, considerando-me «envolvido num 'complot' para o destruir».

Sobre esta acusação, e embora não esteja interessado em «brincar às guerras arbitrais» com o sr. Graça Oliva ou outra qualquer pessoa, pelo risco que estas «brincadeiras» representam para o prestígio da arbitragem, compete-me prestar alguns esclarecimentos, dirigidos ao público em geral, já que para a grande maioria daqueles que estão na arbitragem a explicação se torna desnecessária.

Assim, e apenas fazendo referência às «acusações» que directa ou indirectamente me tentam atingir, esclareço:

1 – O papel de responsável (principal?) pela sua despromoção que o sr. Graça Oliva pretende imputar-me, recuso a assumi-lo, a não ser que essa acusação seja por não aceitar a participação em «complots» para privilegiar qualquer árbitro. A minha participação foi apenas a de um voto – e não poderia ser outra estatutariamente –, e teve em conta os seguintes elementos: classificações das épocas de 82/83 e 83/84 e o seu eventual «prestígio» como internacional. A votação foi participada pelos oito membros do CA em exercício, incluindo o presidente, não se tendo registado qualquer abstenção. Desta decisão recorreu, dentro dos precatos regulamentares, o sr. Graça Oliva, num pleno direito que lhe assiste e ninguém põe em causa, a não ser talvez o seu «particular amigo Mário Luís».

2 – As nomeações dos delegados técnicos foram da inteira responsabilidade dos dois dirigentes designados para o efeito e, sendo o signatário um deles e tendo até participado em todas elas activamente, não verificou qualquer destituição ou mudança no decorrer da época.

Do mesmo modo verificou-se o cumprimento de normas aprovadas pelo Conselho, no que se refere à «qualidade» dos delegados técnicos designados para cada categoria de árbitros, no intuito de não privilegiar qualquer, com ressalva de pequenas «falhas», ditadas apenas por factores económicos (deslocações dos delegados).

3 – «Ameaça» o sr. Graça Oliva que, no caso de abandonar a arbitragem «não hesitará (sob nenhum aspecto) em contar toda a verdade dos bastidores que cercam o CA».

Quanto a isso, devo dizer-lhe que, caso o faça, terá o meu aplauso e incentivo. É urgente descobrir o que há de verdade naquilo que a «má língua da arbitragem» – na qual o signatário não participa e até repudia – insinua ou proclama acerca de determinadas influências (más) e jogos pouco correctos e nos quais o sr. Graça Oliva é um dos mais «badalados».

Só não concordo quando o sr. Graça Oliva condiciona a sua atitude ao facto de continuar, ou não, na arbitragem. Há que ter «coragem» e fazê-lo de imediato. E o CA da FPF, ao levantar-lhe um processo disciplinar pelas suas declarações ao «Diário de Lisboa», ofereceu-lhe excelente oportunidade de o fazer no local adequado.

4 – Mas porque encaro a arbitragem como coisa importante, caso o sr. Graça Oliva decida continuar a especular publicamente, permito-me recomendar «cabeça fria» e somente a utilização ou publicação de dados que tenha como certos e correctos. Colocar levianamente em causa pessoas do seu não agrado, só pelo facto de não terem a seu gbspeito, como árbitro em determinadas actuações, opinião favorável, ou ainda tornar públicos dados não verdadeiros, por maldade ou má informação, como acontece na «louca» campanha que vem movendo, além de serem processos impróprios de uma pessoa que se pretende responsável só servem para que os «figadais» inimigos de tudo quanto cheira a árbitro, aproveitem a «ajuda» para desprestigiar a causa.

5 – O facto de só agora tomar posição pode, a quem me conhece de perto, constituir novidade, já que não é meu hábito «comer e calar» quando tentam atingir a minha dignidade. Acontece porém que dois factores principais a condicionaram temporalmente: 1 – o considerar importante que em primeiro lugar o CA analisasse as declarações do sr. Graça Oliva; 2 – uma certa relutância em contribuir para agitar mais o ambiente, já que nunca foi nem será meu hábito especular publicamente sobre a arbitragem.

A primeira destas condições foi ultrapassada na reunião plenária do CA de 13 do corrente mês.

A segunda creio também, conseguida ao limitar ao essencial estas minhas declarações.

Sobre este assunto, mesmo que outros «depoimentos» ou «acusações» venham a público e, pelo menos até que o processo disciplinar em curso instaurado pelo CA e levado a efeito pelo contencioso jurídico da FPF tenha a sua conclusão, a garantia do meu silêncio. Fiel aos princípios claros e firmes – embora incómodos para «boa gente» – que têm determinado a minha acção nestes já longos quase seis anos como dirigente da arbitragem – no CA da AF Lisboa e no CA da FPF – fico aguardando com calma e atenção o desenrolar dos acontecimentos.

Porfírio Alves

ASSIM VAI O TOTOBOLA PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 29 DE 22.JULHO.1984

Gazeta de Felgueiras, 111 X21 111 1X1X; Sábado Livre, 121 122 1X2 1X12; Rádio Totobola, X11 2XX 112 1XX1; O Distrito de Setúbal, 12X X21 11X X212; Correio de Coimbra, 1X1 111 1X1 1111; Correio do Vouga, 11X 111 211 1111; Defesa de Espinho, X11 X21 111 X111; Jornal a Defesa, X1X 111 X21 1121; O Distrito de Portalegre, 111 X11 X1X 2111; Ecos do Cacia, 1X2 1XX 111 1111; Eu Sei Tudo, 111 21X 111 X1X1; Folha do Domingo, 1X1 111 1XX 1111; Gazeta das Caldas, X11 1X1 111 1111; Jornal da Beira, X11 221 111 1111; Jornal do Fundão, X11 X11 X11 X11X; Jornal de Santo Tirso, 121 X21 X11 2X21; Jornal de Sintra, 211 2X2 111 X111; Jornal Linhas de Elvas, 221 111 211 1X11; Manchete Desportiva, 111 2XX 111 211X; Maria da Fonte, X11 211 111 1111; Notícias de Felgueiras, 211 221 X11 2211; Notícias de Guimarães, X21 2X1 111 XX11; Jornal a Ordem, 111 211 X11 X2X1; Penalty, 12X 221 111 1111; O Algarve, 112 2X1 221 111X; Reconquista, 111 1X1 111 121X; Jornal a Voz das Beiras, 111 X11 X11 1111; A Voz do Domingo, 111 121 111 1X11; Voz de Lamego, 1X1 211 221 1111; O Jornal de Amarante, 211 221 111 1111; O Dia, 1X2 1X1 X11 X22X; Repórter do Marão, 211 2X1 221 2111; Jornal Notícias de Gouveia, 1X2 11X 11X X111; O Jornal da Lixa, 111 11X 111 1X11; Jornal do Sul, 1XX 21X X11 1111; Notícias de Évora, 11X 11X 111 1111; RDP/Manhã, 111 2X1 1X2 XX11; RDP/Tempo de Desporto, X21 122 X21 X111; RDP/Secção Desportiva, 121 221 1XX 1211; Alvo Desportivo, 111 X11 122 1111; O Comércio de Leixões, 121 1XX 112 X111; Estúdio 64, 112 X11 XX1 1211; Jornal de Gaia, 2X1 221 X21 2111; Jornal da Graça, 111 112 1XX 121X; Jornal de Notícias, 111 XX1 111 X111; O Primeiro de Janeiro, 111 212 1X2 1211; Rádio Alvo, 111 2XX 1X1 1X22; Rádio Placard, 111 111 111 1111; Rádio Sports, 111 XXX XX1 111; 1Repórter do Dia, 121 X1X 111 1X1X; A Voz dos Ridículos, 112 11X 112 1111; Jornal Voz do Ave, X11 111 1X1 1XXX; Alvo, 111 1X2 12X X12X; Alvo Suplemento, X21 111 X11 1X11.

assim vai o totobola

	R E S U M O 1	X	2	B O L A S a) 1	X	2
1. LINGBY - ST. GALLEN	37	11	6	8	3	1
2. M'GLADBACH - BOHEMIANS	35	8	11	8	1	3
3. BANIK - AARHUS	42	6	6	10	1	1
4. LIEGEOIS - F. DUSSELDORF	22	12	20	5	3	4
5. ODENSE - BRAUNSCHWEIG	25	16	13	6	4	2
6. MAGDEBURGO - A. I. K.	35	13	6	8	3	1
7. GORNIK - NUREMBERGA	35	14	5	8	3	1
8. MALMO - KARL MARX	35	11	9	8	3	1
9. GOTEMBURGO - VITKOVICE	40	7	7	10	1	1
10. VIDEOTON - LASK LINZ	34	14	6	8	3	1
11. ZURIQUE - FERRENCVAROS	31	14	9	7	3	2
12. SPARTAK T. - ÃUSTRIA K.	45	4	5	10	1	1
13. INNSBRUCK - KATOWICE	41	10	3	9	2	1

a) - Nos termos do Artº 14º. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.-

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ :
111 111 111 1111

Aniversário da morte de Calouste Gulbenkian assinalado na Fundação

Na próxima sexta-feira, dia 20, completam-se 29 anos sobre a morte de Calouste Gulbenkian e um sobre a inauguração do Centro de Arte Moderna, efemérides que vão ser assinaladas durante todo o dia na Gulbenkian. O programa das comemorações tem início às 10 e 45, no Grande Auditório, com uma sessão onde serão anunciados os nomes dos 348 funcionários que irão ser contemplados com medalhas de prata de 15 e 20 anos de antiguidade. Na altura, o presidente da Fundação, Azeredo Perdigão, proferirá um discurso.

Às 12 horas será celebrada uma missa, na Igreja da Nossa Senhora de Fátima, por alma de Calouste Gulbenkian. Às 16 e 30 terá lugar uma conferência de Imprensa onde Azeredo Perdigão irá anunciar a conclusão do complexo cultural da Gulbenkian, com a reconstrução do parque e a sua abertura ao público e a entrada em funcionamento, em Outubro próximo, do Centro Artístico Infantil.

Às 18 horas será inaugurada a exposição sobre Almada Negreiros e, às 21 e 30, no Centro de Arte Moderna, estreia a peça de Almada «Deseja-se Mulher», com encenação de Fernanda Lapa e música de Carlos Zíngaro.

Esculturas de Modigliani procuradas no canal real de Livorno

Uma grua gigante começou a dragar o canal real de Livorno à procura das esculturas que o artista italiano Amedeo Modigliani deitou fora há 75 anos, segundo reza a história.

Os trabalhadores estão a utilizar uma grua cuja concepção foi planeada especialmente para o efeito, numa operação que pode levar mais de duas semanas e custar 24 000 dólares.

A grua, com a pá forrada de borracha para proteger as obras de arte, irá escavar 130 metros quadrados de areia e lama do canal, que foi construído no século XVI.

A tradição popular afirma que Modigliani atirou várias obras de arte para o canal em 1909, quando deixou a cidade para um exílio a que se impôs, em Paris.

Modigliani terá atirado as suas esculturas para o canal, desgostoso por os seus amigos terem troçado da sua obra.

Exposição de artes plásticas apoia artistas moçambicanos

Os pintores Eugénio de Lemos e Malangataba Valente por ocasião da «Semana de Moçambique», na galeria do Casino Estoril.

Em fins de Agosto, na Galeria de Arte do Casino Estoril, terá lugar uma exposição de artes plásticas cujo produto reverterá, integralmente, para os artistas moçambicanos neste momento confrontados com muitas carências sobretudo ao nível dos materiais necessários à execução da sua obra.

Esta «mostra», reflexo da generosidade dos artistas plásticos e galerias portugueses, é a resposta ao apelo de Eugénio Lemos e Malangatana Valente feito por ocasião da «Semana de Moçambique» realizada o ano passado, no Casino Estoril.

Organizada pela Estoril-Sol, esta iniciativa conta já com a presença de alguns dos mais conhecidos nomes das Artes nacionais empenhados em auxiliar os seus colegas

Os artistas plásticos que desejem participar poderão pedir informações na Galeria de Arte do Casino Estoril ou pelo telef. 2684521.

As obras participantes deverão ser entregues até ao próximo dia 10 de Agosto.

Por razões de saúde

Truffaut ausente do Festival de Cinemas de Prades

O realizador François Truffaut cancelou a sua participação num festival de cinema no Sul de França, por razões de saúde, mas não se encontra hospitalizado, disse uma porta-voz da sua companhia cinematográfica.

A porta-voz desmentiu informações anteriores, divulgadas por elementos da organização do Festival de Cinema de Prades, segundo as quais Truffaut entrara no hospital na semana passada, para novos tratamentos subsequentes à operação a que foi submetido, em Setembro, devido a um ataque de coração.

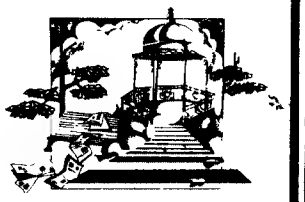
«Ele está a descansar em casa de amigos fora de Paris», disse a porta-voz da companhia «Films du Carosse».

«A operação a que foi submetido no ano passado não foi ligeira e os médicos prescreveram-lhe um longo período de descanso», acrescentou.

Um dos fundadores da nova vaga do cinema francês nos anos 60, Truffaut deveria ter participado na segunda-feira, na abertura do Festival de Prades onde serão exibidos 11 dos seus filmes.

Membros da organização, contactados pelo telefone, disseram terem recebido uma carta de Truffaut cancelando a sua participação e acrescentaram que ele estava em tratamento num hospital.

TEL TEATRO ESTUDIO DE LISBOA
Teatro Vasco Santana



«QUANDO A BANDA TOCAR»
HOJE ÀS 21.30 h.
Texto, direcção e encenação de Luzia Maria Martins todos os dias às 21.30 excepto às 2.as feiras. Matinée aos domingos.
20.º ANIVERSÁRIO
Desconto de 50% para estudantes, sindicatos, comissões de trabalhadores etc..
Sub/Mont.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE MATOSINHOS
ANÚNCIO
Para citação dos credores desconhecidos
Pelo Juízo de Direito desta Comarca, 3.ª secção correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos da executada FÁBRICA DE TINTAS LEXOLINE LD.ª: com sede em Areia de Same-Leça da Palmeira, desta comarca de Matosinhos.
Para no prazo de dez dias, posterior àqueles dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução movida por SOCENTRO, SOCIEDADE DE TINTAS DO CENTRO LD.ª: com sede na Rua do Brasil, 191, Coimbra. Desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.
Matosinhos, 5 de Julho de 1984
O JUÍZ DE DIREITO
a) José Ferreira Correia de Paiva
O ESCRIVÀO
a) Joaquim José Marques Guedes de Antas
«D.L.» – 19/7/84 – 2.ª Pub.

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II
SÓ ATÉ DOMINGO
"O ANFITRIÃO"
de Plauto pelo "TEAR"
DE 3.ª A SÁBADO ÀS 21.30
SÁBADO E DOMINGO ÀS 15.30
ESPECTÁCULOS NÃO ACONSELHÁVEIS A M. 12 ANOS
SALA EXPERIMENTAL
ESTREIA, HOJE ÀS 21.45
"A BIRRA DO MORTO"
de Vicente Sanches
DE 3.ª A 6.ª FEIRA ÀS 21.45
SÁBADO ÀS 18.30 E 21.45
DOMINGO ÀS 16h.
DESCANSO DA COMPANHIA À 2.ª FEIRA TEL. 32 2210

TEATRO ABERTO
Tel. 770969
novo Grupo
CONFISSÕES
numa esplanada de Verão
COM
CARMEN DOLORES
FRANCISCO PESTANA
MÁRIO VIEGAS
MELIM TEIXEIRA
DIRECÇÃO
MÁRIO VIEGAS
DE 3.ª A SÁBADO ÀS 21.45
DOMINGO-16 H

ÚLTIMOS DIAS SÓ ATÉ DOMINGO
SUB. M.C. 12 Anos CARMEN DOLORES VESTIDA POR AUGUSTOS LUSTRE CEDIDO POR LUSTRES AMADEU E ROCHA, LDA.

TEATRO DO BAIRRO ALTO
R. Tenente Raul Cascais, 1-A
1200 Lisboa
Tel 661515 • 669205
teatro do bairro alto

teatro da Cornucopia
simpatia
de
EDUARDO DE FILIPPO
De 3.ª a 6.ª feira – 21.30 h.
Sábados – 16 h e 21.30 h.
Domingo – 16 horas

COMUNA
TEATRO PESQUISA
MARAT*
DE PETER WEISS
*PERSEGUIÇÃO E ASSASSINATO DE JEAN PAUL MARAT REPRESENTADO PELO GRUPO DE TEATRO DO HOSPICIO DE CHARENTON SOB A DIRECÇÃO DO SENHOR MARQUÊS DE SADE
3.ª FEIRA * 3.ª FEIRA
HOJE 21.30 H.
DOMINGO SÓ AS 17 H
2ª FEIRA DESCANSO
praça de espanha
SUB M/C tel. 72 08 18
2 ÚLTIMAS SEMANAS

crónica de touros

SOLILÓQUIO

A grande corrida (Crónica para Agostinho)

Praça de Touros do Campo Pequeno. Quinta-feira, 5 de Julho de 1984. Corrida da Televisão. Touros de Mercedes Perez Taberner o para João e António Palha Ribeiro Telles, forcados amadores do Aposento da Moita (Cabo Pires da Costa), Paco Ojeda e Vítor Mendes.

Traz lembranças tuas olharmos as imagens da caravana que lá anda, na Volta à França. Tinham-te anunciado o nome, toda a gente a pensar que o Agostinho ia correr mais uma vez o «Tour», entrar em nossas casas, todas as noites esperado, quem sabe, talvez guardasse forças para vencer o desgaste dos anos e sacrifícios, para outra vez fazer da grande corrida nossa alegria. E afinal não fizeste, não apareceste. No ciclismo é como nos touros: vezes sem conta reclamaram a grande Corrida da Televisão, encheu-se a praça de gente que podia ficar a vê-la em casa, sem pagar bilhete, quantos sem pagarem sequer a taxa. e nada aconteceu que tivesse valido a pena ir ao Campo Pequeno. Nem tudo vale a pena, mesmo quando a alma não é pequena.

Nada que valesse a pena: a corrida da Televisão só foi afinal grande no tempo que levou, como essas etapas mornas, sem ao menos uma fuga, um estilão a sério. Aqueles que se querem consolar com alguma coisa, evocarão o exemplo do Pires da Costa, mostrando que não é o chefe de fila dos forcados da Moita só para ordenar aos outros que sejam valentes, vai também ele para a cabeça do touro; ou dirão que foi animada a lide a duo dos irmãos Telles. Para o melhorzinho ter sido a lide a duo, já podes ver como correu o festejo. Não houve sequer uma ponta de emoção comparável à que tínhamos vivido na véspera com o Paulo Ferreira, aquele portuguesito desconhecido que foste buscar para a tua equipa do Sporting. Os dois famosos tinham-no alcançado na fuga a caminho de Cergy Pontoise, e quase à vista da meta puseram-se separados a combinar a maneira de lhe armarem um rente, de o deixarem pendurado no «sprint»:e o miúdo teve pernas e manhas para se safar da trampa, deixou-os a ver navios, ganhou mesmo a etapa, na Volta à França nenhum patrício o conseguiu antes de ti. O puto chorava como uma Madalena, da alegria da vitória, e também da tristeza da tua ausência sem remédio. E sentíamos as suas lágrimas como se fossem nossas.

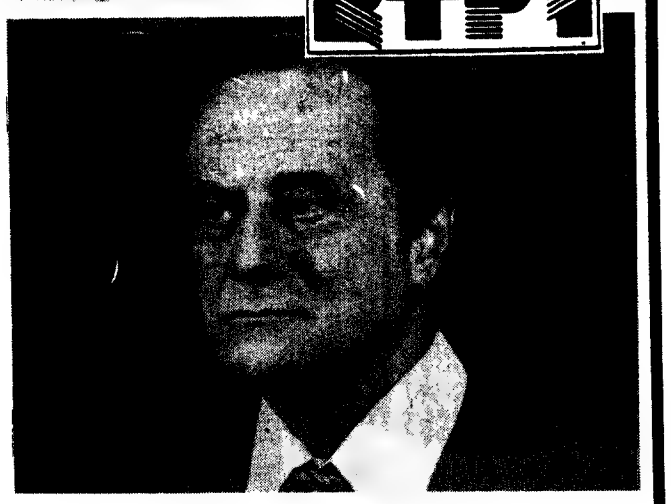
Não houve dessas emoções, na corrida da Televisão. Foi apenas mais uma, das que costumam acontecer em Portugal. As corridas em Portugal, tu mesmo o dizias, falando de bicicletas, não são a mesma coisa. E não adiantou a novidade dos touros virem de Espanha, dos campos de Salamanca: eram uns novilhos sem presença, sem estilo, sem raça, sem ponta por onde se lhes pegasse. E o sobrero de Ortigão Costa, que saiu no lugar do mais inválido, dava sinais de reparado da vista, era provavelmente zarolho, para castigo do matador de luxo a quem saiu na rifa. A tua fama não se sustinha com exigências, não a perdias lá por fazerem de ti um peão de brega, um aguadeiro como dizem pelos ciclismos. Não recebias, para correr, aquilo que recebe o Ojeda para torear; não exigias estradas assim ou assado, que não tivessem curvas nem subidas, para ser mais fácil. Diziam-te que o caminho era por ali, e era por ali que tu ías, com um valor intrépido, determinado a chegar ao fim, como esses matadores que mesmo quando colhidos se levantam, não deixam que os levem antes de montarem a espada. Também tu te levantaste, e a bicicleta montaste, e com o teu sofrimento pedalaste para a meta. Como um toureiro famoso, que encontra forças para abater o inimigo antes de cair, ai dele, numa praça sem enfermaria, donde será preciso levá-lo até muito longe, onde já não adianta chegar.

Diziam que mal sabias andar de bicicleta, sorriam dos trambolhões que davas. Mas depois era a tua vez, quando ias deixando para trás os que não davam cambalhotas. A técnica, para ti, funcionava como um acessório, talvez conveniente, da vontade e da coragem. Pela vontade e pela coragem, a que no toureio se chama valor, continua Vítor Mendes a abrir os caminhos díficeis de Espanha, as corridas duras, os contratos que se conquistam um a um, o nome que se vai fazendo, tenazmente. As faculdades e o ofício vão-no poupando aos perigos de tal trajectória, apesar das fraquezas de sua muleta, em que só pelo arrimar-se vai sustentando as ovações que levanta com seu capote luzido e variado, com a maneira impressionante de bandarilhar. Mas nem aí pôde Vítor Mendes mostrar a Lisboa o sítio alcançado, mal disposto o deixou a noite, não o serviam os touros,nem ele de inspiração andou servido. Mas o desejo de ser matador o fará continuar, pelo caminho vai deixando muitos que nasceram com qualidades, e pela estrada se esfumam antes do primeiro sonho dos toureiros, terem um Mercedes. Tu começaste por um desejo mais simples, de ganhar dinheiro, «para o pôr de lado, quietinho, um dinheiro posto de lado e quietinho, um dinheiro que faz bem às pessoas», e que depois havia de dar «para ir tendo uma vida melhor, uma casinha decente, com reboco, bem assoalhada», lá em Brejenjas, na terra donde partiste com as mãos calejadas pela enxada, marcado pelo Sol esse rosto que víamos debruçado sobre o guiador, a máscara vincada na casmurrice do sacrifício que acompanhávamos, que empurrávamos pelas montanhas acima, e travávamos inutilmente no descer quase suicída das vertentes por onde a tua coragem se lançava, e em sua vertigem nos arrastava.

Não sei se, para definir a glória, tanto faz dum toureiro como dum ciclista, haverá definição melhor, mais lapidar, do que aquela que certo dia, na tua linguagem simples, deste ao Baptista-Bastos, a esse verdadeiro mestre do jogo fascinante das palavras dos outros: «A glória é o que sentimos. É o que pensamos. E eu penso, agora, nos meus amigos. Na minha terra. E em ter ganho. É isso. Sinto isso. A glória é a gente sentir que todos estão com a gente». Era essa a tua glória, a gente que estava contigo. não a glória que de ti irão cantar, do esforço supremo de cortar a meta, como um toureiro que na arena se lança sobre as partes que o mataram. Ainda foste descansar para a pensão, uma pensão modesta como tantas outras de que não querias saber, bastava que dessem para estenderes o corpo estafado de suor e sacrifício. Uma pensão que se chamava «O Nosso Paraíso», como se no nome quisesse ironizar o país onde tinhas voltado, só porque lá estava a terra em que na tua glória pensavas. O país onde calhou teres nascido, um país com muitas couves, e poucos helicópteros, e onde tantos morrem assim, sem saberem porquê, sem ao menos se falar neles, enterrados sem essa glória que já não era tua, apenas servia para consolo ou dever dos que ficavam: uma hora na agenda dos ilustres, do Presidente da República, e dos governantes, e dos políticos, e mais as comendas, e as homenagens, e os minutos de silêncio, e os jornais que aumentam as tiragens, contam o que dizem de ti os grandes campeões que te vigiavam e perseguiam e agora te lamentam, o Merckx, o Anquetil, o Ocaña, o Hinault, e pelas primeiras páginas retratos teus, e da multidão que desfila silenciosa, olhando-te no caixão, vestido como se fosses de padrinho dum casamento lá em Brejenjas, o fatinho escuro, o laço preto ao pescoço, os sapatos talvez de polimento. Um trajo de circunstância, em vez da camisola amarela, essa que levavas no último esforço que fizeste, até nisso inútil, para continuares com ela vestida.

Hoje

RTP 1



Paulo Autran estará presente esta noite na RTP-1, num programa que gravou antes de deixar Portugal, intitulado «Paulo Autran em Tempo de Literatura»

18.02 **Notícias** – resumo informativo.
18.10 **«A Ilha de Coral»**
18.40 **Telereglões** – informação regional.
19.05 **Energia Solar**
19.30 **Cine-Teatro** – apresentação de Ana Zanatti e Eládio Clímaco.
20.00 **Telejornal** – as notícias do País e do estrangeiro e Boletim Meteorológico.
20.30 **Direito de Antena** – PSD.
20.45 «O Bem Amado» – episódio n.º 85.
21.25 **Aplauso** – Paulo Autran em tempo de literatura.
22.30 **«Mike Hammer»** – mais uma aventura do detective que gosta de emoções fortes.
23.20 **Volta à França em Bicicleta** – resumo da etapa do dia.

RTP 2

Em A Vez e a Voz da RTP-2 de hoje, canta Paco Bandeira (na foto)

19.32 **Notícias** – um resumo informativo.
19.40 **Desenhos Animados**
20.05 **Mosaico**
21.30 **«Guerra dos Sexos»** – episódio n.º 62.
22.15 **Jornal da Noite**
22.45 **A Vez e a Voz** – espectáculo realizado no Auditório Europa, integrado na conhecida série musical. Paco Bandeira canta alguns dos temas mais populares do seu reportório.

Amanhã

RTP 1

18.00: Notícias; **18.30**: Filmes para Todos; **18.35**: Teleregiões; **19.00**: Capitais Culturais Europeias; **20.00**: Telejornal; **20.30**: «O Bem Amado»; **21.10**: Programa da Direcção de Informação; **22.30**: «O Misterioso Dr. Cornelius»; **23.30**: Últimas Notícias.

RTP 2

19.30: Notícias; **19.40**: Desenhos Animados; **20.00**: Viagem pelo Teatro; **20.30**: Alberto Serpa; **21.25**: «Guerra dos Sexos»; **22.00**: Jornal da Noite; **22.30**: Clube de Jazz.

Filhos de um Deus menor

Mark Medoff

Teatro Trindade Inatel

Terça a Sábado às 21,30 horas
Domingo às 16 horas
Estreia a 12 de Julho 1984

Telefone 320000

Encenação MÁRIO FELICIANO
Cenografia JOSÉ CUNHA
Figurinos VERA CASTRO
Música CONSTANÇA CAPDEVILLE
Luminotecnia ORLANDO WORM

Subsídios Ministério da Cultura
Fundação Calouste Gulbenkian

Patrocínios Associação Portuguesa de Seguros
Tabaqueira
Petrogal

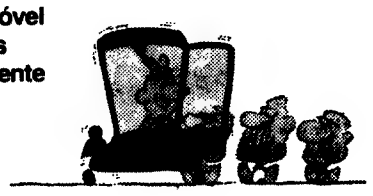
Apoio Rádio Comercial/T S F Som & Imagem

Com ÂNGELA PINTO
BAPTISTA FERNANDES
FERNANDO JOSÉ OLIVEIRA
JOÃO PERRY
MARGARIDA ROSA RODRIGUES
MARIANA REY MONTEIRO
TERESA MADRUGA

Ensino de Linguagem Gestual
ANA CRISTINA
ARTUR JORGE
Colaboração Especial
Linguística
ISABEL PRATA
Terapia da Fala
CONCEIÇÃO TORRADO

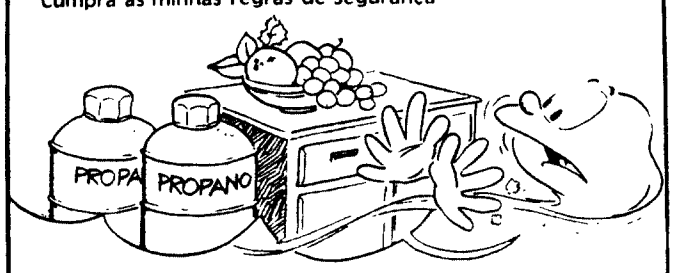
POUPE COMBUSTÍVEL

Partilhe o seu automóvel com outras pessoas que façam habitualmente o mesmo percurso.



DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO

Não utilize garrafas de propano no interior de habitacoes
Cumpra as minhas regras de segurança

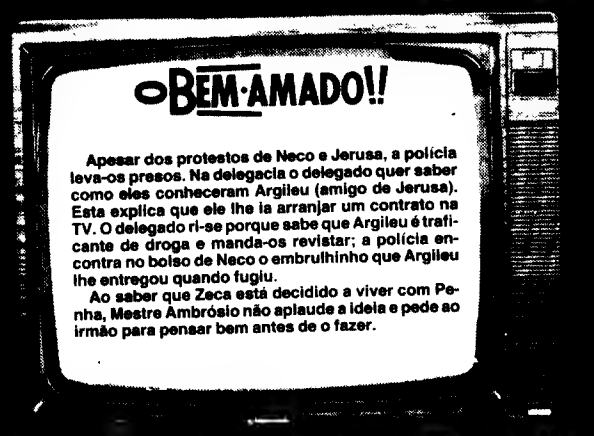


DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZACAO DE COMBUSTIVEIS GASOSOS

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

RTP 1
Aplauso
(21.25)

RTP 2
Paco Bandeira
(22.45)



Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

roteiro cultural

Rotor é o nome da banda de rock francês que esta noite toca no Rock Rendez-Vous

Teatro

• O Grupo de Teatro **Hoje** apresenta até ao próximo domingo a peça «Comédia de Horrores» de Joe Orton, que pode ser vista às 21 e 45 de hoje até sábado e às 17 horas de domingo.

• «Simpatia» de Eduardo de Fillipo é a nova peça que a **Cornucópia** tem em cena. O espectáculo pode ser visto no Teatro do Bairro Alto às 21 e 30.

• O **TEAR** está desde ontem, e até domingo, no Teatro Nacional D. Maria II onde leva à cena «O Anfitrião» de Plauto.

• «Filhos de um Deus Menor» é a peça em cena no Teatro da Trindade. A encenação é de Mário Feliciano e a interpretação está a cargo de **João Perry, Mariana Rey Monteiro, Teresa Madruga,** entre outros.

• O **Maizum** continua a apresentar a peça de Fassbinder «Preparadise, Sorry, now».

• O 4.º Festival Sindical de Teatro de Amadores continua esta noite, na Sociedade Musical Desportiva de Caneças, com a peça «O Avarento» de Moliére representada pelo **Teatro na Caixa.**

• O **Grupo de Campolide** está esta noite em Vila do Bispo, Algarve, onde apresenta a peça «Retratos» encenada por Artur Ramos e interpretada por Henriqueta Maya, Ema Paul e Luís Vicente.

Exposições

• Uma exposição do arquitecto **Álvaro Siza** encontra-se desde ontem patente na Galeria Almada Negreiros.

• No Salão Nobre do Teatro S. Carlos encontra-se uma exposição de **fotografias e figurinos de dança e bailado.** A mostra integra-se nas comemorações do primeiro aniversário do Conselho Português da Dança.

• Uma exposição de pintura de **Lurdes Sousa** pode ser vista no B'Arte, ao Bairro Alto.

• **Maria Celeste Maia Bentley** expõe óleos sobre tela na Galeria de Exposições Temporárias da Gulbenkian.

• «Bambus e Cerâmicas» de **Lena, Jean-Claude** e **Vitorino de Sousa** encontram-se patentes na loja d'Almerinda.

• A «Esfinge Rosa» é o título da exposição de **Manuel Vieira, Pedro Proença e Xana** que se encontra nos Cómicos.

• No Centro de Arte Moderna pode hoje ver a exposição **«O Labirinto na Arte Contemporânea»** que integra obras de Vieira da Silva, José Guimarães, Lima de Freitas, Bartolomeu Cid, entre outros. A exposição está aberta às terças, quintas, sextas e domingos.

• **Boavida Amado** expõe guaches na «Galeria», em Cascais.

• Também em Cascais, mas no espaço do TEC, continua patente a exposição de **tapetes de Arraiolos.**

• No Museu de José Malhoa, nas Caldas, encontram-se patentes duas exposições de homenagem a Rafael Bordalo Pinheiro. São elas **«Azulejos e Jardins das Estações portuguesas»** e **«A Arte do Barro nas Caldas».**

• Fotografias de **Zé Dias** continuam expostas no Módulo do Porto.

• «Um Longo Percurso Poético» é o título da exposição de **Júlio** que pode ser vista na Pousada D. Dinis, em Vila Nova de Cerveira.

• Na «Casa dos Crivos», em Braga, está patente, até sexta-feira, uma exposição colectiva de pintura, desenho e escultura de **Vítor Cravo, Carlos Sousa Costa, Pedro Maia, Nuno Teles e José Salgado.**

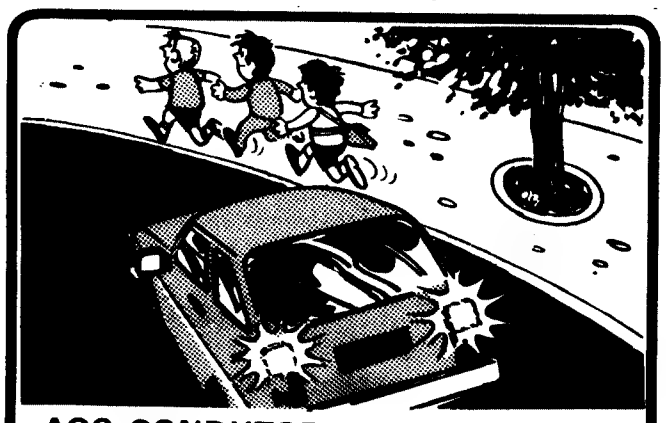
Cinema

• «Satyricon» de **Federico Fellini** é o filme que esta tarde é exibido no Grande Auditório da Gulbenkian e que encerra o ciclo «O Labirinto no Cinema».

• Na Nova Opinião, a partir das 23 horas de hoje, tem início uma descida de rios através do vídeo. **Pedro Villas Boas, Jeremy Boultbee, Carlos Gama da Fonseca e Comandante Fladeiro** são os organizadores/participantes da descida do Guadiana em canoa. A realização vídeo é de **Alexandre Sanfins.**

Música

• A banda de rock francesa **Rotor** toca esta noite no Rock Rendez-Vous.



AOS CONDUTORES

"Reduza sempre a velocidade ao avistar um grupo de crianças, porque estas vão normalmente distraídas e não dão atenção ao trânsito."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	84$20	90$20
ALEMANHA FED (marco)	51$15	52$25
ÁUSTRIA (xelim)	7$20	7$40
BÉLGICA (franco)	2$367	2$567
BRASIL (cruzeiro)	$046	$076
CANADÁ (dólar — notas de 1 a 2)	109$80	111$80
(notas de 5 a 1000)	110$30	112$30
DINAMARCA (coroa)	14$00	14$40
ESPANHA (peseta)	$864	$984
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	146$30	148$30
(notas de 5 a 1000)	146$80	148$80
FINLÂNDIA (marka)	24$25	24$85
FRANÇA (franco)	16$65	17$35
HOLANDA (florim)	45$35	46$35
IRLANDA (libra)	157$65	161$65
ITÁLIA (lira)	$076	$086
JAPÃO (iene)	$574	$609
NORUEGA (coroa)	17$70	18$20
REINO UNIDO (libra)	192$85	196$85
SUÉCIA (coroa)	17$55	18$15
SUÍÇA (franco)	60$55	61$65
VENEZUELA (bolivar)	8$40	9$40

Observações:
1. — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

rádio

Antena Um

16.00: Musicomania; **18.00**: A gaita dos sete foles; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Folhetim; **20.25**: No estúdio e no estádio; **20.35**: Música portuguesa; **21.00**: A viver também se aprende; **21.30** Noites de luar. Noticiários intercalares às **16.00**, **17.00**, **18.00**, **21.00** e **22.00** horas.

Programa 2

15.30: Que quer ouvir?; **17.00**: Curiosidades musicais; **18.05**. Trechos de óperas; **19.00**: Alfa e Ómega; **19.40**: Música de todos os quadrantes; **20.10**: O compositor da semana; **21.00**: Ópera «Elixir d'Amor», de Donizetti; **23.00**: Música do século XX; **23.52**: Solos; **01.00**. Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; **17.00**: Rápido das cinco; **19.00**: Montra do som; **20.00**: Conta corrente; **21.00**: Quando o telefone toca (2 edições); **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Programas religiosos; **22.30**: Desporto; **23.00**: 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: O som da frente; **17.00**: Ondas lusianas; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Um programa de José Ramos; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: Café concerto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Rede Nacional de OM e FM

15.00: Clube da casa; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Horizonte; **20.30**: Programa da LAR; **21.00**: Quando o telefone toca; **21.30**: Ouvir e pensar; **22.00**: Hora de música; **23.00**: Diário 23; **23.40**: Bola branca (3.ª edição); **23.55**: Meditando.

Rede Sul de FM

21.00: Paju; **21.30**: Pentagrama.

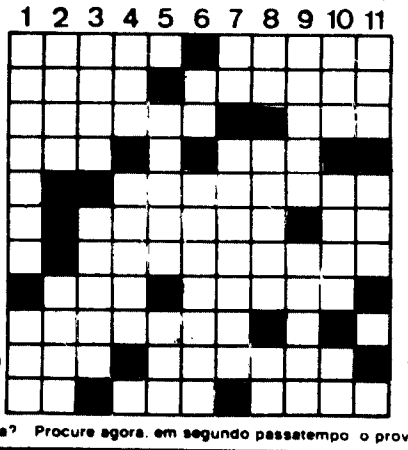
Desdobramento em FM Estéreo

22.00: Universidade na Rádio; **22.57**: Boa noite; **23.00**: A cor do som; **01.00**: As superestrelas do FM. Noticiários a todas as horas.

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 14 089



HORIZONTAIS:

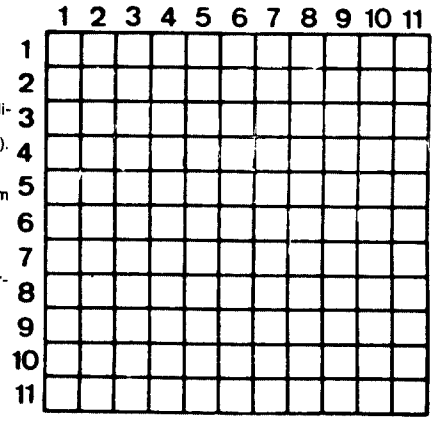
1 Primeiramente. Grande martelo.
2 Rio da Baviera afluente do Danúbio. Mamífero roedor também chamado cávia.
3 Freguesia do concelho de Alenquer. Vai para fora.
4 Duna na Suécia. Cabelos brancos.
5 Província de Portugal.
6 Pedra preciosa de cor azul. Interjeição brasileira.
7 Inundarias.
8 Cidade do sul da Nigéria. Poente.
9 Cidade do sul da Nigéria. Poente.
9 Fantasia.
10 Larva das feridas dos animais. Desejar ardentemente.
11 Duas vogais desiguais. Estima. Miados.

VERTICAIS:

1 Cidade da Turquia. Pronome relativo.
2 Cidade do Japão. Fama. (fig).
3 Povo mongol do sul da China. Pássaro do Brasil
4 Manto real. (inv) Amofinam.
5 Navalha de ponta e mola. (gir). Madre (inv)
6 Centiare. Peça de ferro onde se batem metais.
7 Moderato. Máscaras.
8 Prefixo que designa afastamento. Prendera. Prefixo de negação.
9 Afrouxe. Engodai.
10 Ave da Amazónia. Nome de homem. Letra grega.
11 O mesmo que ion (inv). Primeira das três palavras que foram o nome de uma freguesia do concelho de Anadia.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9939



HORIZONTAIS:

1 Corsários. Romeiro de Meca.
2 Matizar. O mesmo que três.
3 Chefe etíope. Ilha chilena da Polinésia.
4 Preposição e artigo. Pingentes. (fig).
5 Sela pequena e rasa.
6 Livro de orações. Germe. (fig).
7 Ferro temperado. Prendeis com elos.
8 Sadias. Jeito. Seguia.
9 Apreciados.
10 Vagaroso. Cidade da Argélia.
11 Preposição. Artigo indefinido. Herdade delimitada por marcos.

VERTICAIS:

1 Cidade do estado de Alagoas, Brasil. Mulo.
2 A Pérsia. Poente.
3 Zombas. Bois selvagens. Rénio (s.q.).
4 Carta de jogar. Preposição.
5 Abafássemos.
6 Da Arábia. Distribuiu em lotes.
7 Posta em salmoira.
8 Duzentos e um em romano. Cubro de iodo.
9 Levamos à toa. Reze.
10 Grandes: Rio da Alemanha que nasce no Tirol.
11 Isto é. Conquista. O sono das crianças.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 088

HORIZONTAIS:

1 ANTES, TARDE.
2 Bela. Queens.
3 Rs. Surra.
4 Ipoh. Eme. Cá.
5 Ger. Ao. Ar.
6 Arar. Air.
7 Dar. Sulcara.
8 Ásia. Nei. Ar.
9 Omicron.
10 Dosara. Sãs.
11 Ou. Ro. Rasos.

VERTICAIS:

1 Abrigada. DO.
2 Nésperas. Ou.
3 Tl. Orários.
4 Ea. Amar.
5 Iró.
6 QUE, NUNCA.
7 Turma. Ler.
8 Aero. Ciosa.
9 Rea. Aa. Nas.
10 Dn. Caira. Só.
11 Esbarrara.

Provérbio: MAIS VALE TARDE DO QUE NUNCA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9938

HORIZONTAIS:

1 Suão. Zagala.
2 Agen. Isolam.
3 Ladimos. Apã.
4 Oro. Andar.
5 Ma. Ia. Noira.
6 Op. Chinós.
7 Nero. Rato.
8 Dão. Cede. Pê.
9 Édipo. Assem.
10 Oxios. Ld.
11 Usou. Chacim.

VERTICAIS:

1 Salamonde.
2 Uga. Apeados.
3 Ledo. Roixo.
4 Onírico. Piu.
5 Noa. Coo.
6 Zio. Crê. SS.
7 Assanhada.
8 Go. Noites.
9 Aladimo. Sic.
10 Láparo. Pedi.
11 Amarassem.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480
Av de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O GENDARME CASA-SE

ÁVILA 539930
Av. Duque d'Ávila, 92A

Às 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45
– M. 12 a.
Festival Cantinflas
CANTINFLAS O POLÍCIA 777

AVIS 547153
Av Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
GELADO DE LIMÃO

BERNA 776098
Av Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
HERÓIS POR CONTA PRÓPRIA

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
FESTIVAL DISNEY DE VERÃO

CASTIL 530194
R Castilho

Às 15, 18.15 e 21.30
– M. 6 a.
MY FAIR LADY
c/ Audrey Hepburn e Rex Harrison
Começa no início das sessões

CINE BLOCO 556824
R. Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
Mai. 12 anos
LAÇOS DE TERNURA
Às 24
A BENÇÃO DO ANJO NEGRO

CINE CAMÕES 324194
R do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
OS TRAIDORES

CINE 222 579460
Av. P. da Vitória, 37 (ao Saldanha)
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas
Não acons. men. 13 anos
OS HOMENS QUE EU AMEI
Às 24
RAID RELÂMPAGO DOS COMANDOS

CINESTÚDIO LIDO 936593
P. D. João I, Amadora
Às 15.30 e 21.30
Maiores 12 anos
GUERREIRO SAGRADO

CINE-PLAZA 930119
Av. Santos Matos, 2 – Amadora

Às 15.30 e 21.30
FOME DE VIVER

CONDES 322573
Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a.
O PREÇO DO ESCÂNDALO

2000 2100055
Av. B. Voluntários, lts. 113/4

Às 15.30 e 21.30
DIAS LONGOS DE VINGANÇA

EDEN 320768
P Restauradores, 21

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
M. 16 anos
MASSACRE EM SAN FRANCISCO

ESTÚDIO 555134
Al Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30 h
N. ac. men. 13 anos
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
100.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095
Av Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30, 21.30 e 24
Mai. 16 anos
IDENTIFICAÇÃO DE UMA MULHER

HOLLYWOOD 802659
Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14.30, 16.45, 19, 21 30 e 24
– M. 12 a.
INFIELMENTE TUA

SALA 2

Às 14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45
– M. 16 a.
O PREÇO DO ESCÂNDALO

IMPÉRIO 555134/5
Al Afonso Henriques, 35

Às 15.15 e 18.30 – Últimas
– N. ac. men. 13 a.
OUTLAND, ATMOSFERA ZERO
Às 21.30
LAWRENCE DA ARÁBIA

LIDO 936593
P. D. João I, Amadora

As 21.30
– N. 13 a.
O IMPÉRIO CONTRA-ATACA

MONTECARLO 681117
Av. Pedro Álvares Cabral 37

Às 14.15, 16.30 e 18.15 h

DOIS AMIGOS EM APUROS

NIMAS 574362
Av 5 de Outubro, 42-B

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
M. 12 anos
QUE PARÓDIA DE FÉRIAS

ODEON 328283/4
R. dos Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– Int. men. 18 a.
Vingança. Violência. Sexo!
O DRAGÃO ATACA
c/ Bruce Lee

PATHÉ 821933
R. Francisco Sanches, 122

Às 14 00, 16.30 e 21.30
Int. men. 13 anos
FURACÃO NO ASFALTO

Uma cena do filme «identificação de uma mulher» realizado por Michelangelo Antonioni em exibição no Estúdio 444 e Quarteto

POLITEAMA 326716
R Portas S Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– M. 18 a.
TIRO DE ESCAPE

QUARTETO 771378
R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.15, 16.30, 18.45, 21 e 23.15 h
BENVINDO
A TERRA PROMETIDA
Maiores 16 anos
Às 23.30
OBSESSÃO
SALA 2
Às 14, 16.15, 18.45, 21, 23.15 h
JOGO DE MÃO
Maiores de 12 anos
Às 23.30
ROMA

SALA 3

Às 15, 18 e 21 h
STALKER
Às 24
A HONRA PERDIDA DE KATARINA BLUM

SALA 4
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
Maiores de 16 anos
IDENTIFICACÃO DE UMA MULHER
Às 24
1941, ANO LOUCO EM HOLLYWOOD

QUINTETO 573407
R Actór Taborda, 27-B

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
N. acons. men. 18 anos
SOLDADO AZUL
Às 24 h
O IMPÉRIO DA PAIXÃO

ROMA TEL. 727778
Av de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
FOI-SE O TESOURO, FICOU O AMIGO

ROXY 548560
Av Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
AS FREIRAS DE SANT'ARCÂNGELO
c/ Ornela Muti e Anne Heywood

SÃO JORGE 579144/579344
Av. da Liberdade, 175

SALA 1

Sessões às 15.15, 18.15 e 21.30
M. de 12 anos
VIDAS EM JOGO
com Jeff Bridges
Do mesmo realizador de «Oficial e Cavalheiro»
3.ª Semana
SALA 2

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21 45
— M. 12 A.
YENTL
c/ Barbra Streisand
16.ª Semana
SALA 3

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.15
– N. ac. men. 18 a.
A iniciar o Ciclo Pasolini
DECAMERON

2.ª Semana

7.ª ARTE 730715
Av República, à E Entre Campos, junto ao n.º 63
Às 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 horas
(Maiores 18 anos)
MONTYPYTHON'S – O SENTIDO DA VIDA
Domingo às 11.15
FESTIVAL PANTERA COR DE ROSA

STAR 804210
Av Guerra Junqueiro, 14-C

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
N. acons. men. 12 anos
VOLTA JIMMY DEAN
VOLTA PARA NÓS
2.ª Semana

TURIM 706666
E. de Benfica, 723-A
Às 14, 16.30, 19 e 21.45 h
Maiores de 6 anos
REGRESSO DE JEDI

VOX 880808
Av Fr Miguel Contreiras, lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30
KRAMER CONTRA KRAMER
N. acons. men 18 anos

XENON 368480
Av da Liberdade, 9

Às 14.15, 16 30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
CHINATOWN

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 – «Porky's II» às 21.30 (16 anos)
ALFA-2 – «Bad Boys», às 21.45 (16 anos)
ALFA-3 – «O Guerreiro Sagrado», às 21.30 (12 anos)
MUNDIAL – «Ben Hur», às 21.00 (13 anos)
CITY-CINE – «Poltergeist», às 21.30 (18 anos)
TERMINAL – «Que Paródia de Férias» às 21.30 (16 anos)
TIVOLI – «Porky's II» às 21.30 (16 anos)
ALFA-CLUB – «Uma Cama para Três», às 21.30 (12 anos)
LONDRES – «O Homem que Veio do Espaço», às 21.30 (12 anos)
APOLO 70 – «Bem Vindo à Terra Prometida», às 21.30 (16 anos)
CINE-ESTÚDIO ACS – «Tommy», às 21.15 (18 anos)
ZODÍACO – «O Império dos Sentidos», às 21.30 (18 anos)
CAPITÓLIO – «Lowe You», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
OLÍMPIA – «Orgia Fantástica», sessões permanentes (18 anos)
RESTELO – «Célebres e Ricas», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA – «O Último Acto», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «Brigada Anticrime», às 21.15 (18 anos)
PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «Sombras Brancas», às 21.15 (13 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «A Bíblia», às 21.15 (13 anos)
PAREDE – Royal-Cine – «Jogos Heróicos», às 21.30 (18 anos)
SÃO JOÃO DO ESTORIL – Cinelândia – «Poltergeist», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Casino – Companhia Nacional de Bailado, às 21.15 (6 anos)
ESTORIL – Palácio – «Terror no Hospital», às 21.30 (18 anos)
CASCAIS – Impala – «A Ilha», às 21.30 (12 anos)
CASCAIS – Oxford – «Papillon», às 21.30 (13 anos)

Outra Banda

ALMADA – Cine-Estúdio – «A Guerra do Fogo», às 21.30 (13 anos)
ALMADA – Incrível – «O Justiceiro da Moto Voadora», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Academia – «A Legião Estrangeira», às 21.15 (13 anos)

Linha de Sintra

CACÉM – Cine-Estúdio Flores – «Ninja, o Imbatível», às 21.30 (18 anos)
MEM MARTINS – Cine-Chaby – «Asfalto do Medo», às 21.30 (13 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «A Classe de 1984», às 21.30 (18 anos)

Porto

OLÍMPIA – «Uma Mulher para Dois Anos», às 21.30 (18 anos)
CHARLOT – «Eu Te Amo», às 21.30 (18 anos)
RIVOLI – «A Bela Siciliana», às 21.30 (13 anos)
COLISEU – «Longos Dias da Vingança», às 21.30 (12 anos)
ESTÚDIO – «Lutador em Fúria», às 21.30 (13 anos)
CHAPLIN – «1990, os Guerreiros de Bronx», às 21.30 (16 anos)
TERÇO – «O Homem do Klan», às 21.30 (16 anos)
ÁGUIA – «O Grande Combate», às 21.30 (13 anos)
BATALHA – «Na Sena do Vício», às 21.30 (16 anos)
FOCO – «Juventude sem Freio», às 21.30 (18 anos)
PASSOS MANUEL – «Juventude sem Freio», às 21.45 (18 anos)
PEDRO CEM – «Música no Coração», às 21.15 (6 anos)
SÃO JOÃO – «Psico II», às 21.30 (18 anos)
BEBÉ – «Fanny e Alexandre», às 21.30 (13 anos)
JÚNIO DINIS – «Fúria de Vencer», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE – «Star 80», às 21.45 (16 anos)
LUMIÈRE-L – «A Maldição da Pantera», às 21.45 (12 anos)
LUMIÈRE-A – «A Educação de Rita», às 21.45 (12 anos)

farmácias

Lisboa
PERMANENTE

ALVALADE - ESTADOS UNIDOS: Rio de Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C (T. 881409); **AREEIRO - APEADEIRO: Ideal**, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (T. 892803); **BAIRRO ALTO: Gonçalves**, R. da Rosa, 176-178 (T. 362687); **BAIXA: Cortez**, R. de São Nicolau, 93 (T. 325378); **BENFICA: União**, E. de Benfica, 592-594 (T. 700092); **CAMPO D'OURIQUE: Elma**, R. D. Maria Pia, 358-A (T. 686176); **INTENDENTE: Intendente**, L. Intendente Pina Manique, 50-51 (T. 547838); **LUMIAR: Douro**, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (T. 791131); **MARQUÊS DA FRONTEIRA: Ronil**, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (T. 683438); **PAMPULHA - JANELAS VERDES: Nazário Pinto**, R. Presidente Arriaga, 39 (T. 667460); **SALDANHA: Dalva**, Av. Duque d'Ávila, 125 (T. 545225); **SANTO AMARO -CALVÁRIO: Lisbonense**, R. Leão d'Oliveira, 2-B (T. 637020); **BRANDOA -COLINA DO SOL - AMADORA: Vidal Reis**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 35 (T. 996540); **ODIVELAS: Monserrate**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 9811139)

REFORÇO

ALAMEDA - CHILE: Lusa, Av. Almirante Reis, 199-A (T. 41269); **AREEIRO - PRAÇA DE LONDRES: João XXI**, Av. João XXI, 16-A (T. 886462); **BOA-HORA: Sepol**, C. da Boa-Hora, 94-A (T. 631958); **CASTELO: Silva**, C. de Santo André, 16 (T. 862074); **CHAFARIZ DE DENTRO: Cruz de Malta**, L. do Chafariz de Dentro, 36 (T. 866126); **ESTRELA: Gama**, C. da Estrela, 130 (T. 660339); **FEIRA POPULAR: Santa Maria**, Av. 5 de Outubro, 283-A (T. 763016); **LUZ-2.º CIRCULAR: Da Luz**, E. da Luz, 124-A (T. 723179); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **RATO: Cunha**, R. Escola Politécnica, 18 (T. 323455); **XABREGAS - MADRE DE DEUS; Conceição**, C. D. Gastão, 30-32 (T. 381274); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. Açores, 11-A (T. 9810305); **PONTINHA - Pontinha**, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prieras (T. 2519939).

Outra banda

ALMADA: Magalhães: R. Capitão Leitão, 8-B (T. 2750242). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Atlântico**, Av. Rainha D. Leonor, 45-A (T. 2764466). Até às 22 horas; **COSTA DE CAPARICA: Higiénica**, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Baptista Marques**, R. Boa Vontade, 17-B (T. 2298572). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Piçarra**, Av. do Bocage, 65-A (T. 2074771). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira**, B. Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291182). Até às 19 horas; **AMORA: Nobre Guerreiro**, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314 (T. 2212923). Até às 22 horas; **SEIXAL: Central**, E. Nacional, 9, Aldeia de Paio Pires (T. 2210365). Até às 22 horas; **MONTIJO: União Mutualista**, R. Almirante Reis, 93 (T. 2310035). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Bairros**, R. Rodrigues F. Costa, 27 (T. 23330). Permanente; **Isabel**, L. Batalha Viso, lote 86 (T. 21677); **Brasil**, P. do Brasil, 15 (T. 24788). Até às 22 horas.

Linha de Cascais

ALGÉS: Almeida Nifo, Av. Combatentes da Grande Guerra, 64 (T. 2112070). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 219697). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Godinho**, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Até às 22 horas; **OEIRAS: Central**, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Permanente; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av. Sabóia, 29 (T. 260085). Até às 22 horas; **PAREDE: Mendes**, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; **SÃO PEDRO DO ESTORIL: São Pedro**, R. 9 de Abril (T. 2683052). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Lopes**, R. Hangar, 3 (T. 260008). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cordeiro**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170-/281419). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: Helénica, R. Elias Garcia, 372 (T. 933613). Permanente; **Girassol**, R. Elias Garcia, 47-C (T. 974161). Até às 22 horas; **DAMAIA: D. João V**, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Até às 22 horas; **QUELUZ: Correia**, L. do Mercado, 3 (T. 950906). Até às 22 horas; **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2518669). Até às 19 horas; **CACÉM: Silva Duarte**, R. Elias Garcia, 167 (T. 9248120). Permanente; **MEM MARTINS: Cristina**, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Araújo**, Rinchoa. Até às 22 horas; **SINTRA: Misericórdia**, Vila (T. 9231070). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

MOSCAVIDE: Império, R. 1.º de Maio, 48-A (T. 2513234). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Maria**, R. Salvador Allende, lote 2 (T. 2514369). Permanente; **LOURES: Sálvia**, Av. da República, 29 (T. 2531240). Permanente.

PORTO

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS

LEMOS & FILHOS, P. de Carlos Alberto, 31; **FALCÃO**, R. de Santo Ildefonso, 61; **BOTELHO**, R. da Alegria, 863; **QUEIJA FERREIRA**, R. Vasques de Mesquita, 32, às Antas; **CAMPO ALEGRE**, R. do Campo Alegre, 723.

DE DIA E TODA A NOITE

MAGALHÃES, R. de Serralves, 566; **BARREIROS**, R. de Serpa Pinto, 8-10; **COSTA CABRAL**, R. de Costa Cabral, 1832; **SOEIRO**, R. de Santos Pousada, 71; **BIRRA**, P. da Liberdade, 125.

Coimbra

FIGUEIREDO, R. da Sofia, 107-109 (T. 22837); **MACHADO**, R. Bernardo de Albuquerque, Celas (T. 23767).

teatros

Lisboa

TEATRO DA GRAÇA – «Comédia dos Horrores», às 21.30 (18 anos), só até domingo
BAIRRO ALTO – «Simpatia», às 21.30 (13 anos)
MARIA VITÓRIA – «O Bem Tramado», às 20.30 e 22.45 (16 anos)
VILLARET – «O Super-Silva», às 21.30 (12 anos)
ABC – «É Tudo a Roubar», às 20.30 e 23.00 (16 anos)
COMUNA – «Marat», às 21.30 (12 anos)
TEATRO ABERTO – «Confissões numa Esplanada de Verão», às 21.45 (12
TEATRO DO MUNDO – R. do Século, 123 – «A Troca», às 21.30
VASCO SANTANA – «Quando a Banda Tocar», às 21 30 (12 anos)
D. MARIA II – «O Anfitrião», às 21.30 (12 anos)

PORTO

POVO PORTUENSE – «O Amor de uma Mulher», às 21.45 (13 anos)
REALEJO – «Memória no Espelho», às 21.45 (13 anos)
SÁ DA BANDEIRA – «Não Há Nada para Ninguém», às 21.30 (13 anos)
TEP – «Eles não Usam Smoking», às 21.45 (13 anos)

PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL.
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

6.58	3,3 m	0.17	1,4 m
19.15	3,4 m	12.28	1,5 m
Dia 20			
7.40	3,2 m	1.02	1,4 m
19.59	0,3 m	13.18	1,7 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS SEIS HORAS:

VIANA DO CASTELO	17º
BRAGANÇA	15º
VILA REAL	15º
PORTO	17º
COIMBRA	17º
CABO CARVOEIRO	17º
PORTALEGRE	15º
LISBOA	15º
ÉVORA	14º
BEJA	14º
FARO	18º
SAGRES	17º
PONTA DELGADA	17º
FUNCHAL	19º

Presos do "caso FP" apresentam lista de reivindicações

Os detidos do «caso FP», que se encontram nos calabouços da Polícia Judiciária, em Lisboa, reivindicaram ontem, a possibilidade de «uma hora de recreio, a céu aberto, todos os dias». A pretensão consta de uma lista, «aprovada por todos os presos políticos», dirigida ao director da prisão e com cópias para o juiz encarregado da instrução do processo e para a Comunicação Social.

No documento, os detidos consideram que «o recreio a céu aberto é um direito de todos os presos, reconhecido pelo próprio juiz de Instrução, no seu despacho do dia 22 de Junho» e reivindicam ainda a «porta da cela aberta, das 7 às 18 horas», já que se encontram «fechados num espaço de seis metros quadrados, durante as vinte e quatro hors do dia». Os presos pretendem também receber a visita dos advogados na própria cela, já que os causídicos «esperam cerca de quatro horas» para se avistarem com os seus clientes «e o tempo de que dispõem, na única sala disponível, não é suficiente para a assistência jurídica a que têm direito».

Por outro lado, os detidos consideram que, terminada a incomunicabilidade, «a única alteração foi a visita de quatro familiares, três vezes por semana, e o direito de receberem jornais» e exigem a «abolição do limite de familiares em cada visita» e a «posse de rádio com Frequência Modulada».

Em nome das «graves consequências para o normal desenvolvimento afectivo e psicológico dos seus filhos», os detidos pedem ainda «contacto físico com as visitas».

Paralelamente à lista de reivindicações, os presos do «caso FP» tornaram pública, através da Comissão de Familiares e Amigos dos Detidos, uma carta-comunicado na qual se afirmam ameaçados de morte se revelaram a identidade dos seus captores. Segundo eles, na operação policial que conduziu à sua detenção «foram emitadas ordens de captura em branco e mandados de busca e apreensão sem moradas».

Na carta, os presos consideram que a situação política em Portugal é de extrema gravidade. «A coberto de uma pretensa da democracia e da segurança do povo, as forças reaccionárias avançam mais um passo na escalada do aniquilamento do 25 de Abril», afirmam para acrescentar: «a caótica situação económica-financeira que o País atravessa demonstra a falência das teses tecnocráticas e dos programas de choque do FMI aplicados contra os trabalhadores». Os presos acusam o PS de implementar programas de Governo «que nunca a direita mais reaccionária e a AD conseguiram apresentar ou aplicar».

Otelo

No que respeita a Otelo Saraiva de Carvalho, o juiz Almeida Cruz dise esta manhã, ao «DL» que o interrogatório do tenente-coronel está em curso. Recorde-se que conforme temos noticiado, o estratega do 25 de Abril tem estado a ser ouvido pelo juiz encarregado do processo. O interrogatório começou na passada segunda-feira e tem-se efectuado no Forte Militar de Caxias e no edifício da Polícia Judiciária, na Gomes Freire.

Segundo a PJ

Criminalidade e actos terroristas aumentaram em 1983

A criminalidade, os actos terroristas e os crimes contra o Estado em Portugal registaram, em 1983, um aumento em relação ao ano anterior, indica um relatório da Polícia Judiciária a que a agência NP teve acesso. Ao contrário, e segundo o mesmo relatório, diminuiram substancialmente os crimes de abuso de liberdade de Imprensa e foi praticamente inexistente o aumento do tráfico e consumo de estupefacientes e psicotrópicos.

Em 1983, a criminalidade em Portugal aumentou 32,9 por cento em relação ao ano anterior, tendo atingido o valor mais elevado dos últimos oito anos. Segundo a Polícia Judiciária, os homicídios consumados continuam a registar um aumento preocupante com um acréscimo de 32,3 por cento e de 88,1 por cento em relação a 1982 e 1981, respectivamente. Por outro lado, os assaltos a bancos, embora tenham sofrido uma diminuição de 26,7 por cento, continuam com um número elevado (33), só ultrapassado, nos últimos seis anos, pelo ocorrido em 1982, em que se registaram 45 participações.

Os assaltos a estações de correio e vagões-correio registaram um acréscimo de 100 por cento em relação ao ano anterior, enquanto os assaltos a outros estabelecimentos de crédito registaram o mesmo valor de 1982.

Quanto aos actos terroristas e os crimes contra o Estado aumentaram, em 1983, segundo a PJ, 15,9 por cento em relação ao ano anterior.

Nos actos terroristas e crimes contra o Estado, a Polícia Judiciária considera as injúrias, resistência ou desobediência às autoridades, evasão e motim de presos, usurpação de funções, declarações e testemunhos falsos, abuso e excesso de poder, corrupção, peculato, contra a integridade física de pessoal diplomático, contra a segurança do Estado, rapto para tomada e detenção de reféns, detenção e tráfico de armas de fogo proibidas e outros não especicados.

Os processos que até 1982 eram incluídos na rubrica «terrorismo» passaram a ser subdivididos pelas rubricas «contra a vida, a integridade física e a liberdade das pessoas», «contra a segurança de equipamentos colectivos», «crimes com emprego de engenhos explosivos ou meios incendiários», «crimes com emprego de substâncias tóxicas ou corrosivas» e «terrorismo».

Em 1980 foi em número de 3003 os actos terroristas e crimes contra o Estado, número que subiu para 3827 em 1981, 4638 em 1982 e 5376 em 1983.

A maior rubrica dos crimes contra o Estado são as injúrias, resistência ou desobediência às autoridades, com 5.593 casos participados, em 1983, à Polícia Judiciária. A seguir vêm as declarações e testemunhos falsos, o abuso e o excesso de poder, a corrupção (62 casos) e o peculato.

Contra a segurança do Estado foram participados 28 casos em 1980, três em 1981 e dois em 1983.

Imprensa

Foram 63 os processos que, no ano passado, deram entrada na Judiciária respeitantes a crimes de abuso de liberdade de Imprensa. Em 1980, o seu número foi de 149, em 81 de 94 e em 82 de 112. No que respeita aos casos de tráfico de droga o seu número foi de 626 em 1983, contra 352 em 1980, 396 em 1981 e 469 em 1982. Os casos de consumo foram, segundo a PJ, de 640 em 1983, 693 em 1982, 637 em 1981 e 521 em 1980.

Joaquim Augusto da Costa Almeida

Missa de 7.º Dia

Hoje, pelas 18 horas, sua família manda rezar missa de 7.º Dia na Igreja do Santo Contestável

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.º PRÉMIO – 18 053 – 36 000 CONTOS
2.º PRÉMIO – 13 375 – 6 000 CONTOS
3.º PRÉMIO – 15 626 – 3 000 CONTOS

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a proxima extracção, aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA – BRAGA – PORTO – AVEIRO – COIMBRA – SETUBAL – FARO

OUTROS PRÉMIOS

APROXIMAÇÕES AO 1º PRÉMIO

18 052 –285.000$00
18 054 –285.000$00

PRÉMIOS DE 120 CONTOS

1 367; 2 402; 8 047; 9 638; 14 118; 16 285; 18 992; 19 696; 21 237; 21 550; 27 458; 27 846; 28 519; 31 089; 31 202; 32 687; 33 163; 37 213; 37 877; 38 246; 38 454; 38 460; 38 698; 40 547; 42 524; 44 144; 44 660; 45 236; 46 489; 47 897; 48 197; 52 145; 52 869; 54 651; 54 878; 59 860; 60 028; 60 188; 61 469; 64 788; 65 896; 67 227; 67 527; 67 539; 70 164; 72 704; 73 851; 74 161; 75 620; 75 658; 76 834; 79 634 e 79 646.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

15.000$00 053; 375 e 626.

15.000$00– 047; 052; 092; 107; 272; 364; 724; 824; 858; 870 e 904.
6.000$00– 03; 28 e 99.

3.000$00– 3 (terminação)

PRÉMIOS DE 6.000$00 (CENTENAS)

13 301 a 13 400; 15 601 a 15 700 e 18 001 a 18100.

NOTA: O direito aos prémios prescreve em 21 / 1 / 85

ESTA INFORMAÇÃO NÃO CONTEMPLA A ACUMULAÇÃO DE PRÉMIOS, NEM DISPENSA A CONSULTA DA LISTA OFICIAL

Lisboa, 19 / 7 / 84

CARLOS MENDES
E GRUPO
TRIÂNGULO DO MAR

AO VIVO

HOJE (19 JULHO) 21 H.
TEATRO MARIA MATOS
(ENTRADA LIVRE)

Espectáculo inserido nas comemorações do 5º Aniversário da vitória da revolução da Nicarágua

Diário de Lisboa
LER ESCREVER
Suplemento literário
N.º 169 • 19 de Julho e 1984

Notas sobre um glossário da crítica contemporânea

Maria Alzira Seixo

O «polaroid» é, de todas as formas de impressão da luz na película, a mais distante da óptica. O «polaroid» é a fotografia do **tacto.**

O «polaroid» produz imagens fixas – e por aí participa da fotografia; mas essas imagens são radicalmente superficiais – aproximação ao vídeo.

O vídeo não nos oferece nada de singular: deixa-nos ver um produto fugaz onde a singularidade, que pode ser fixada, de cada imagem, é sempre irritantemente artificial: um apelo ao movimento.

O «polaroid», por seu lado, entrega-nos imediatamente pelo «guichet» da máquina um certificado de conclusão da operação: uma obra, representação singular que possuímos e manipulamos. Uma tal generosidade imediata deve fazer-nos desconfiar: há um logro nesta boa vontade.

É verdade que podemos confrontar de imediato o motivo e a película impressionada enquanto que, para obter o mesmo efeito, a fotografia tem de ser convencida e forçada (um parto que extrai, pela química, uma imagem essencial que, só no recolhimento vampírico longe do Sol, se dá laboriosamente a ver) e o vídeo se recusa sistematicamente a fazê-lo dando-nos, pelo contrário, demasiadas imagens onde o motivo já não se (re) conhece (veja-se no filme a mulher que não quer olhar o écran onde aparece «Paixão»). A rapidez fácil do «polaroid» é um logro por duas razões: em primeiro lugar, incita a que se abuse dela: nunca o resultado parece completo ou perfeito e a facilidade do processo leva a multiplicar as tentativas – o acabado é sempre diferido; em segundo lugar, a imagem obtida, em si, não satisfaz: é sempre fragmentária e incompleta – é que o motivo continua ali, à nossa frente, distante. Aproximarmo-nos dele é multiplicarmos os polaroides; mas quanto mais o fazemos mais longe estamos. O «polaroid» deixa a descoberto uma **falta** que não é possível preencher pelos seus meios.

Enquanto que a vista funciona para o desejo com uma relativa não-ugência que a pode transformar em meio e fim por si própria, o tacto é o precipitador das convulsões. Objecto do desejo, uma vez tocado, torna-se ineludível e urgente. A fotografia ou o cinema podem fazer do motivo um classicismo do completo, satisfazer pela aura, manter a distância e criar nesta as próprias condições da fruição. O vídeo, por sua vez, é um desestabilizador da vista de uma obtusidade tão grande que acaba por também indeferir no que lhe é externo.

Mas o «polaroid» é um contacto da consciência com as coisas: um gesto-quando tocamos sentimo-nos e sentimos, autónomos e dependentes. Um «polaroid» apela a outro como uma caricia (ou uma facada) – o «polaroid» é a fotografia da cama e da carnificina. É um tiro como o que apontamos nos sonhos: produto de uma enorme precisão da vontade, da estonteadora facilidade do gesto e da infinita incapacidade de acertar. É a angústia da imagem. Nenhuma «pontaria» – nenhuma tomada de vistas em «polaroid» – esfaceia ou domina o motivo: o breve segundo do ruído do obturador não cansa, desilude ou dá a paz como na fotografia: logo a seguir a máquina ronrona e oferece um produto incompleto: esse produto, confrontado connosco e com o motivo que ainda está ali, cria a lógica do desejo, isto é, o precipício de um movimento destinado a não ter qualquer destino (mas sabemos isso, sempre de cada vez que, mais uma vez, carregamos no disparador...).

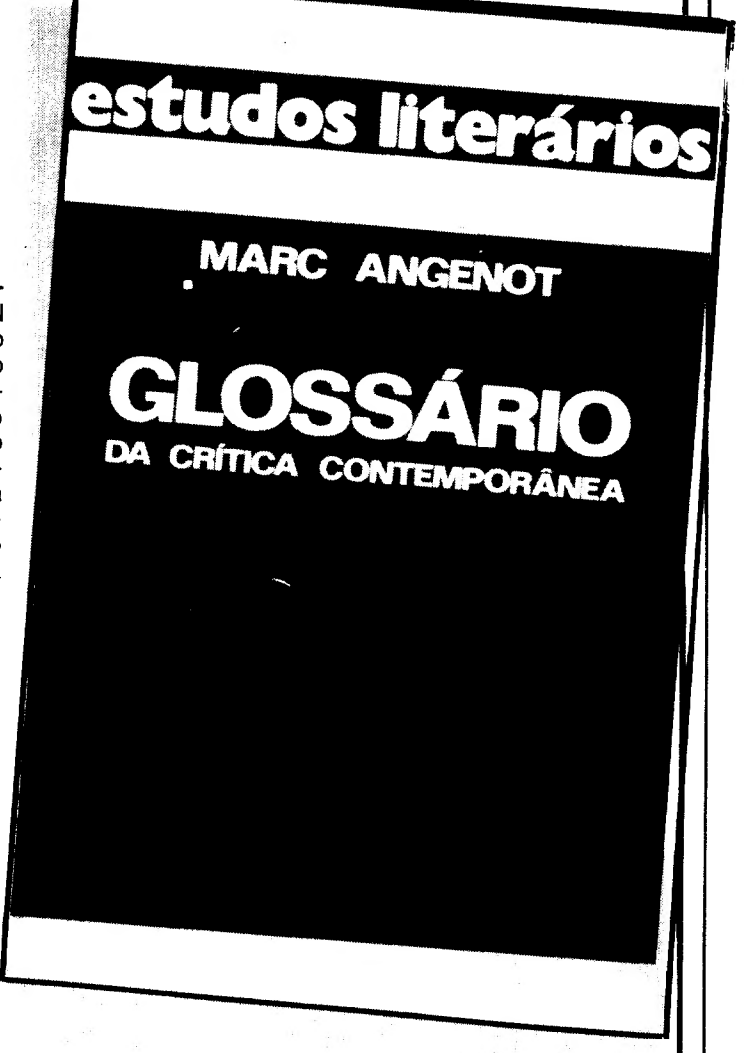
Nem horizontes longíquos de «westerns» ou telhados e ruas, nem a aura de heróis, nem o motivo distante em busca do qual parte a tele-objectiva. O «polaroid» só chega ao que está próximo, é o interior ou o segmento fugaz de exteriores. Fotografia do detalhe, ao mesmo tempo obcessiva e insatisfatória, o «polaroid» seria a pornografia se não fosse tão pateticamente dependente do real que se move, respira, está sempre à nossa frente. Com um vácuo súbito, uma disponibilidade, a reentrância carnal e espiritual que é a possibilidade de todo o desejo e de todo o sujeito mas que o «polaroid», em simultâneo, dá como **plano** (ilusão de solução) e como **pleno** (ilusão de preenchimento): o que o distingue da fotografia é, como se compreende, o desabar imediato da ilusão – a reentrância aplanada e cheia é um **vácuo.**

Podemos substituir o «polaroid» pelas fotografias; temos, então, de recorrer à perícia de um outro que não tenha, como nós, ganho o hábito do «polaroid», que não seja, como nós, um polaroidómano incapaz de satisfatórias fixações; afixamos então essas fotografias na parede, construímos mesmo para elas um altar que lhes duplique a aura.

Mas são muitas, multiplicam-se; transcrevemoss, nelas, zooms, segmentando-las, passamos por elas, rapidamente, vezes sem conta. Ao fazer com elas um cartaz não utilizamos uma mas várias. Polaroidizamos as fotografias... Procuramos desesperadamente, como quando tinhamos a câmara de «polaroid» na mão, fixar o motivo, se necessário (e se possível!) substituindo a câmara pelo corpo. E o «polaroid», em diferido como é o seu método e astúcia, prega-nos a última partida: a ausência do motivo real que agora amargamente experimentamos foi a ausência que produzimos ao polaroidizá-lo. Agora, chegou a altura de pagar. (sim, podemos telefonar, vezes sem conta, como tirávamos «polaroids»...). Entre nós e o motivo está sempre um meio; que, no «polaroid», foi o **próprio desejo,** fetichizado na máquina que o simboliza e lhe reproduz o bailado e a impossibilidade. E então choramos, desmaiamos ou vomitamos: porque «a recusa que sentimos não se exprime foneticamente» (NOTA).

De súbito, repara que, com a lógica do tacto mas sem o controlo do olhar, o «polaroid» o leva a passar do sexo à carnificina: tornado o olhar subalterno e, portanto, insatisfatório e o tacto simultaneamente chamado e impossível, o «polaroid» só pode dar lugr à espingarda, ao rompimento da angústia do sonho pela fixidez da perdurabilidade da memória. Ao disparar fixa (e definitivamente perde), a imagem, o motivo e ele próprio.

(NOTA): Rui Reininho em «Sífilis versus Bilitis», ed. ETC



EU AQUI, SEMPRE AQUI, SEM LUGAR

Silva Carvalho

COM ou sem música transfigura-se o real, a razão, o rumor.
Deitado periférico numa cama terrestre assim permaneço.
Escrevo o tumulto interior do dentro, a clivagem do fora.
Sou um estranho espelho. Já sei. E quando leio o lar lúrido
das impressões de hoje revolvo-me no terror da náusea.
A prisão não é um mito. Sinto o quotidiano no sangue
que harmonicamente passa. Gentes! Nações inteiras vão.
Bombardeado pelo tempo o sentido. Sem olhos grávidos nem amor.
Mas que fazer? Perfila-se diante a só interrogação. Escrever,
percebo difusamente, não basta. Sexo sacrificado seduz a luz.
No âmago. O alicerce possível do poder putrefacto. Este jogo.

MAS o real realiza-se no osso da modernidade inventada.
Quero revelar a minha cegueira. Apalpo os horizontes níveos.
Profiro o devasso sacrilégio do riso e do sarcasmo.
A morte mexe, mede o alcance do caos, muda a vida gasta.
Esbugalhado um destino de sofrimento e de chagas.
Quem sou? grita a loucura. Ávidos requebros na queda
da perfeição amaldiçoada. E o mito do génio. aurora.
Aí estamos. Decadência e ressaca. Brotam palavras.
Balas de armas gémeas. Simulacro de família: solidão.
Um erro engendra a sorte. Mas os dados não são lançados.
Há um outro clima. Uma página em perpétuo branco.
Dissimulo a ignorância. Onde estou? Em que mundo habito?
E suave chega a música do século. Uma casa. Um hálito.
Sim, o corpo penetra em riste o gemido feminino. Depois,
nada. Sucedem-se os dias, eu aqui, sempre aqui, sem lugar.

Diário de Lisboa LER ESCREVER

PARIS PAS CHER (IV)

Ramiro S. Osório

Yves!... Yves!... URRA!!!

Paris, Dia de Reis

Olá Zé Luís (como é que vais encontrar o **Lisboa** em Nova Iorque?).

Tal como o mano Caetano acordou uma manhã com uma antiga canção dos Beatles na cabeça, acordei hoje com aquele brevíssimo poema teu chamado salvo erro **Salem,** lido no ano passado, e que ouso traduzir de memória:

«Costumavam queimar bruxas aqui
Existe agora uma fábrica de cabos de vassoura.»

Houve um tempo em que Yves Montand **foi** John Proctor, protagonista de «As bruxas de Salem», digno oponente à psicose maccarthysta e suas quase metafóricas fogueiras. (Agora vende banha da cobra.)

Era um tempo de exílios, de falsos nomes para assegurar o direito ao trabalho, e também de delações pressionadas pela engrenagem e a chantagem do mestre cantor MacCarthy e da comissão repressora de actividades antiamericanas (à qual pertencia, por exemplo, Richard Nixon).

Elia Kazan (por exemplo) sentiu-se **obrigado** a recitar perante tal comissão o nome de alguns **antiamericanos.** Foi então muito mal visto. Há quem não o tenha esquecido. Em Paris, durante um encontro com estudantes de cinema, Orson Welles ficou literal e teatralmente fora de si quando uma estudante mencionou Elia Kazan numa pergunta que lhe dirigiu. «A senhora disse o nome de um TRAIDOR!!!... **(pausa, inspiração, desabafo controlado).** Não obstante: um grande cineasta...»

Elia Kazan sentiu-se também **obrigado** a explicar-se, mais tarde. Considerou então uma obrigação cívica o denunciar o passado quando visto como erro. O erro passado em questão não era, para ele, o ter dado o nome de camaradas – mas o ter acreditado no bem fundado de certos ideais. (Cf. a apologia da **boa** denúncia em «Há lodo no cais».) Fazia parte da sua explicação o sublinhar que só citara nomes já fichados pela (mal)dita comissão.

30 anos mais tarde (quer dizer com um atraso de 30 anos?), em **contrapartida** sem a pressão de nenhuma comissão MacCarthy, Yves Montand pecador se confessa perante uma multidão record de telespectadores. Quando o show acabou, meia noite passada (hora tardia para França) havia ainda 8.350.000 clientes. Melhor que Giscard, melhor que Mitterrand, melhor que Pelé, melhor até que o Super-Papa.

A imprensa naftalina lançou foguetes e mísseis, mandou rezar missas de acção de graças pela ovelha ex-tresmalhada. Sem surpresas para Yves Montand liberto «dessa porcaria de não querer fazer o jogo das direitas», como o disse. Consciente pois de fazê-lo.

Alguns títulos: «A boa maneira de utilizar Yves Montand», «Montand: a sua meia-volta para a direita». «É preciso bater o Montand enquanto está quente». Na sua cotação de 0 a 10, «France-Soir» atribui-lhe o máximo, para grande vergonha de Dalida e Le Pen, leader da extrema-direita envergonhada. Já no Outono, o «Figaro-Magazine» previra a aurora: «Como vai longe o tempo em que certos jornais chamavam a Yves Montand 'o agente russo', em que ele só encontrava apoio no **Humanité».**

Os partidos da oposição esfregam as mãos. O partido democrata francês até lhe propõe encabeçar uma lista para as eleições do Conselho da Europa. Uma sondagem do «Quotidien de Paris» (pão da mentira) indica 17% de intenção de voto se Yves Descendant se candidatasse candidamente às presidenciais. (Há uns anos atrás também houve a coqueluche Coluche.)

Passo a palavra ao réu apóstolo da demoGAGiacracia:

«Sim... tenho contradições – quem as não tem? Mais vale ser um comunista em Rolls Royce do que um fascista num tank. Não posso deixar de dizer ou passar em silêncio o que adveio, historicamente, quando os oprimidos chegaram ao poder. Já não é possível pensar que o capitalismo é a única fonte dos nossos males, mesmo se nos custa ter de admiti-lo. Existem canalhas sem Rolls.»

«A direita não tem programa mas sabe fazer negócios, comércio. O ideal seria que ela se ocupasse dos negócios e nós da cultura.»

«Direita... esquerda... isso não existe. É um luxo que não podemos continuar a oferecer-nos. É preciso defender a democracia. É tudo o que nos resta, rapaziada!»

Nos «Paravents», a peça de Jean Genet que grupos fascistas não conseguiram arredar de cena apesar de quotidianamente lançarem sobre os actores maçãs armadas de lâminas de barbear, um militarão adepto de «Argélia é nossa. Na Argélia está-se» diz:

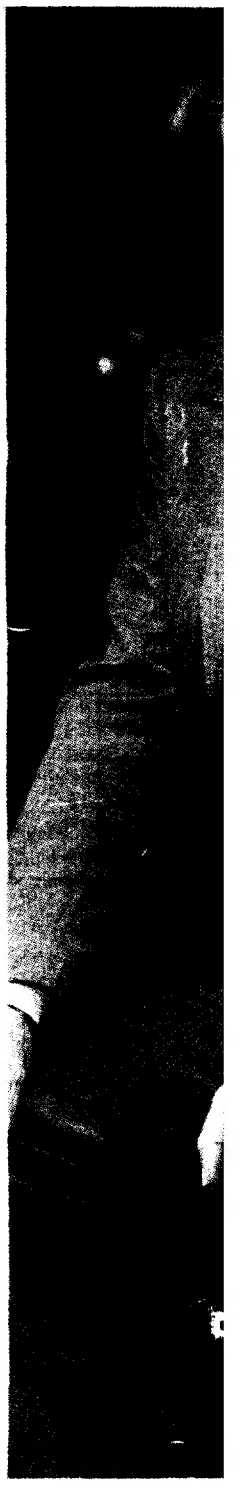
«Para salvaguardar o património do meu filho estou pronto a tudo. Inclusive o sacrifício do meu filho.»

Para salvar a **democracia,** os seus donos não veriam com maus olhos a criação de «PIDES democratas».

(Quanto à palavra democracia, quando é que as burguesias no poder e na oposição terão forças para denominar sem eufemismos o biombo-ópio incapaz de reter eternamente o futuro?)

Elia Kazan... Yves Montand... Dois pobres emigrantes tornados ricos e célebres... Dois homens de espectáculo... Dois arrenegados...

Mas não saberia terminar esta carta sem te dizer que pouco interessa que «A leste do paraíso» não seja o melhor filme do mundo (o que é isso?) – é o meu. (Talvez Dean? Sim, certamente.) Quando o vi pela primeira vez, voltei a pé para casa. Não cabia no eléctrico.



Arre Kharisma!

Tonton Yves wants you! (O Titio Yves precisa de si!)

Da ná à pedago

O Autor considera que se assiste hoje em Portugal «à oficialização da pedagogia por objectivos (PPO)» e que se generalizou a ideia de que «esta é a pedagogia por excelência, ou seja, aquela que, fundada científica e experimentalmente, melhor assegura o êxito da função pedagógica». Todavia, como anota: «...o insucesso escolar não tem diminuído. A frustração é a mesma. Mantém-se o desprazer da docência. A relação pedagógica... não melhorou.»

Para F. Cabral Pinto, o problema não é de natureza pedagógica, ou não o é exclusivamente, é de «natureza política». Neste seu trabalho discute, no plano científico, «as pedagogias que se situam nos pólos opostos das alternativas pedagógicas possíveis: a não directividade e

Ver e ser visto

Nota sobre o Voyeurismo

Prof. Fernando Guerreiro

A **Imagem** (a **visão superficial** – ou melhor, a sua superfície: a imagem com traço dessa superfície) talvez constitua a fonte do meu princípio de desejo e de **voyeurismo.** E daí, como um seu segundo termo – ao mesmo tempo termo de mediação e tropo de realização, substituto-a a minha ligação (viciosa?) com o **visto** e a pintura.

O que o olhar capta é isso: a imagem – e o seu carácter compósito de assossiação e esquisito, de imprevisto. A própria **distância** (o carácter **lacunar**) do olhar e o facto dele constituir o único suporte de uma relação de projecção (**imaginária:** pela imagem) coloca-nos desde logo numa situação de máxima **fixação** (**eleição:** de criação de corpos e de imagens) e de **depuramento** (simplificação) de tudo o que se pudesse vir a interpor entre o resultado de uma intervenção **(escolha)** o mais possível íntima e a produção de um **valor acrescentado,** descontínuo (inexistente – ou não garantido à partida) que seria sempre da ordem do irrealismo e do físico.

O **olhar espacial**, como queria Novalis, é o mais forte e cristalino e de tão irreal dir-se-ia mesmo físico (i.e., que cria, constitui o físico). Flasches, néons, facas, o olhar corta o corpo, redu-lo ao essencial, ao pormenor, ao que conta do **vivido** (num relance – que é ao mesmo tempo delimitação e criação de espaço – em que acto e objecto coincidem num mesmo **continuum,** o do visto). Daí, talvez, a minha ligação com o **voyeurismo** (que não recuso), mediada pelo cinema, a fotografia ou a pintura.

Dado o objecto, prefiro o **simulacro.** Ou melhor, confrontado com o objecto **construo** o simulacro. Resisto ao objecto e nele me (re-)invisto (**ele me é** e eu **sou o seu simulacro**), íntimo e preciso. Talvez venha daí o carácter por vezes **pânico** do meu Olhar (na dupla acepção do termo: constatação de uma constante **susceptibilidade –** nunca fixa, agredida e ferida – e ao mesmo tempo **integração, «prise»,** num mundo, **átomo,** de «películas invisíveis» – Lucrécio, **De Rerum Natura**).

A imagem, assim, como **vis** (energia) é a própria essência, **corpus,** do simulacro – que possibilita a comunicação à distância, as mutações e a **permuta** dos organismos (todos nós somos processos mutantes, simulacros. Umas vezes alegres, outras, tristes). Serve como pano de fundo **(atmosfera)** e ao mesmo tempo é a substância **(interstício)** invisível de que os corpos se criam e constituem (Eu, por exemplo, como o outro, deixo de ter **um** só corpo: sou um feixe **emissor/receptor** de imagens que me **atingem** mas que nunca se **detém** em mim – e, portanto, im-precisas).

Mudando Sujeito e Objecto – e as suas relações, enquanto lugares, com o **corpo –,** as próprias noções de **jouissance** (não tanto «prazer» como usofruto, gozo) e de **posse** mudam de estatuto: poder-se-á alguma vez falar de **posse** quando cada um de nós é um **video** (i.e., uma deformação da imagem) do Outro? Não há **posse,** no sentido usual do termo, mas choques, tangências, interferências (micro-tropismos, cataclismos).

A matéria não é só um dado de partida – à partida dela apenas temos a sua **película –** mas algo que se inventa, cria. Os corpos são uma **invenção** nossa – o que de nós há mais próprio, afinal, em todo o processo. Parte-se, assim, da matéria até que dessa vaga de fundo (ou melhor, de imagens, de superfíces) os corpos se formem, se constituam e por fim se atinjam; a matéria, assim, há que tocá-la **(vê-la)** insistentemente até que o seu sentido (simulacro) nos constitua (possua): ou seja, até que essa insistência se torne mais forte do que nós, nos force, se nos imponha como **Objecto** (matéria: já que em cada relação de Objecto conflui sempre essa multiplicidade, plural, **anónima,** de imagens e de Objectos) e finalmente nos coloque na situação de sermos nós também um monte de corpos (de objectos), de **partículas** que nos fragmentam, des-possuem (**des-personalizam –** já que deixamos de ser uma só **ficção:** de corpo: sentido: figura) mas ao mesmo tempo nos **constituem** como repositórios, reservas, não tanto espelhos como condutores (emissores?) de reflexos, **superfícies,** afinal, puros continentes (despossuídos de nenhum sentido).

Continua na pág. 4

Introdução à história da educação

Por Antoine Léon

Com base numa dupla experiência de docente e de investigador nos domínios da Psicologia e da História da Educação, o professor Antoine Léon, da Universidade René-Descartes (Paris V), situando-se numa perspectiva interdisciplinar, procura dar resposta às interrogações de todos aqueles que pretendem considerar e esclarecer historicamente os problemas pedagógicos dos nossos dias. A obra dirige-se a professores, a psicólogos, aos agentes do sistema educativo, aos responsáveis.

Definido o lugar da História da Educação no quadro das Ciências Humanas, o que constitui o objecto de primeira parte do livro, Antoine Léon consagra os capítulos da segunda parte às finalidades da educação e às noções que permitem clarificar o funcionamento do sistema escolar. Numa terceira parte é tratada a temática relativa à criança e aos seus educadores.

Edição de «Publicações D. Quixote», Lisboa, 1983.

ão directividade
gogia por objectivos

Por F. Cabral Pinto

a pedagogia por objectivos». A sua tese é a de que «a pedagogia não directiva, praticada numa sociedade de sistema capitalista, é necessariamente reprodutora desse mesmo sistema». Na primeira parte do seu trabalho mostra que a «não directividade em Portugal antes de 1974 correspondia a uma estratégia de mudança no sector da educação tendo em vista dar satisfação a exigências da fracção mais dinâmica do sector económico». Por seu turno, a tendência para a oficialização da PPO acentua-se com «governos empenhados em recuperar o terreno que a classe capitalista perdeu com a revolução».

Em menos de 100 páginas, e indicando uma bibliografia sucinta, o Autor trata sucessivamente os seguintes capítulos: «A resposta não directiva às exigências do desenvolvimento»; «A não directividade em Portugal»; «A necessidade de cientificar o ensino»; «As empresas e a luta pela sobrevivência»; «A selecção natural das culturas»; «A teoria e a filosofia de Skinner»; «A Pedagogia por objectivos: **output** do sistema».

Edição de Centelha, Coimbra, 1983

Um estudo sobre Fernando Pessoa de Fernando Alvarenga

O júri dos «Prémios Literários do Diário de Notícias» atribuiu, como foi noticiado, o prémio de 1983, na modalidade «Ensaio», à obra de Fernando Alvarenga: «A Arte Visual Futurista em Fernando Pessoa».

Fernando Alvarenga nasceu em Ermesinde, a 14 de Abril de 1930, e

estreou-se nas letras com a publicação, em 1966, de «Poemas para a Distância Quebrada». Diplomado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Luanda, permaneceu em Angola de 1969 a 1975, ali desenvolvendo intensa actividade cultural, colaborando na Imprensa e na Rádio, publicando livros, como «Hoje na Madrugada». Regressado a Portugal, licenciou-se em História pela Universidade do Porto e concluiu o Mestrado em História da Arte pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa com a dissertação «Os Afluentes do Neo-Realismo Visual Português».

Estudioso da obra de Fernando Pessoa neste estudo sobre «A Arte Visual Futurista», dedicado ao professor José-Augusto França, versa os seguintes aspectos do tema: Contextualização: Da «plasticidade» paúlica às «plasticidades» impressionista e cubo-futurista; Do Cubismo e do Futurismo ao «Futurismo» do Intersecionismo; O Futurismo na Teoria e na Estética do Intersecionismo; O «futurismo» do Sensacionismo ou da Arte-Mediação à «Arte no Homem»; o «Futurismo» do Ultimatum ou Do Homem – Fim ao Homem-Mediação.

«Editorial Notícias», Lisboa, 1984.

2 formas de Uffe Harder

Tradução de António Ramos Rosa

NADA

**Nada é uma chuva de cinzas
Nada é

Nada que ressuma entre as
|tábuas do soalho
nada que fecha as maxilas
em torno da casa
como um enorme compressor**

Nada que ressuma por entre **as
|fendas
enchete-te a garganta como
|um invisível feltro
e atesta a medula dos teus
|ossos

Nada como um beijo esma-
galdor
nada como um calafrio sob a
|tua pele
É uma silenciosa invasão de
|nada
que já terminou
é a tranquila escuridão
atrás dele
são as coisas
que morrem nas tuas mãos

É a lenta contracção
é
nada.**

CORRENTES

**1
Saí da escuridão
como se trouxesse um pouco
|dela ainda
suspensa sobre mim
Saí
levantei-me da cadeira
fui passear

Posso passear por aí livre|/
mente
Os nomes fixos
já não são fixos
os padrões firmes
já se dissolveram

2
É uma onda de luz
um fluxo de oxigénio
ligeiramente [illegible]

é uma tranquila sensação
de felicidade

sair do círculo das formas
e estar na corrente
3
Nestas formas de mármore
não se pode viver
nestas superfícies curvas
com seus jogos de sombras
nestas quase brilhantes
faces pintadas
nestes armamentos

não se pode viver
com uma consciência dentro
|delas
com um par de olhos
fitando
as formas são belas
as formas estão cheias** de
**|sentidos
mas não se pode
viver nas formas

Pode-se viver na corrente
aí encontrarás
aquilo com que se criam as
|formas.**

Uffe Harder nasceu em 1930, em Copenhague. Publicou onze volumes de poesia. Além de poeta, é também crítico e tradutor. Ganhou o prémio da União dos Tradutores Dinamarqueses, em 1968. É membro da Academia Dinamarquesa desde 1973.

Diário de Lisboa LER ESCREVER

POLAROIDÓMANOS

Will you remember Paul Snider?

Paulo Varela Gomes

OS caminhos da teoria da literatura percorridos durante este nosso século avançaram uma conceptualização abundante e uma diversidade doutrinária que, se afirmam uma riqueza de reflexão e a certeza de orientarmos com bases definidas os trabalhos empreendidos no campo das letras, provocam no entanto em muitos investigadores, e leitores de modo geral, uma certa ansiedade que se deve à consciência do conhecimento lacunar ou à impossibilidade de tudo ler e, sobretudo, no estudante, uma desorientação suscitada por um ensino necessariamente parcelar, que no entanto faz apelos a fundamentos de informação cuja carência se reconhece mas aos quais nem sempre é fácil aceder, por desconhecimento, inacessibilidade ou vastidão das suas fontes.

Esta situação levou-nos a considerar a utilidade da obra que agora se traduz para língua portuguesa, o **Glossário da Crítica Contemporânea,** de Marc Angenot (professor de Literatura Comparada na Universidade de McGill de Montréal), destinada fundamentalmente a ajudar o estudante de Letras a ultrapassar as dificuldades de leitura que as necessidades da sua preparação bibliográfica fazem constantemente surgir. Se entendermos que uma cadeira de «Introdução aos Estudos Literários» (para nos referirmos aos planos de estudos em vigor nas nossas universidades) deverá sobretudo fornecer ao estudante um enquadramento correcto do pensamento sobre a problemática literária, o manuseio dos conceitos fundamentais e não problematizáveis da análise e a informação e a prática respeitantes aos envolvimentos teóricos que mais determinadamente lhe presidem; e que uma cadeira como «Teoria da Literatura» poderá abrir perspectivas de especulação sobre os dados entretanto adquiridos, desenvolvendo a informação sempre em conformidade com um trabalho de reflexão que estimule a correcta apreensão de certas linhas do traçado teórico e a expressão crítica da sua consideração – teremos de reconhecer que ao aluno (e ao professor!) é exigida uma vasta competência nacional que no entanto apenas abrangerá parte do imenso campo teórico em que nos movemos e para o qual constantemente remetem artigos, obras, propostas doutrinárias, seminários de especialistas, todo um sem-número de discursos que nos cercam e que em princípio pretendemos decifrar.

O **Glossário da Crítica Contemporânea** pretende justamente ajudar a essa decifração, à compreensão das linguagens críticas que hoje se desenvolvem. Não é um **reader's digest** da teoria contemporânea, não é um dicionário dos principais conceitos utilizados na crítica, não é um resumo alfabeticamente organizado dos preceitos analíticos em voga que possa modelar, a uma simples leitura, o estudante **à la page** ou o crítico **up to date;** é um conjunto inventariado de tópicos, problemas ou noções que **podem constituir dificuldade** na aprendizagem e **perturbar a progressão do conhecimento** a todo aquele que lê ou estuda, pretendendo-se com a sua publicação, e através de propostas de consulta devidamente entendidas e valorizadas, diminuir tais dificuldades ou perturbaçoes; constitui, assim, um precioso auxiliar de trabalho, que remete para os textos que nesse mesmo trabalho devem ser essenciais e que de forma nenhuma poderá substituir.

Elaborado por um professor universitário pertencente a um sistema escolar diferente do nosso e que procurou corresponder a problemas específicos de uma população discente que é a sua, não será de estranhar que este **Glossário** tenha uma feição própria e caracterizada e, sobretudo, corresponda a uma formação pessoal que não se pretende apagar para a constituição de um dicionário objectivo, neutro e completo, antes se encostando à noção de auxiliar de trabalho, pequeno, manuseável, acessível, correspondente a directrizes teóricas determinadas e determináveis. Isto, que poderá ser um defeito, é, a meu ver, uma qualidade, na medida em que se parte de uma pedagogia pessoal e experimentada para se chegar à realidade primeira que não é, que nunca deveria ser, a da exposição magnífica do professor mas sim a da formação eficaz do aluno.

Por outro lado, num mundo cultural atrevessado por golpes editoriais onde a ânsia enciclopédica é explorada de forma escandalosa e onde os efeitos securizantes dos inventários explicativos determinam o seu consumo indiscriminado e pernicioso, por uma absoluta falta de qualidade e de rigor na sua elaboração, agrada-nos fazer notar o carácter positivo desta obra, de uma informação segura e de uma honestidade de concepção que a afasta das suas congéneres, decorrendo, para mais, de um campo de trabalho teórico que tem muitos pontos de contacto com o que, de modo geral, é praticado entre nós.

Ver e ser visto

Nota sobre o Voyeurismo

Continuação da pág. 3

O processo, assim, desenvolve-se da matéria (o referente ou o deíctico, brutos) para a forma (os corpos) que, tornando-se insistente (e insistindo), nos faz sentir como o que falta, ou melhor, como o que é também **a falta** de um outro objecto, o qual, numa situação de pura perda e de arbítrio profundo (não é isso o **amor?**), aceita a convergência (não coincidência) do distinto (não somos **nós** que fazemos falta ao objecto, no **amor** o que sentimos é o grande **desprendimento** do outro que aceita – e nessa medida prescinde de si, do seu auto-narcisismo – que nos convoquemos nesse que é nenhum e para nós sempre um **indevido** sítio).

É essa a superioridade da imagem ou do **voyeurismo:** não só manter presente (e em aberto) o carácter **material** (como desperdício, lastro, depósito) da criação (invenção) da forma como, mantendo-a em aberto, indiciar constantemente a questão do objecto (do referente), mantê-lo **insistente** (em si irresolúvel, íntimo, fixo).

Por fim, talvez não haja muito mais do que isso. Insistir nesse processo em si descontínuo – fragmentário quase sempre, no fundo negativo – até que, como sucede no **Estranho caso do Sr. Valdemar** de Edgar Allan Poe, em momentos de **irrealismo** absoluto, o próprio real, por detrás das suas ilusões e figuras, se incandescenda e num só magma **(imagem?)** – ou corpo, **continuum** – se/e nos (con-)funda.

(*) Este pequeno texto reelabora uma nota **de 1982, contemporânea da reescrita de textos depois publicados no** Sup. Lit.° Ler/Escrever **do** «Diário de Lisboa» **(a partir de Fev. de 1983) sobre a** representação do Nu (feminino) em pintura: **«Sobre um reflexo incontrolado e obsessivo»; «Um gabinete privado – a Escola de Fontainebleau» e «O Nu tal como o pintam» (idem). Tem relações também com um texto publicado mais recentemente: «Christine – Sucata para os anos 80» (27/6/84). A partir de Outubro-/Novembro voltamos ao tema Nu, desta vez o masculino.**